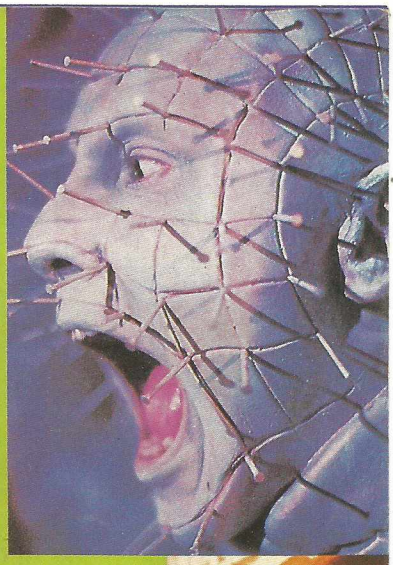
SET ESPECIAL

TERROR & FICÇÃO

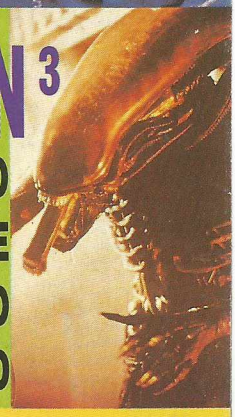
568860001 — Ed. 60T — Cr$ Cr$9.500,00

HELLRAISER III
A VINGANÇA DE PINHEAD

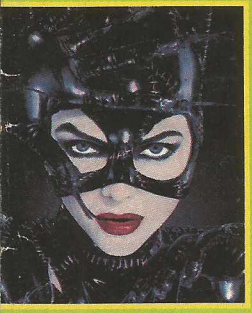
EDITORA AZUL



ALIEN 3
O NOVO ATAQUE DO MONSTRO



TUDO SOBRE BATMAN O RETORNO



O FILME
OS GIBIS
O DESENHO
...E A MULHER-GATO !!

ROBOCOP 3

FRANK MILLER REINVENTA O HERÓI

O ADEUS DE FREDDY

E MAIS
VÍDEOS
HQ
RPG

LEIA A REVISTA BIZZ.

PORQUE VOCÊ FAZ PARTE DA HISTÓRIA DO ROCK.

MENSAL

EDITORA AZUL

TERROR & FICÇÃO

Prepare seu estômago para *Retrato De Um Assassino (Henry)*, que estréia aqui em julho e é baseado no caso real de um *serial killer*, vivido por Henry Rooker (na foto). Dá para matar a saudade do *Massacre Da Serra Elétrica*

TRAILER 4
Dinossauros! Realidade virtual! Oficina do Terror! E todos os filmes que vão pintar!

BATMAN, O RETORNO 20
A continuação mais esperada da década! O filme, os gibis e a vilã mais sexy da história: Mulher-Gato!

POSTERS 29
A clássica Mulher-Gato e uma homenagem a Freddy Krueger

INVASÃO DAS CONTINUAÇÕES 33
Todo filme que tem número a gente gosta

VÍDEO 40
Planeta dos Macacos, Schwarzenegger, Jedi e todos os grandes lançamentos da temporada

RPG 50
O que é? Como se joga? Saiba tudo sobre a nova mania que está estourando no Brasil

GIBIS & LIVROS 52
Revolução nos quadrinhos americanos, novidades no Brasil, Star Trek em livro

CARTAS 56
Você escreveu, nós publicamos. E saiba o que vai pintar na próxima TF!

Bem-vindos à nova fase de *SET TERROR E FICÇÃO!* Estamos de volta e arrebentando: novo visual, novas seções, cobertura dos lançamentos em vídeo e uma abertura muito maior. Agora, além do melhor do terror e da ficção, você vai encontrar nestas páginas novidades sobre tecnologia, efeitos especiais, TV, quadrinhos, livros, *role playing games*, mais grandes matérias sobre os clássicos do passado.

Nessa edição, não tínhamos como escapar de falar dos superfilmes que estão estreando no verão americano. Além de um panorama completo de *Batman, O Retorno* e da nova batmania que promete estourar nessa temporada, damos prévias dos novos *Alien*, *Robocop*, *Renascido Do Inferno*. Sem esquecer o nosso velho amigo Freddy Krueger, claro!

Agora, mais que nunca, sua opinião é fundamental. Escreva dando sugestões, opiniões, críticas. Desça o pau! Reclame! Só assim é que vamos conseguir fazer a melhor revista possível.

Quanto ao pessoal que escreveu reclamando da periodicidade da *TF*. Olha, moçada, por enquanto estamos trimestrais. Ou seja, se esta edição está saindo em junho, você só vai ter outra em setembro. Mas — sempre tem um mas, claro —, dependendo do sucesso da revista, podemos no futuro próximo passar a ser bimestrais e, quem sabe, sonhar não é proibido — mensais?! Depende de você!

TRAILER

MEMÓRIAS DE UM HOMEM INVISÍVEL

O mestre John Carpenter ressuscita um monstro clássico, dessa vez na pele (transparente) de Chevy Chase

O homem que se veste com o manto da invisibilidade é um tema que há muito fascina Hollywood, desde que o cientista louco vivido por Claude Rains sumiu no clássico *O Homem Invisível*, de 1933. De *The Return Of The Invisible Man* (de 1940) a *Ghost*, o convívio do protagonista com um mundo que não o vê e no qual não consegue interferir — seja por efeito da ciência, seja por obra do Divino — vem sendo explorado com certa freqüência e com sucesso. Duro, porém, com tanta insistência, é encontrar um novo ponto de vista para observar um tema já bem martelado. Daí ser especialmente ingrata a tarefa do diretor John Carpenter.

A partir do livro homônimo, de 1987, e que não tem relação alguma com o original de H.G. Wells, de 1897 — Carpenter nos dá um Homem Invisível com um humor que não havia nos filmes de tema semelhante — embora esse filme não seja a comédia que seu lançamento quis fazer crer.

Ao contrário do cientista enlouquecido por sonhos de dominação, o Homem Invisível agora é um homem comum: o analista da bolsa de valores de San Francisco, Nick Holloway (Chevy Chase), que se torna vítima de um acidente no laboratório onde se escondia para descansar de uma palestra enfadonha. Ele adormece inteirinho e acorda sem reflexo no espelho.

Holloway é vítima em dobro, aliás, quando agentes do governo decidem captura-lo para ter a seu serviço o espião ideal: que ninguem vê. A seu favor, Nick tem apenas uma documentarista angelical (Daryl Hannah), com quem trava um romance tórrido na noite anterior ao seu sumiço. Confrontando com sua invisibilidade, a perseguição e a impossibilidade de achar uma cura para seu mal sem colocar o pescoço na guilhotina, Holloway precisa resolver um complicado quebra-cabeça. Sem que ninguem se dê conta de que não consegue vê-lo.

JOSÉ EMILIO RONDEAU

Os filmes que você vai ver no futuro

The Adventures of a Gnome Named Gnorm/Leprechaun Dois filmes tentam capitalizar a onda dos duendes. O primeiro leva jeito: seu diretor é Stan Winston, mestre dos bonecos (criou *Alien*, dirigiu *A vingança do Demônio*). Já *Leprechaun* é mais para terror

A Profecia 4 Minissérie para a TV, deve ser lançada em vídeo aqui

Eerie, Indiana Seriado americano de terror que não deu certo. Joe Dante dirigiu vários episódios. Pode sair algo em vídeo no Brasil

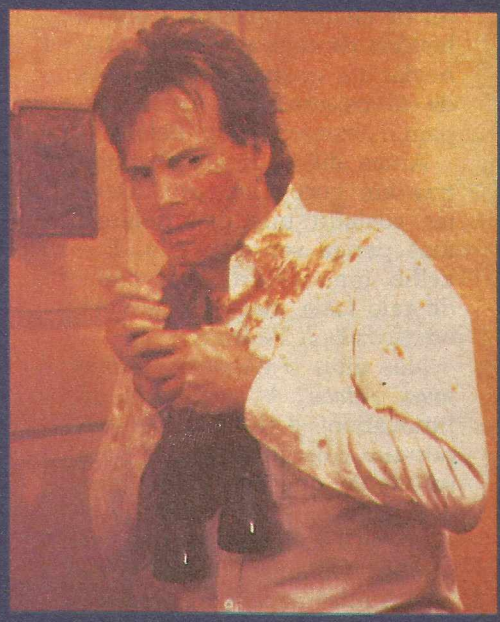
Needful Things Adaptação do mais recente super best-seller de Stephen King, dirigida por Peter Yates (*O Fundo do Mar*)

A Metamorfose, versão do clássico de Kafka dirigida por David Lynch! Essa promete. O criador de *Eraserhead, Duna* etc. conta a história do homem que vira barata logo após o lançamento em agosto/setembro de *Twin Peaks: Fire Walk with Me,* filme que "fecha" o seriado e conta a semana anterior à morte de Laura Palmer

The Devil's Daughter, novo terror italiano da equipe de Dario Argento, produzido e co-escrito por ele e dirigido por Michele Soavi

Split Second, sci-fi com Rutger Hauer e Kim Cattrall (*Jornada 6*) contra monstros em Londres

The Vagrant, terror dirigido por Chris Walas, com Bill Paxton (*Predador 2*) e o superviłão Michael Ironside (*Total Recall*)



Dick and Marge Save the World, comédia espacial com Jon Lovitz, Kathy Ireland e Teri Garr

Netherworld Terror de David Schmoeller (*Puppet Master*)

DINOSSAUROS ATACAM !!!

Spielberg, Godzilla, gibis e TV se renderam ao charme dos grandes lagartos carnívoros

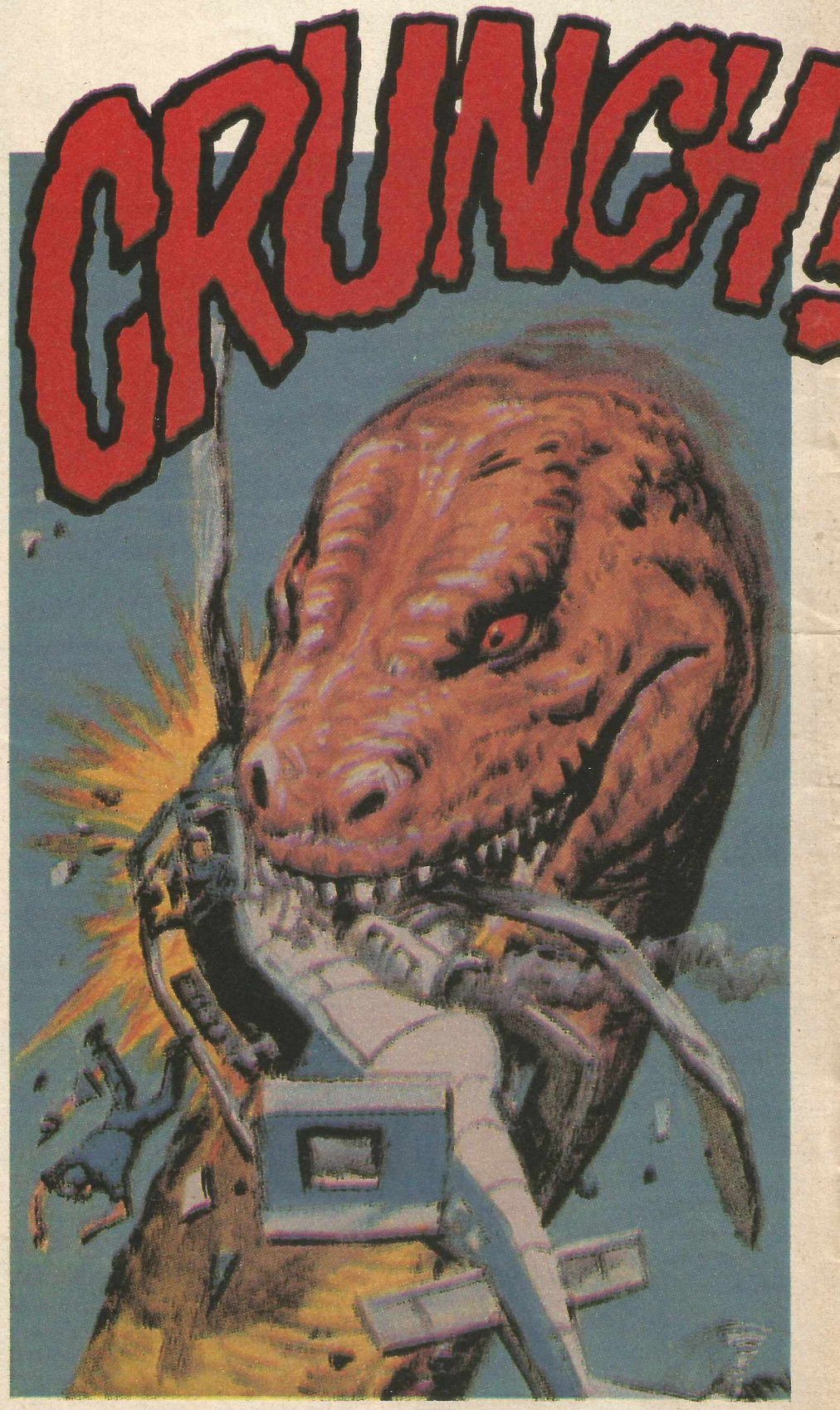
Dinossauros são legais. Porque são grandes, burros e carnívoros (nem todos, claro, mas todos os que valem a pena). E agora eles voltaram! Ao cinema, à televisão e aos gibis.

No cinema o grande lance será *Jurassic Park*. O romance de Michael Crichton (*Coma*) será adaptado por Steven Spielberg, o que garante zilhões de dólares de efeitos especiais. Conta a história de uma espécie de disneylândia ocupada por clones de dinossauros. Aí eles escapam e destroem tudo. Beleza.

Antes disso, Roger Corman traz até você *Carnosaur*. Deve ter custado uns dez dólares, mas periga ser divertido. E o velho tiranossauro com olhos de raio laser ataca Nova York em *Godzilla X Violante*.

Nos gibis o negócio é *Dinosaurs Attack*. A minissérie da Innovation é baseada numa popular coleção de cartas para colecionar que existe nos Estados Unidos. A série tem desenhos de Herb Trimpe (que fez o Hulk nos anos 70, fase Jarella). Ainda não tem previsão para sair aqui, infelizmente.

Na TV, duas séries trazem dinossauros. Uma é a nova versão do velho seriado *O Elo Perdido* (Land of the Lost). Quem tem mais de 25 lembra, é aquela que tinha o Chaka. De novo é produzida pelos irmãos Marty e Sid Kroft, mas os efeitos são muito melhores. Outra é a comédia *Dinossaurs*, que tem uma família de dinos vivendo na pré-história. Mezzo Flintstones, mezzo Simpsons e muito engraçado.



STEPHEN KING REINA SUPREMO

Dilúvio de projetos inclui nova parceria com George Romero

Os dois já fizeram os dois *Creepshow*, a série (e o filme) *Tales From The Darkside*. Agora Romero dirigiu *The Dark Half*, baseado num dos melhores livros de King, que fez o roteiro — uma espécie de nova versão para Dr. Jeckyll e Mr. Hyde.

O filme custou US$ 10 milhões e é o primeiro que George faz para um grande estúdio (no caso a Orion). No elenco estão Timothy Hutton (de *A Traição do Falcão*), como o alter ego de Stephen King, "Richard Bachman"; mais Amy Madigan *(Ruas de Fogo)* e Henry Rooker *(Henry)*.

Mais King. Já saiu *Sleepwalkers*, filme de Mick Garris *(Psicose 4)* que tem o *primeiro* roteiro original de King para o cinema. É um filme de monstro. *The Lawnmower Man*, baseado num conto do livro *Graveyard Shift*, chegou ao primeiro lugar na bilheteria americana *(leia mais sobre o filme na SET de junho)*. Os efeitos especiais são fantásticos, na linha de *Tron*. O elenco inclui Pierce Brosnan *(Nomads)*. E a Castle Rock, que fez *Misery (Louca Obsessão)*, comprou os direitos de *Needful Things*. Larry Cohen *(Maniac Cop)* está escrevendo o roteiro.

Sleepwalkers

E o troféu

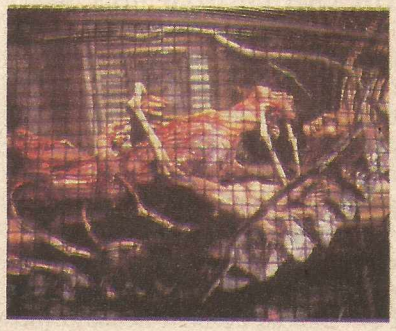
"MONSTROS MAIS REPUGNANTES"

vai para...

David Cronenberg, claro. Sua versão para o clássico beatnik *The Naked Lunch* (traduzido estupidamente para *Mistérios e Paixões*) dá lição de podridão em muito monstro frouxo tipo Jason.

A máquina de escrever que veio do inferno

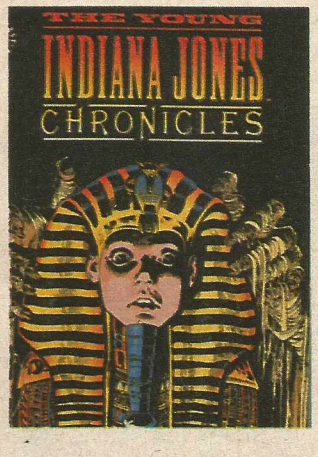
A Mosca, parte 3: vaginas voadoras



Isso é que é sexo selvagem

INDIANA NA TV

Seriado e gibi contam aventuras de Indy quando garoto



George Lucas finalmente resolveu se mexer. Ele é o produtor por trás de *The Young Indiana Jones Chronicles*, seriado semanal que está passando nos Estados Unidos e já foi comprado pela Globo. Deve estrear aqui no segundo semestre.

Na série, Indiana aparece em duas fases: criança (interpretado por Corey Carrier) e adolescente (Patrick Flannery). Ele viaja pelo mundo com seu pai, professor universitário no início do século e se envolve com os grandes acontecimentos e personalidades da época. Apesar de o orçamento não fugir *muito* da média — os episódios custam por volta de US$ 1,2 milhão cada —, o visual e a produção parecem de filme.

Logo nos primeiros capítulos, Indy cruza com Lawrence da Arábia no Egito e com Pancho Villa em plena Revolução Mexicana; aprende artes plásticas com Pablo Picasso; apaixona-se por Mata Hari; discute com Sigmund Freud.

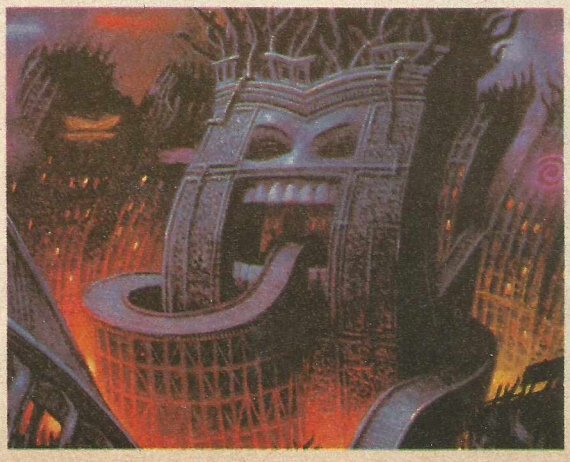
A direção geral, dá para sacar, é educacional. George Lucas, que criou Indiana junto com Steven Spielberg há treze anos, assume que seu negócio é fazer um seriado do tipo "instrui e diverte". Tanto que no futuro próximo pretende relançar a série em formato CD-Rom ou em CDI, a mídia de TV interativa.

Esse lado educacional também sobrou para o gibi *The Young Indiana Jones Chronicles*, editado nos EUA pela Dark Horse. Com roteiro e arte de Dan Barry (tradicional ilustrador de Flash Gordon e da míni *Indiana Jones and the Fate of Atlantis*), o gibi inclui sempre um texto de Kurt Busiek contextualizando a aventura. No primeiro, por exemplo, conta parte das aventuras de Lawrence da Arábia.

O jovem Indy (Corey Carrier) enfrentando a múmia de Kha

NOVIDADES NA TELONA

THE LAWNMOWER MAN Adaptação *bem* liberal de um conto de Stephen King. O original era basicamente "um homem foge de um cortador de grama (lawnmower) gigante". Esse envolve realidade virtual e o escambau. Os efeitos especiais são muito bonitos e garantiram um primeiro lugar na bilheteria americana. Com Pierce Brosnan (da série *Remington Steele*) e Jeff Fahey. Direção de Brett Leonard (do simpático filme de zumbis *The Pit*).



COOL WORLD Pode ser o grande sucesso inesperado da temporada. Combina animação e atores de verdade à maneira de Roger Rabbit, mas promete ser muito mais radical: seu diretor é Ralph Bakshi — o cara que fez *Fritz The Cat*, *O Senhor Dos Anéis*. Com Gabriel Byrne (*Ajuste Final*) e Kim Basinger. Byrne faz um cartunista que se apaixona por uma de suas criações (Kim) e acaba caindo dentro de seus desenhos.

JANE FONDA HARDCORE

Os maníacos por filmes de terror, mais chegados a uma tigela de pipoca, um vídeo, um sofá e uma garrafa de Big Coke, têm agora um bom motivo para encarar uma ginástica amiga. A gostosona Linnea Quigley de *A Volta dos Mortos Vivos* dá uma de Jane Fonda apresentando a série *Horror Workout*. São exercícios horripilantes para monstros, zumbis e assassinos seriais. Tudo para sacudir o esqueleto e deixar o cadáver em forma.

Escreva para: Cinema Home Video, 6223, Selma Avenue, Suite 123, Hollywood, CA, 90028. Preço: US$ 19.95.

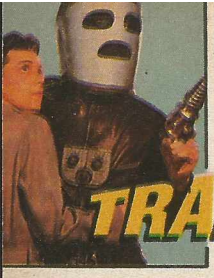
SPOCK VISITA A NOVA GERAÇÃO

Spock (Leonard Nimoy) troca figurinhas com seu "substituto", Data (Brent Spiner)

Foi no episódio *Unification*, que tem duas partes. Spock agora é embaixador vulcano. Ele aparece com a mesma cara de sempre oitenta anos depois de *Jornada nas Estrelas: A Terra Desconhecida* porque "os vulcanos vivem mais tempo". Se for passar no Brasil, vai demorar uns três anos pelo menos.

O NOVO ULTRAMAN ?

Não, mas também mata monstros. É o herói *The Guyver*, no filme baseado numa *graphic novel* japonesa. É uma produção de Brian Yuzna, com direção do mestre dos efeitos especiais Screaming Mad George em parceria com Steve Wang. O elenco é genial: Mark Hammill (Luke Skywalker), Jeffrey Combs e David Gale (ambos dos *Re-animator*), Michael Berryman (o canibal careca de *Quadrilha de Sádicos*) e a gostosa Linnea Quigley.



CENSURA DUPLA

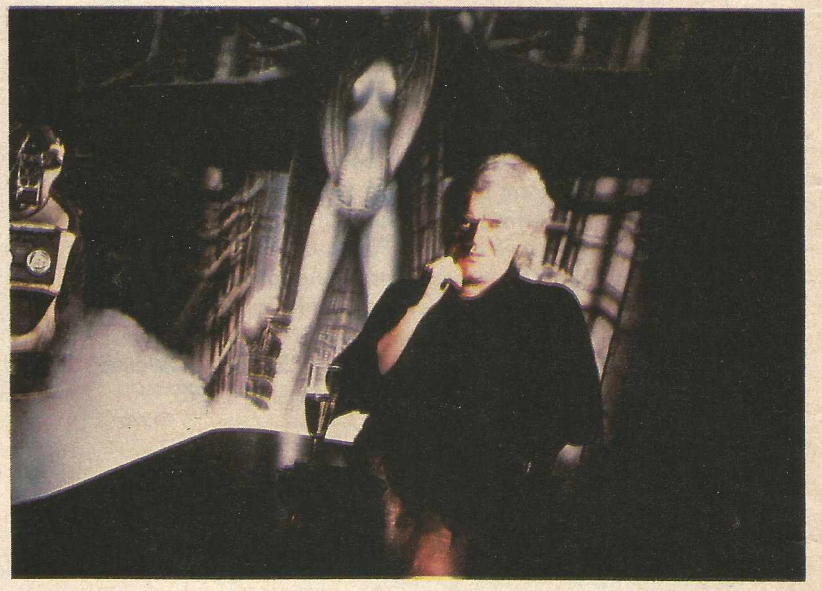
Os americanos, ao mesmo tempo que são os maiores produtores de filmes pornô do mundo, levantam paradoxais bandeiras moralistas. Filmes de terror com doses mais carnudas de sexo e nojeiras são lançados por lá em duas versões.

Uma delas, a *R-rated*, tem as cenas mais picantes cortadas. A outra, *Unrated*, não passa pelas garras funestas da censura, mas só são vendidas para maiores de 18 anos. Os principais alvos são produções de fundo de quintal, como *Death Spa*, que abusam das baixarias para compensar os efeitos especiais tranqueira. Outra vítima, bem mais ilustre, foi *Suspiria*, do diretor italiano Dario Argento.

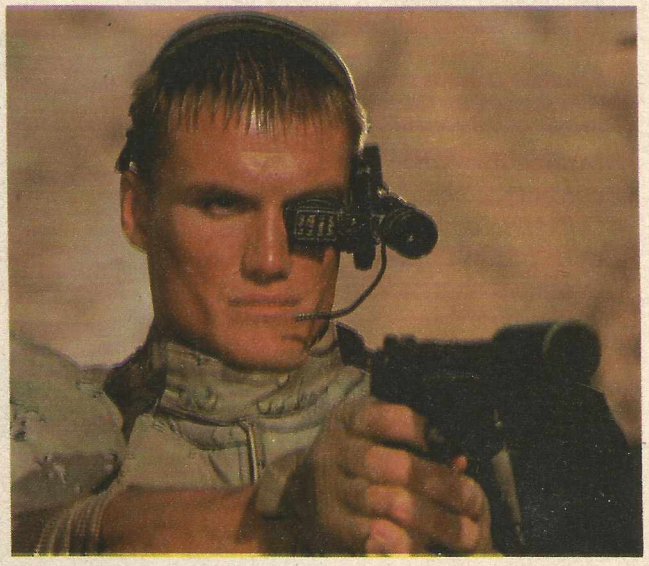
ALIEN ALCOÓLICO

Já começando a se animar para o lançamento de *Alien 3* — cujo design supervisionou pessoalmente, como no filme original —, o artista plástico suíço H.R. Giger abriu um bar. É em sua cidade natal, Chur, e chama — que original — Giger Bar. O boteco deve ser pouco aconchegante: é todo decorado com esculturas e desenhos monstruosos.

Em breve, Giger estará lançando um relógio Swatch com design "alienístico". Para completar, ele terminou o roteiro de *O Mistério De São Gotardo*. Trata da origem daqueles tradicionais monstros meio máquina meio humanos, os Biomechanoids, que aparecem nos desenhos de Giger.



DUELO DE TITÃS



Se porradas futurísticas deram certo para Schwarzenegger, por que não para outros brucutus? Essa é a lógica por trás de Universal Soldier — mas a coisa não pára por aí. Primeiro porque Dolph Lundgren versus Jean Claude como soldados cyborg do futuro é uma escalação perfeita. Depois, o diretor é Roland Emmerich, mesmo do bom *Estação 44*. E o orçamento (e portanto os efeitos especiais) são decentes, US$ 15 milhões. Mais detalhes na *SET* de maio, que ainda deve estar nas bancas.

TECNOLOGIA ALUCINANTE

Os revolucionários videogames do futuro, hoje

Em Tóquio, o senhor e a senhora Masawata vão ao shopping. Entram em um showroom de cozinhas da Matsushita, colocam óculos especiais, luvas eletrônicas e passeiam por várias cozinhas protótipos. Abrem e fecham portas. Mudam móveis de lugar. Só que o senhor e a senhora Masawata estão andando em uma sala vazia. Os fogões e as geladeiras que eles estão vendo são imagens 3D geradas por computador.

Enquanto isso, em Chicago, Sue, Bob, Carol, Ted, Tom, Dick e Harry estão em uma sala de treinamento, recebendo instruções do coronel Ashtray. Eles são informados sobre as condições climáticas do campo de batalha e sobre a posição de seus inimigos. Depois cada um entra no cockpit de seu BattleMech, enormes andróides com armas de grande capacidade destrutiva no lugar das mãos. A batalha se inicia.

Em que ano eles estão? 1992, é claro, o ano em que a realidade virtual se tornou uma possibilidade comercialmente viável. O ano da descoberta do ciberespaço pela arquitetura, pela medicina, pelo comércio e, principalmente, pelos fliperamas.

MELHOR QUE LSD

A comparação entre a realidade virtual e o ácido lisérgico não é gratuita. Os dois têm o mesmo efeito: distorcem a capacidade do consumidor em distinguir a realidade da fantasia. A diferença é que o segundo é ilegal e mais caro. Para experimentar a emoção de participar de uma batalha de robôs em um planeta distante no Battletech Center em Chicago você precisa de apenas sete dólares.

A zona crespuscular entre a realidade e a ficção começa a tomar conta quando você é fechado dentro de um cockpit, tendo à frente dois monitores, uma infinidade de botões, um microfone transmissor e pedais que farão seu Mech andar.

Você aciona os pedais e anda em direção a uma porta de garagem, que abre para uma paisagem desolada, ruínas de uma civilização destruída, dois sóis brilhando na linha do horizonte. É um imenso campo de batalha gerado por computador. Mas a diversão começa mesmo quando outro Mech entra em seu campo de visão. É o paintball do futuro.

Podem jogar até oito participantes em uma batalha, divididos em dois times (vermelho e verde). Você pode conversar com os membros de sua equipe pelo rádio. Tudo é interativo. Se você vê um Mech na tela e atira nele, o outro piloto vai ver os mísseis vindo em sua direção no mesmo instante.Você ganha pontos de acordo com sua pontaria e o número de tiros que levou. Cada batalha dura dez minutos. Se o seu Mech for destruído durante o jogo, você ganha um miniMech como prêmio de consolação e pode continuar jogando.

Mas não será preciso ir até Chicago para participar de batalhas virtuais. Elas virão até nós. No início do ano, duas empresas de softwares de videogames, a Spectrum HoloByte e a CyberStudio, lançaram o Virtuality Entertainment System, a primeira máquina de fliperama virtual. Ela tem dois modelos. O primeiro é um cockpit para jogos de simulação de corridas ou naves. O segundo é uma plataforma onde o jogador fica em pé, com um capacete de pouco mais de um quilo na cabeça e um joystick na mão. Um cenário formado por polígonos é projetado em uma tela de cristal líquido no visor do capacete. O cenário é controlado por computador e acompanha os movimentos de cabeça do jogador. No primeiro jogo lançado para esse sistema, *Tactyl Nightmare*, você participa de um safári antediluviano, onde é atacado por pterodátilos.

HEINAR MARACY

Um "piloto virtual" testa o videogame do futuro

PODREIRAS DO BORIS

Roaaaaaaaaarrrrrrrghh...

Lembra daquelas vezes em que você quase conseguiu me ver, seu calhorda? Uma sombra passando pelos cantinhos... Lesma! Você é muito lerdo. Sempre que virou eu não estava mais lá. Tente de novo, babaca.

Aqui! Atrás da TV. Agora embaixo da poltrona. Dentro do armário!

Falando em armário, eu lembro do filme do meu primo, *O Monstro do Armário*. Ainda não assistiu? Pois devia. Quem dirigiu essa maravilha "romântica" foi a dupla de "bonzinhos" Lloyd Kaufman e Michael Herz, da produtora Troma. Sabe qual é? Aquela que fez os filmes daquela lindeza que é o Toxic Avenger.

Coisa fina! O monstrolão se teleporta de um armário para outro, sempre barbarizando os otários dos humanos. E não vá pensando que ele é do tipo coração mole .

Se for corajoso mesmo, experimente fuçar nos cantinhos das prateleiras de terror. Vá afastando as teias de aranha e tente encontrar *Hard Rock Zombies*. Esse filme é a coisa mais engraçada e vagabunda que já lançaram em vídeo. Acredite se quiser: tem até anão morto-vivo nazista.

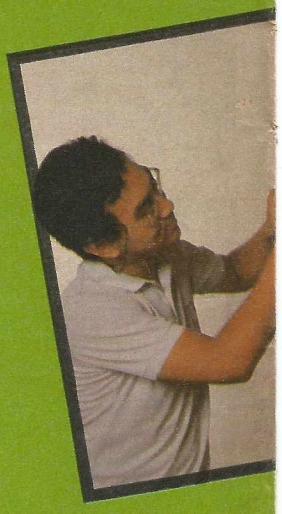
Ah, o querido não gosta de vídeo. É mais um RPG? Então siga a receita do titio Bóris: — Junte sua cambada e um monte de fantasias bem monstruosas. — Escolha um lugar público para barbarizar. Vale supermercado, casa noturna, ônibus... — Prepare um roteiro e escolha um trouxa para ser o mestre. — Pronto. Viva a aventura na própria pele. Este tipo de RPG é tão legal que até a polícia, que não é muito chegada a brincadeirinhas, vai querer participar. Se você for parar na cadeia, está desclassificado.

BÓRIS IGOR-VLAD

OFICINA DO TERROR

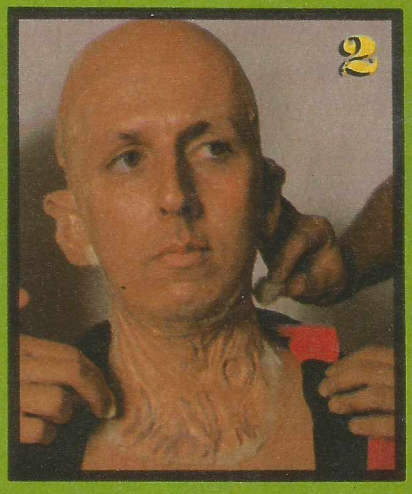
FAÇA

O recém-falecido Mestre dos Pesadelos teve a aparência bastante alterada ao longo dos seis filmes. Sua maquiagem foi originalmente criada por David Miller, mas talvez tenha sido Kevin Yeagher (responsável pelos Pesadelos II, III e IV) que deu ao personagem seu visual mais aperfeiçoado. De qualquer forma, aqui vai uma homenagem póstuma a este que foi um dos maiores monstros da última década. Para nossa recriação demonstrativa, procuramos seguir de perto as mesmas etapas pelas quais o ator Robert Englund é obrigado a passar, a cada novo dia de filmagem. As peças que usamos são feitas de um material tão flexível quanto pele real e obtidas através de molde do rosto do modelo, escultura do formato desejado, e moldes dessas esculturas.

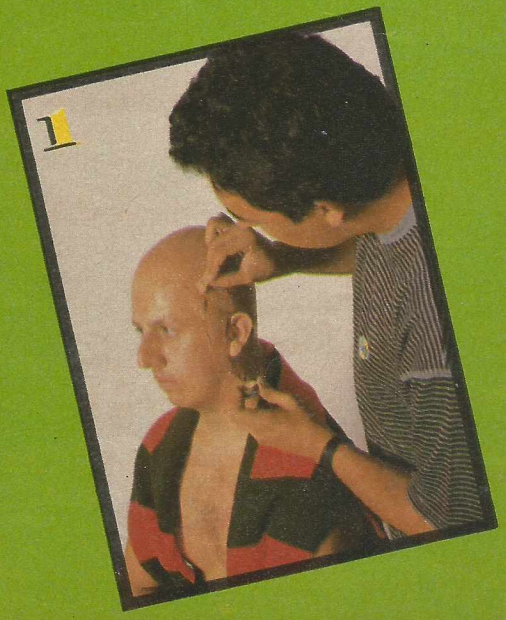


Modelo:
Aldo
Fotos:
Carlos Mancini/Azul

Maquiadores:
Wagner Fukuhara
Alexandre (Buba) Camargo
Reinaldo (Cancro) Faria

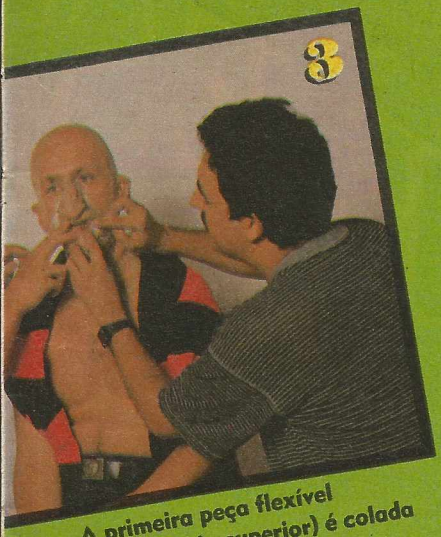


Outras peças são fixadas: pescoço e ambas as orelhas.

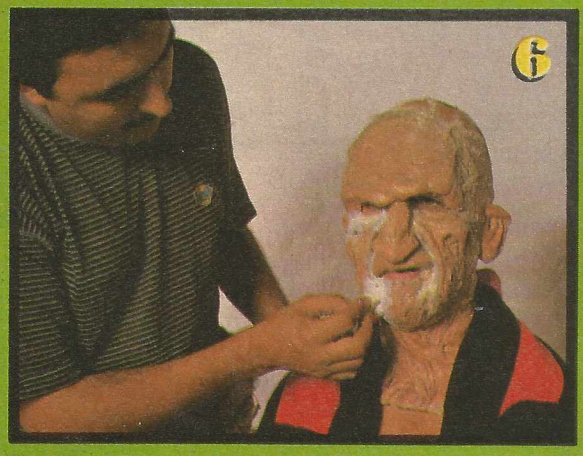


Começamos a maquiagem com a aplicação de uma touca de látex, que esconde todo o cabelo. Suas bordas são coladas à pele com goma-laca.

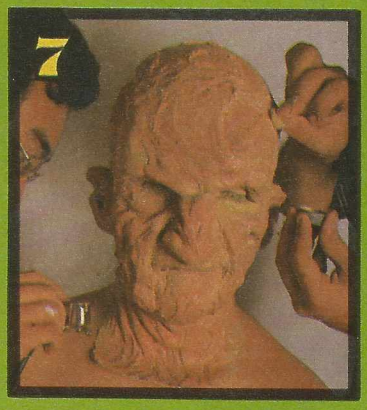
SEU FREDDY



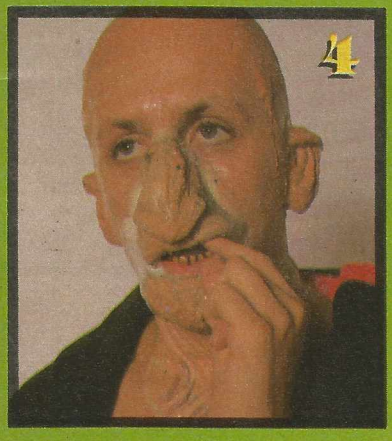
A primeira peça flexível (nariz e lábio superior) é colada no lugar, sempre com goma.



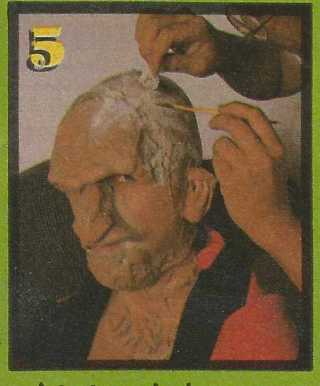
As laterais do rosto são aderidas. Adicionam-se algumas cicatrizes à cabeça, com algodão e látex.



Uma tinta à base de borracha é aplicada sobre todo o rosto e a cabeça. A seguir, serão pintados os detalhes mais finos, com aerógrafo.



Com a fixação do queixo, a fisionomia já está bem alterada. Fixam-se, também, as dentaduras, feitas de acrílico.



A testa assinala a semelhança crescente com Freddy. Mas há muito pela frente.

8

E aqui está. Depois de quatro horas de trabalho paciente e com a adição de blusa e luva adequadas, nosso Krueger está pronto, para provar que o sonho ainda não acabou. Durma em paz, F.K.!

ME EST

Isso é que é pesadelo para os fãs: o maior monstro dos anos 80 finalmente foi assassinado por seus criadores! Aqui, o adeus definitivo a Freddy, e as razões de bastidores para este trágico final

TREPE!!!!!

PESADELO FINAL

Vamos direto ao assunto: o que seria do dr. Haniball "Caniball" Lecter, o psicopata de *O Silêncio dos Inocentes*, cruelmente interpretado pelo brilhante Anthony Hopkins, se não fosse Freddy Krueger? Aquela ponta de ironia, o sarcasmo, o jogo da sedução e o humor.

Já que a produtora New Line resolveu acabar com a festa dos fãs de Krueger, com este *Pesadelo Final — A Morte de Freddy*, seria oportuno registrar que a academia de cinema de Hollywood, muito certamente, não teria dado o Oscar de melhor filme para uma obra de terror se as produções do gênero não tivessem tido calorosa aceitação por parte do público, em específico os mais jovens. A academia não é boba. É como diz o velho ditado: "Se você não consegue vencê-los, junte-se a eles".

OK, esse preâmbulo todo é para falar sobre a importância de *A Hora do Pesadelo*. Não é exagero algum afirmar que Freddy Krueger é o equivalente de Bela Lugosi dos anos 80. Aquela sofisticação e elegância do *Drácula*, de 1931, ganhou uma apropriada revisão de métodos e figurino na pele queimada de Freddy. Curiosamente, mesmo aqueles que não gostam de terror jamais se recusam a reconhecer o valor de um Bela Lugosi, mesmo sabendo-se que o cara era meio canastrão. O que importa é a imagem que ele trabalhou, assim como Robert Englund o faz(ia). Freddy Krueger virou uma instituição universal, uma *trademark*. As legiões de fãs pelo mundo todo estão aí para provar o fato.

É uma pena que os executivos da New Line resolveram terminar com a série. Por ironia do destino, as entrevistas dadas pelo produtor vitalício Robert Shaye, a novata diretora Rachel Talalay e o ator Robert Englund estão cheias de saudosismo, e de frases tipo, "puxa, isso aqui é como se fosse uma família" etc.

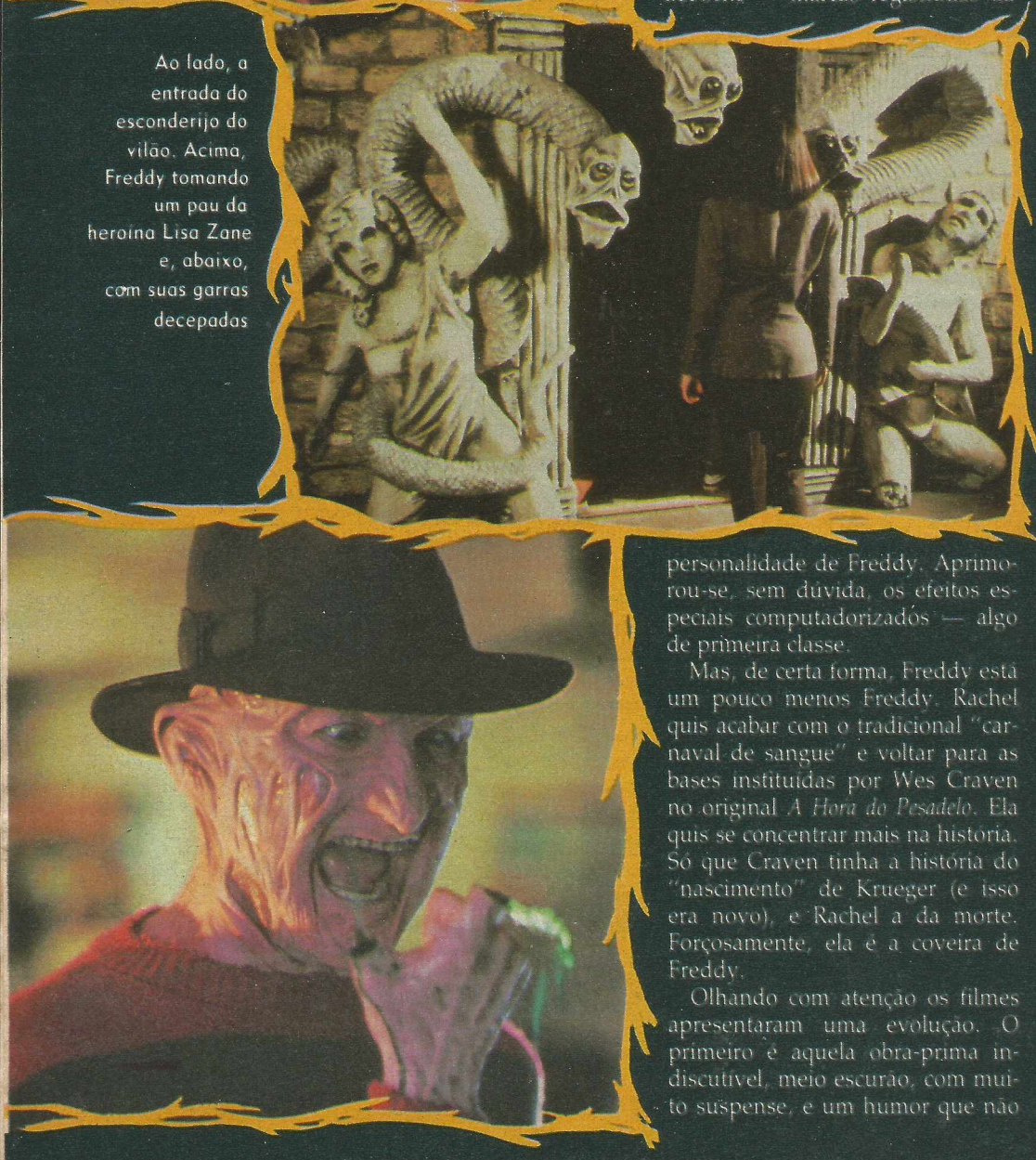
Lança-se aqui a grande questão: se a equipe técnica estava assim coesa; os custos dos *Pesadelos* nunca chegaram à cintura dos orçamentos de qualquer filme médio em Hollywood (20 milhões de dólares); e o retorno financeiro sempre foi garantido: em todo planeta, o faturamento entre bilheteria, venda de fitas cassete, camisetas, chapéus, garras, bonecos etc., chegou à casa dos 460 milhões de dólares, por que acabar com tudo? Para qualquer garoto, isso é a mesma coisa que fechar uma empresa que dá lucro. Nessa época de crise? Qual é a da New Line? Os caras devem estar com dinheiro saindo pelo ladrão, pois é muita grana vindo pela garra de Freddy.

O silêncio dos não-inocentes, ou melhor, da diretoria, não fornece razão alguma, apenas sorrisinhos amarelos, e uma indisfarçável dor no coração de Robert Englund que sai pela tangente ao dizer: "Estou ansioso em voltar atrás e rever todos os *Pesadelos* e tentar compreender o que isso tudo significou". Apesar de parecer um pouco dramático, o cara tem razão, pois "só mesmo um distanciamento de uns 20 anos para que a série possa ser devidamente reconhecida".

Talvez Freddy Krueger devesse ser morto dentro do clima dos outros episódios onde ele parecia bem mais à vontade. Sem querer jogar pedra no telhado da diretora Rachel Talalay (afinal, poder ver um novo *Pesadelo* é sempre um prazer, independentemente de um ser melhor ou pior que o outro), o que qualquer Freddy-fã percebe é que o ritmo da história baixou RPM, e até a maquiagem feita pelo experiente David Miller, que cuidou da carranca do bicho no primeiro e quinto filmes da série, deixou a expressão de Krueger mais suave.

Rachel foi discípula de John Waters, trabalhando como assistente de produção e produtora de alguns de seus filmes, e também tocou a produção de todos *A Hora do Pesadelo*. Admitiu, ao filmar a última saga, que dar continuidade ao trabalho dos diretores anteriores, desde Wes Craven (o pai da criatura), Jack Sholder (*The Hidden* e *Pesadelo 2*), Chuck Russell (*A Bolha*, 1988, e *Pesadelo 3*), Renny Harlin (*Duro de Matar 2* e *Pesadelo 4*) e, por último, Stephen Hopkins (*O Predador 2* e *A Hora do Pesadelo 5*) era algo que a intimidava.

Obrigatoriamente, Rachel teria que sair com algum diferencial — e conseguiu. Conforme sua declaração, ela "não queria que as pessoas considerassem esta apenas mais uma seqüência. Eu quis que este filme tivesse um outro sentido". O que ela quer dizer com essa declaração um pouco ambígua é que seriam colocados menos adolescentes gritando ensangüentados na história, e que haveriam adultos protagonizando a ação. Tanto é que, neste sexto *Pesadelo*, a garota que enfrenta Freddy, Maggie (Lisa Zane), beira os trinta anos e parece meio tia dos adolescentes carne-para-matadouro no filme. E tem um psicólogo que cuida da garotada "desparafusada" por Freddy, interpretado pelo excelente Yaphet Kotto, que impõe um respeito legal. É essa dupla que deixa Freddy Krueger com cara de ovo, o que faz logo a gente pensar: "Puxa,



Ao lado, a entrada do esconderijo do vilão. Acima, Freddy tomando um pau da heroína Lisa Zane e, abaixo, com suas garras decepadas

dessa vez o velho Fred vai se dar mal mesmo".

Fazer o quê? Estava tudo no script. Como reza o slogan do filme, *Eles Deixaram o Melhor Para o Final*, esse "Final" pode ser entendido como a última morte de Freddy, os quase quinze minutos finais em 3-D (afinal, o desaparecimento do ídolo merecia mesmo uma certa pompinha), e uma ação um pouco mais lenta e concentrada na construção psicológica dos personagens. Com menos correria, gritos e sustos. O fã, acostumado com aquele "trem-fantasma de horrores", típico das aventuras de Krueger, pode estranhar um pouco. A diretora Rachel Talalay procurou diminuir um pouco aquele senso de humor macabro, as piadinhas na hora das execuções, e o deboche — marcas registradas da personalidade de Freddy. Aprimorou-se, sem dúvida, os efeitos especiais computadorizados — algo de primeira classe.

Mas, de certa forma, Freddy está um pouco menos Freddy. Rachel quis acabar com o tradicional "carnaval de sangue" e voltar para as bases instituídas por Wes Craven no original *A Hora do Pesadelo*. Ela quis se concentrar mais na história. Só que Craven tinha a história do "nascimento" de Krueger (e isso era novo), e Rachel a da morte. Forçosamente, ela é a coveira de Freddy.

Olhando com atenção os filmes apresentaram uma evolução. O primeiro é aquela obra-prima indiscutível, meio escurão, com muito suspense, e um humor que não tem um fim em si mesmo. O segundo é meio desencontrado, mas tem uma história interessante e uma ligação com o anterior. A partir do terceiro começou-se a desenvolver os melhores efeitos especiais, e reuniu, além do próprio Craven na equipe, os melhores atores da série — a volta da atriz Heather Langenkamp, do primeiro *Pesadelo*, e Craig Wasson, de *Double de Corpo*. O quarto episódio não deu nenhum salto de criatividade em termos de história e efeitos especiais, mas mantém o nível da série. É no quinto filme que as luzes ficam mais soturnas, o cenário é gótico, a maquiagem de Freddy, feita por David Miller, é mais cavernosa, e o ritmo da edição puxa para o videoclip.

A trama deste derradeiro *Pesadelo* ganha pontos por fazer a ligação biográfica de Freddy. Já havíamos sido devidamente apresentados à sua mãe, a freira Amanda Krueger. Aqui conhecemos o paizão-carrasco, interpretado pelo alucinado Alice Cooper, e a filhona de Freddy. Aliás, entre Krueger e a filha percebemos um complexo de Elektra bem mal resolvido. Um certo erotismo foi colocado na mistura geral.

Não é novidade alguma contar que Freddy morre no final do filme. Como de resto em todos os anteriores. Mas, até que algum executivo da New Line resolva ressuscitá-lo, não haverá outra morte. É a morte da morte. Ficar conjecturando se ele volta ou não é bobagem. O grande barato é ver o filme. Fica o prazer de ver e rever *A Hora do Pesadelo* (a obra completa), *over and over again*.

Quem será o próximo a ocupar o patamar ativo de Freddy? O próprio Wes Craven criou o assassino serial Horace Pinker, em *Shocker*, mas acabou não (de)colando. Jason Vorhees continua atacando na *Sexta-Feira XIII*, mas ele não tem o perfil de Freddy, e apenas uma máscara, qualquer um pode interpretar Jason sem prejuízo para a série. O mesmo não poderia acontecer com Freddy, ele sempre dependeu de Robert Englund.

Os demais são Chucky, Pinhead e Michael Myers. O negócio é esperar para ver quem receberá a coroa do maníaco de *Elm Street*.

WALTER DE SILVA

O NOVO PESADELO DE ENGLUND

Englund como Blackie no novo seriado de TV de Wes Craven, *Nightmare Cafe*; à direita em *O Fantasma Da Ópera*, que chega aos cinemas daqui em agosto

Não é o fim do mundo, mesmo. Pelo menos para o astro de *A Hora do Pesadelo*. Quem pensa que Englund só sabe fazer Freddy Krueger está enganado. Criado na Califórnia, Englund começou a atuar com 12 anos. Foi quando interpretou *Peter Pan* e *Pinnochio*. Depois de muita batalha, ele foi aceito na Royal Academy of Dramatic Arts da UCLA. Nessa época, Englund estudava de dia e fazia teatro à noite. Em 1972, trabalhou na produção de *Godspell*, e aos 25 anos já havia interpretado muitas peças de Shakespeare.

Seu primeiro filme foi *Buster e Billie*, em 1974, de Daniel Petrie. Dois anos depois ele fez *Stay Hungry*, de Bob Rafelson, ao lado de Schwarzenegger e Jeff Bridges. Também esteve junto de Henry Fonda em *The Last of the Cowboys*, e ainda trabalhou em *Nasce uma Estrela*, de Frank Pierson, entre vários outros filmes.

Grande parte do trabalho de Robert está na TV americana, em filmes como *Hobson's Choice*, *The Fighter*, e *Young Joe: the Forgotten Kennedy*. Englund também dirigiu alguns episódios de *Freddy's Nightmare* para a TV, e parte deles podem ser encontrados nas locadoras. Antes de fazer seu *debut* como diretor, em *976-EVIL*, ele fez o papel principal em *O Fantasma da Ópera* (1989). Robert Englund não tem muito tempo para chorar a garra abandonada, pois sua agenda está cheia: ele termina *Terror of Manhattan*, filmado na Rússia; voltou a trabalhar com Wes Craven na série para TV *Nightmare Cafe*; e ainda tem seu projeto pessoal, *Wicked Flesh*, que não é um filme de terror.

A série *A Hora do Pesadelo* abriu as portas do futuro deste rapaz de sorte e trabalho. *W.S.*

O QUE ENGLUND ACHA DE FREDDY EM:

Pesadelo 1
"Freddy Krueger realmente é um clássico bicho-papão"

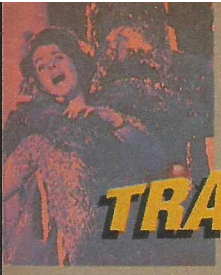
Pesadelo 2
"Freddy é a encarnação física de alguns de nossos mais profundos e intrigantes pavores"

Pesadelo 3
"A idéia de Freddy, como um anti-herói de quem todo mundo tenta escapar, está muito mais bem colocada aqui"

Pesadelo 4
"Quando chegamos ao *Pesadelo 4*, Freddy tinha se tornado tão confortável quanto um sapato velho. Eu conhecia o personagem bem o suficiente para entrar e sair dele com grande facilidade"

Pesadelo 5
"Este *Pesadelo* não é muito considerado pelos fãs, mas, à sua maneira, provavelmente é um dos mais básicos da série, primal mesmo. Ele mostra Freddy agindo de acordo com sua própria concepção verdadeiramente cruel"

Pesadelo 6
"Interpretar Freddy, desta vez, é como obedecer a uma dança. Todo mundo fica se movimentando pra lá e pra cá, procurando o momento certo, e então POW! O grande susto"



A MORTE RONDA A FICÇÃO

O universo da FC ficou menor com a morte de três de seus mais notórios criadores

GENE RODDEMBERRY

Com a morte de Gene Roddemberry, em setembro do ano passado, encerra-se toda uma era da televisão americana.

Texano de El Paso, onde nasceu em 19 de agosto de 1921, mudou-se para Los Angeles ainda na juventude para estudar Engenharia na conceituada UCLA.

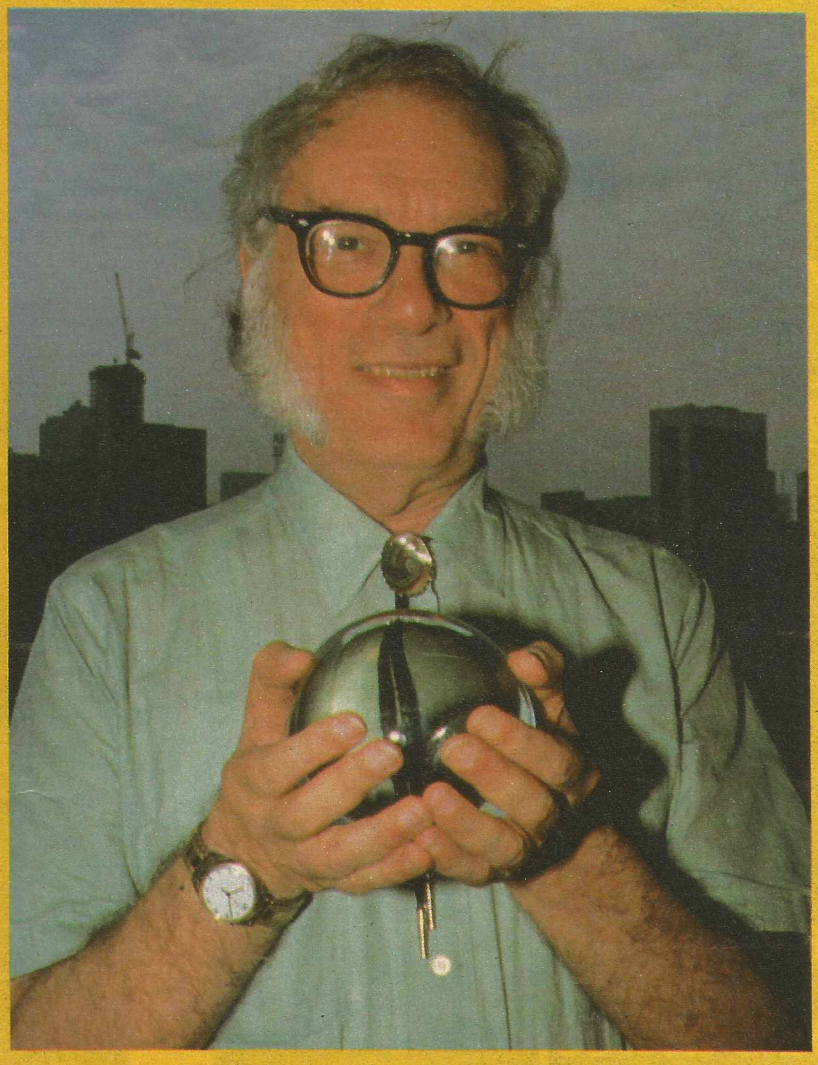
Piloto de B-17 durante a Segunda Guerra, começou nessa época a escrever histórias curtas e poemas para várias publicações, como o *The New York Times*. Após a guerra, foi sucessivamente piloto de aviação civil, policial e roteirista de TV.

Entre os principais trabalhos desse período, destacam-se roteiros para *Dr. Kildare*, *Cidade Nua* e *Paladino do Oeste*. Finalmente, no começo da década de 60, teve a oportunidade de produzir sua própria série, *The Lieutenant*. O seriado ainda estava sendo exibido quando os executivos da MGM lhe pediram que criasse um novo programa semanal. Nascia assim o embrião de *Star Trek*.

Mas a nova série só iria ao ar em setembro de 1966, depois de vencer a resistência dos produtores. O seriado conseguiu sobreviver por três temporadas, sobretudo pelo carisma de seus personagens.

Com o cancelamento de *Star Trek*, Roddemberry dedicou-se a outros projetos para a TV, mas nenhum deles vingou. No final da década de 70, ele voltaria a se envolver com o universo *trekkie*, produzindo o primeiro de seis longa-metragens (até agora!) para o cinema, bem como outra série de sucesso, *A Nova Geração*. Um fenômeno que deverá sobreviver por muito tempo ainda sem seu criador, já que pode vir por aí um novo seriado de televisão: *Deep Space Nine*, passado no universo da *Nova Geração*.

ISAAC ASIMOV



Embora sua contribuição ao cinema tenha sido tímida em comparação com seus dois companheiros, a influência de Asimov nessa área é muito maior do que se costuma pensar, e vai de clássicos como *O Planeta Proibido* (1956) a sucessos como *O Exterminador do Futuro 2* (1991).

Filho de judeus russos, Asimov nasceu em Smolenski, na ex-URSS, em 1920, e emigrou para os EUA três anos depois. Em meados da década de 30, começou a escrever para revistas *pulp* (publicações baratas), como *Amazing Stories* e *Astounding Science Fiction*. Já aos 20 anos, consagrou-se com o conto *Nightfall*.

Mas só foi aceito entre os grandes autores de FC em 1942, com o lançamento do primeiro volume de *Fundação*, uma ambiciosa saga futurista envolvendo um imenso império intergaláctico, inspirada na história do Império Romano. O sucesso desse primeiro livro encorajou-o a reunir em um só volume vários contos sobre robôs positrônicos que havia escrito anos antes. Surgiu assim sua obra mais popular, *Eu, Robô* (1950), em que decretava as famosas "três leis da robótica". A partir de então, tornou-se uma espécie de especialista no assunto, dedicou muitos ensaios a esse e outros temas; acabou ficando ainda mais conhecido por seus ensaios (sobre temas tão diversos quanto marketing e a *Bíblia*).

Formado em Ciências pela Faculdade de Colúmbia, Asimov trafegou livremente entre a ficção e a divulgação científica, sempre manifestando sua fé inabalável no poder da ciência e no progresso da humanidade.

"Se eu não puder explodir o mundo nos primeiros dez segundos, então o espetáculo está acabado!"

Nascido em Nova York, em 1916, Allen foi para a Costa Oeste dos EUA, no final dos anos 30, tentar a sorte como jornalista e radialista. Depois da Segunda Guerra, passou a produzir *westerns* e comédias para a RKO, com astros como Frank Sinatra e Groucho Marx.

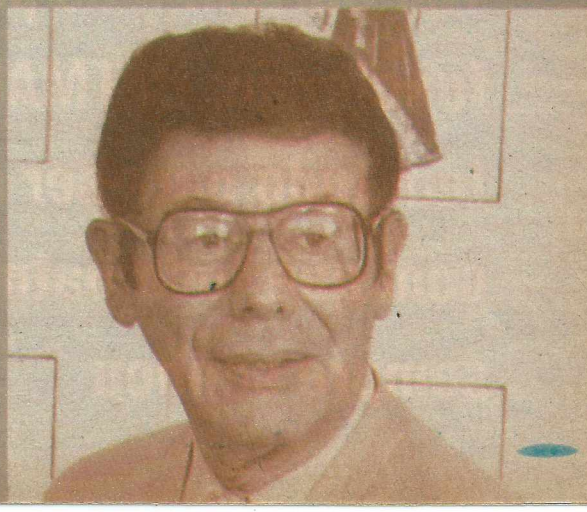
Em 1953, ganharia seu primeiro Oscar, com o documentário *O Mar que nos Cerca*, mas somente cinco anos depois dirigiria seu primeiro longa-metragem, *The Story of Mankind*.

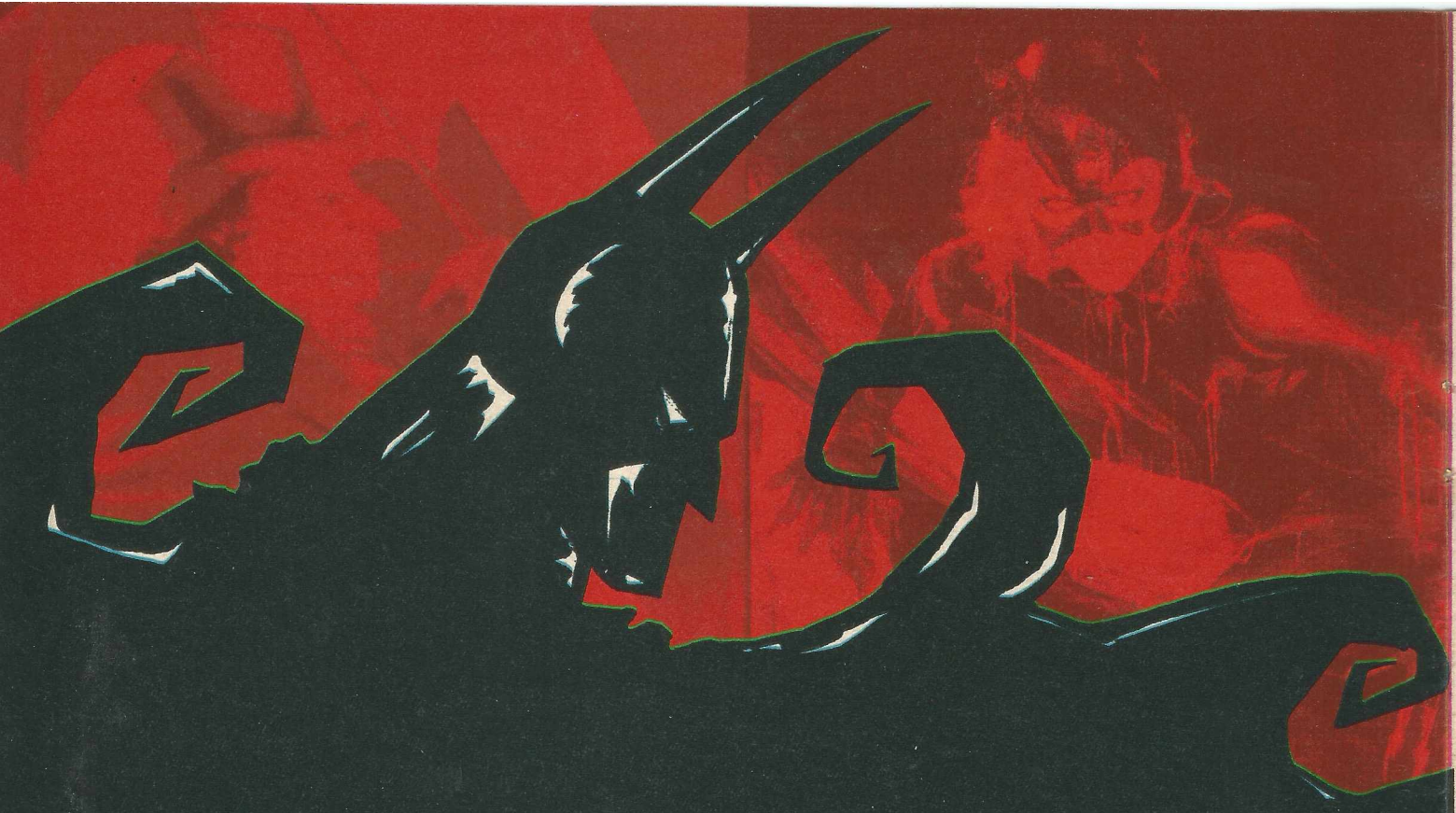
Nos anos 60, iniciou uma profícua colaboração com a 20th Century Fox, realizando filmes como *O Mundo Perdido* (1961) e *Viagem ao Fundo do Mar* (1962). O sucesso deste último levou-o a adaptar o filme à telinha, inaugurando uma série de produções televisivas que incluiriam *Perdidos no Espaço*, *Túnel do Tempo* e *Terra de Gigantes*. Tornou-se muito popular na década de 70, inventando a moda dos *disaster movies* com *O Destino do Poseidon* (1972) e *Inferno na Torre* (1974), grandes êxitos de bilheteria que lhe valeram o título de "Mestre do Desastre".

Tentou salvar o gênero no final da década com *O Enxame* (1979), e uma continuação de *Poseidon*. Já sem o vigor de antes, Allen dedicaria a fase final de sua carreira a minisséries infantis como *Alice no País das Maravilhas*. Ao morrer, deixou um saldo de seis séries de TV, quinze longa-metragens, doze indicações e cinco prêmios da Academia.

MARCO MORETTI

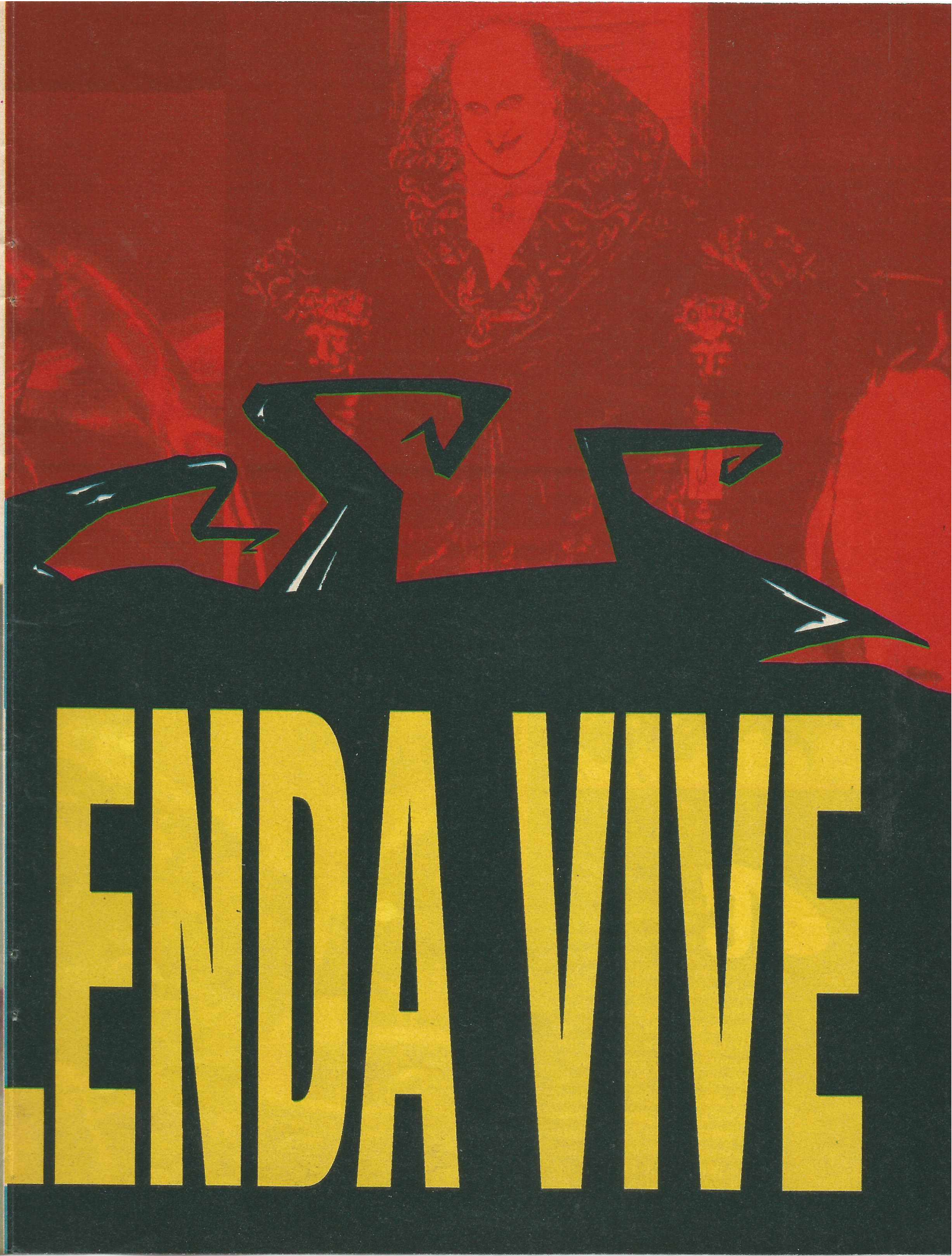
IRWIN ALLEN





Foi preciso mais dinheiro,
mais planejamento, mais astros,
mais marketing. E principalmente
mais poder para o diretor
Tim Burton. Mas parece que
funcionou: BATMAN, O RETORNO
tem tudo para ser o filme
com que todo batmaníaco
sempre sonhou

A



LENDA VIVE

Como você pode superar o estouro de um filme como *Batman*? Como repetir a bilheteria de US$ 250 milhões, aquela temporada de 89 em que os morcegos se multiplicavam por todos os lados — em que produtos ligados ao filme renderam tanto quanto a bilheteria?

Você nem tenta. "Não temos ilusões de que esse filme vá superar financeiramente. Aquilo foi um absurdo, um momento. Mas — justamente porque nem estamos tentando repetir aquele êxito — não estamos sob pressão. Ninguém está preocupado em fazer um monte de dinheiro. Só em fazer o melhor filme que pudermos." Palavras à *Starlog* de Denise Di Novi — coprodutora do filme trazida pelo diretor Tim Burton da equipe de *Beetlejuice* e *Edward Mãos-de-Tesoura*, e porta-voz oficiosa da produção e do próprio Burton.

E, apesar de ninguém cair nessa de que o dinheiro não importa, uma coisa é certa: *Batman, O Retorno* tem tudo para ser um filme melhor que o original. Isso se você é fã do trabalho de Tim Burton. Porque, desta vez, o show é totalmente comandado por ele.

Isso garante que desta vez a visão de Burton vai chegar inteira à tela, coisa que não aconteceu no primeiro filme, produzido a muitas mãos — das pilhas de roteiristas aos produtores Jon Peters e Peter Guber, de Jack Nicholson até Kim Basinger.

Stan Winston usou quilos de make-up para transformar Danny De Vito no vilão

Que visão é essa? De um cavaleiro das trevas mais neurótico e violento, assombrando uma cidade muito mais enlouquecida que a Gotham do filme anterior.

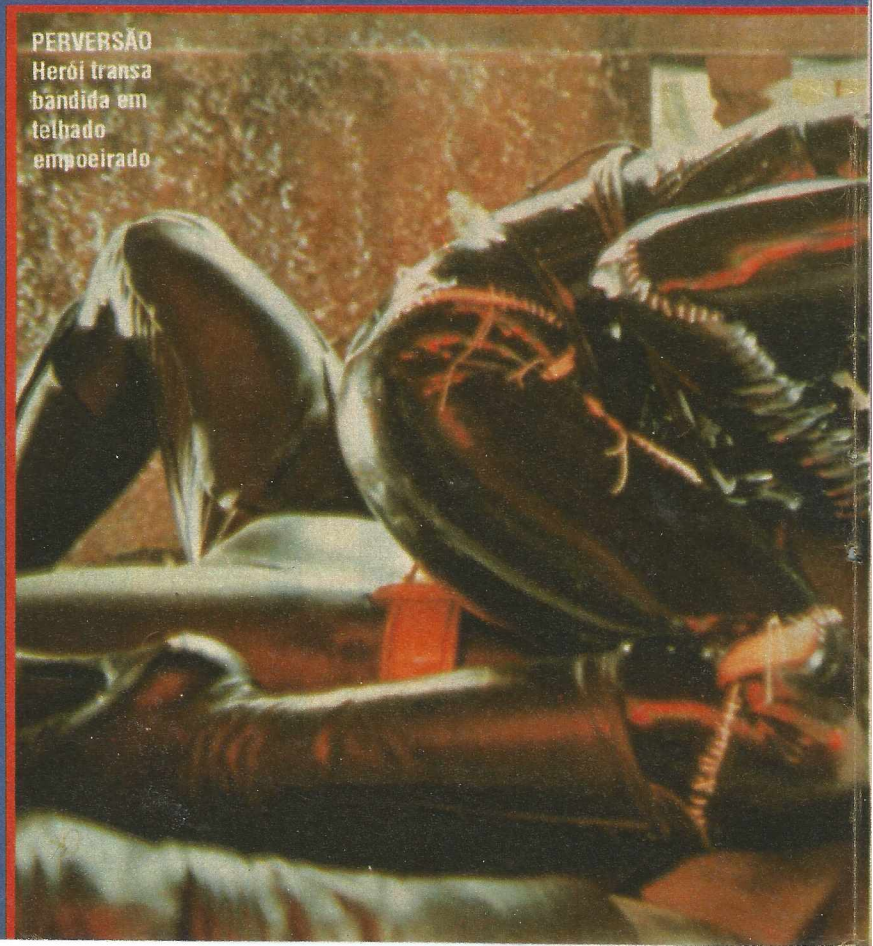
O roteiro, escrito por Dan Waters (*Heathers*) e reescrito por Wesley Strick (*Cabo Do Medo*), começa três anos após o primeiro filme. Se passa durante o Natal e descreve a campanha do Pingüim para prefeito de Gotham City. Só que no fundo o Pingüim é um bandidão, claro — e apoiado pela Mulher-Gato. Dois personagens tradicionais que, à maneira do Coringa, podem roubar a cena do herói do filme.

O HERÓI E OS VILÕES

Batman, de novo Michael Keaton de queixo falso, tem um uniforme diferente, mais esguio — claro, eles precisam vender novas versões dos bonecos de brinquedo. E Keaton gostou de usar uma roupa mais leve e flexível.

Segundo Denise "Batman é muito mais neurótico neste filme".

O Pingüim é vivido por Danny De Vito. Não tem nada a ver com o vilão do seriado dos anos 60 ou o dos gibis, Oswald Cobblepot. Com uma maquiagem pesadíssima, cria-



PERVERSÃO
Herói transa bandida em telhado empoeirado

da pelo excelente Stan Winston, De Vito está irreconhecível. Ele vive nos bueiros gelados de Gotham, cercado de pingüins. Sua gangue é formada por artistas de circo, e seu aparato bélico inclui um "pingüim-móvel". Denise Di Novi diz que Tim tratou o Pingüim como "alguém sério, sombrio e perturbado. Totalmente psicótico".

A Mulher-Gato é Michelle Pfeifer. Se não é a melhor escolha, no mínimo combina. Ela é bonita, gostosa, famosa e está precisando de um sucesso. Na parceria com o Pingüim, ela entra com os músculos: enfrenta Batman em lutas que incluem kickbox e seu chicote.

É mais parecida com a vilã dos quadrinhos, pelo menos após a revisão do personagem feita pela dupla Frank Miller/David Mazzuchelli na minissérie *Batman Ano Um*. Inclusive em termos visuais: seu uniforme está próximo de uma dominatriz sadomasoquista punk, cheio de alfinetes à mostra. Di Novi: "Ela é uma mulher *muito* liberada. Através do filme, o espectador descobre exatamente como e por que o Pingüim e a Mulher-Gato se tornaram o que são."

As outras novidades do filme são de aparato. Há também um novo batarangue, computadorizado; seu novo bat-móvel se divide em dois, disparando uma espécie de carro-torpedo, a bat-bala; e há também uma bat-lancha, que desliza na água e na neve, com a qual o herói vai perseguir o Pingüim dentro dos bueiros. A bat-caverna é maior e mais detalhada, e a mansão Wayne é a mesma do primeiro filme, com alguns cenários a mais.

MAIS AÇÃO E TRADIÇÃO

Batman, O Retorno é mais fiel que seu predecessor aos gibis. Este filme tem muito mais ação, muito mais brigas, porradas, tiroteios. É mais fiel ao seriado dos anos 60 também, ao menos em um sentido: a história.

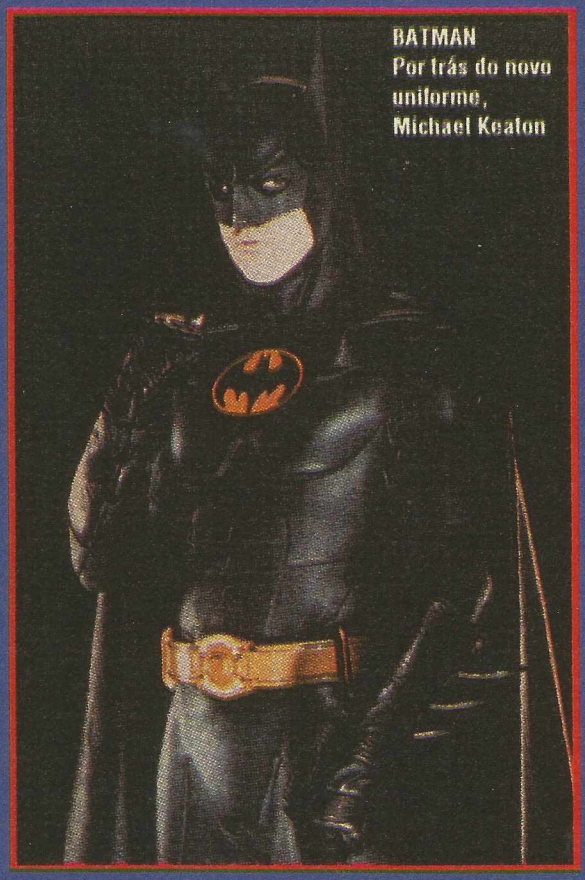
Exatamente: o Pingüim já foi candidato à prefeitura de Gotham; só que na época ele era vivido por Burgess Meredith, não Danny De Vito. Nesse episódio, os cidadãos respeitáveis da cidade, assustados com o crescimento da candidatura do vilão, recorreram ao único homem que podia derrotá-lo numa eleição: Batman, é claro.

Michelle Pfeiffer num papel que foi cobiçado por Madonna, Cher e Sean Young

Só que, ao contrário do que se esperava, a campanha do superherói não foi nada fácil.

Enquanto o Pingüim faz festas-comício com bandas de rock e garotas de minissaia dançando twist, Batman organiza chás beneficentes com velhinhas e insiste em fazer "uma campanha limpa". O Pingüim só perde por um tropeço de última hora.

BATMAN O RETORNO



BATMAN
Por trás do novo uniforme, Michael Keaton

FICHA TÉCNICA

BATMAN RETURNS (EUA, 1992)

ELENCO:

Michael Keaton	Bruce Wayne/Batman
Danny DeVito	Pinguim
Michelle Pfeiffer	Selina Kyle/Mulher-Gato
Christopher Walken	Max Schreck
Michael Murphy	Prefeito de Gotham
Vincent Schiavelli	Organ Grinder
Michael Gough	Alfred Pennyworth
Pat Hingle	Comissário Gordon

DIREÇÃO: Tim Burton
PRODUÇÃO: Michael Uslan e Benjamin Melniker
FOTOGRAFIA: Stefan Czapsky *(Edward Mãos-de-Tesoura)*
DESIGN: Bo Welch *(Beetlejuice, Edward)*
ROTEIRO: Dan Waters *(Heathers)* e Wesley Strick *(Cabo do Medo)*
MÚSICA: Danny Elfman *(Batman)*
ROUPAS: Bob Ringwood *(Batman)*
MAQUIAGEM: Stan Winston *(Aliens)*
EDITOR: Chris Lebenzon *(Top Gun)*
SEGUNDA UNIDADE: Bill Weber *(Fuga à Meia-Noite)*
CONSULTOR: Bob Kane (criador do Batman, pô!)

Batman Returns foi filmado nos estúdios da Warner e da Universal.

BURTON, O RETORNO

Tim Burton tinha dito que nunca mais faria um filme da série. Por que voltou atrás?

Segundo Denise Di Novi, foi graças ao roteiro. Burton sentiu que a história era superinteressante, fiel ao espírito de Batman. E, o principal, se apaixonou pelos personagens da Mulher-Gato e do Pingüim.

Claro que, para encarar outra filmagem complicadíssima, Burton não entrou de gaiato. Trouxe pessoal de sua absoluta confiança para todos os postos-chave da equipe técnica. Denise Di Novi, o diretor de fotografia Stefan Czapsky, o designer Bo Welch, o mestre do make-up Stan Winston, o maquiador Ve Neill, a cabeleireira Yolanda Toussieng — todos trabalharam em *Edward Mãos-De-Tesoura*. Danny Elfman, que fez a trilha, e Bob Ringwood, que bolou as roupas, vieram do outro *Batman*.

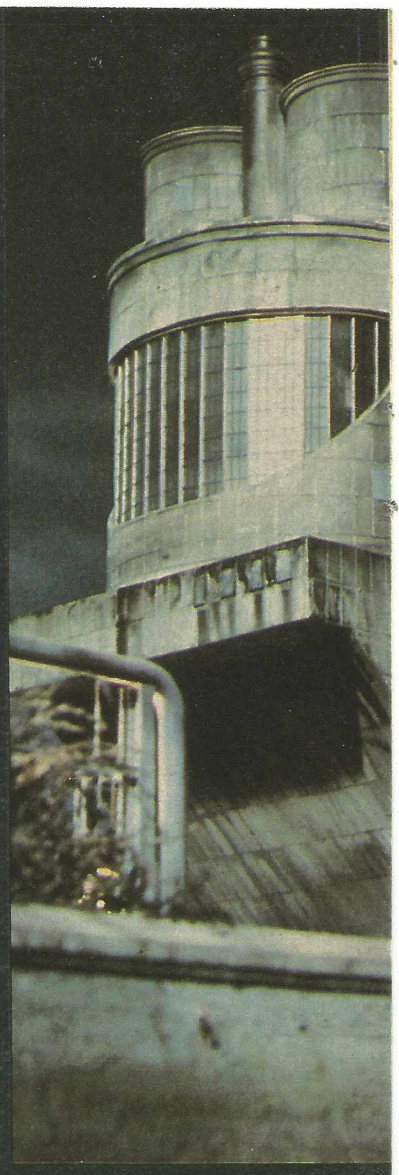
Burton impôs sua visão aos mínimos detalhes do filme. Do visual dos vilões — Bob Ringwood trabalhou em cima de sketches feitos pelo diretor — aos personagens. Como Max Schreck, o multimilionário que apóia a campanha do Pingüim à prefeitura; o nome do ricaço, não por coincidência, é o mesmo do ator que estrelou o filme de vampiros *Nosferatu*, clássico expressionista dirigido em 1922 por Murnau. Burton é tarado por expressionismo alemão.

Quanto ao look do filme, a substituição de Anton Furst pelo Bo Welch, que criou as imagems surreais de *Edward Mãos-De-Tesoura*, garante: visualmente, *Batman, O Retorno* terá a mesma sofisticação opressiva do primeiro, mas será muito mais maluco.

BATMANIA DE NOVO

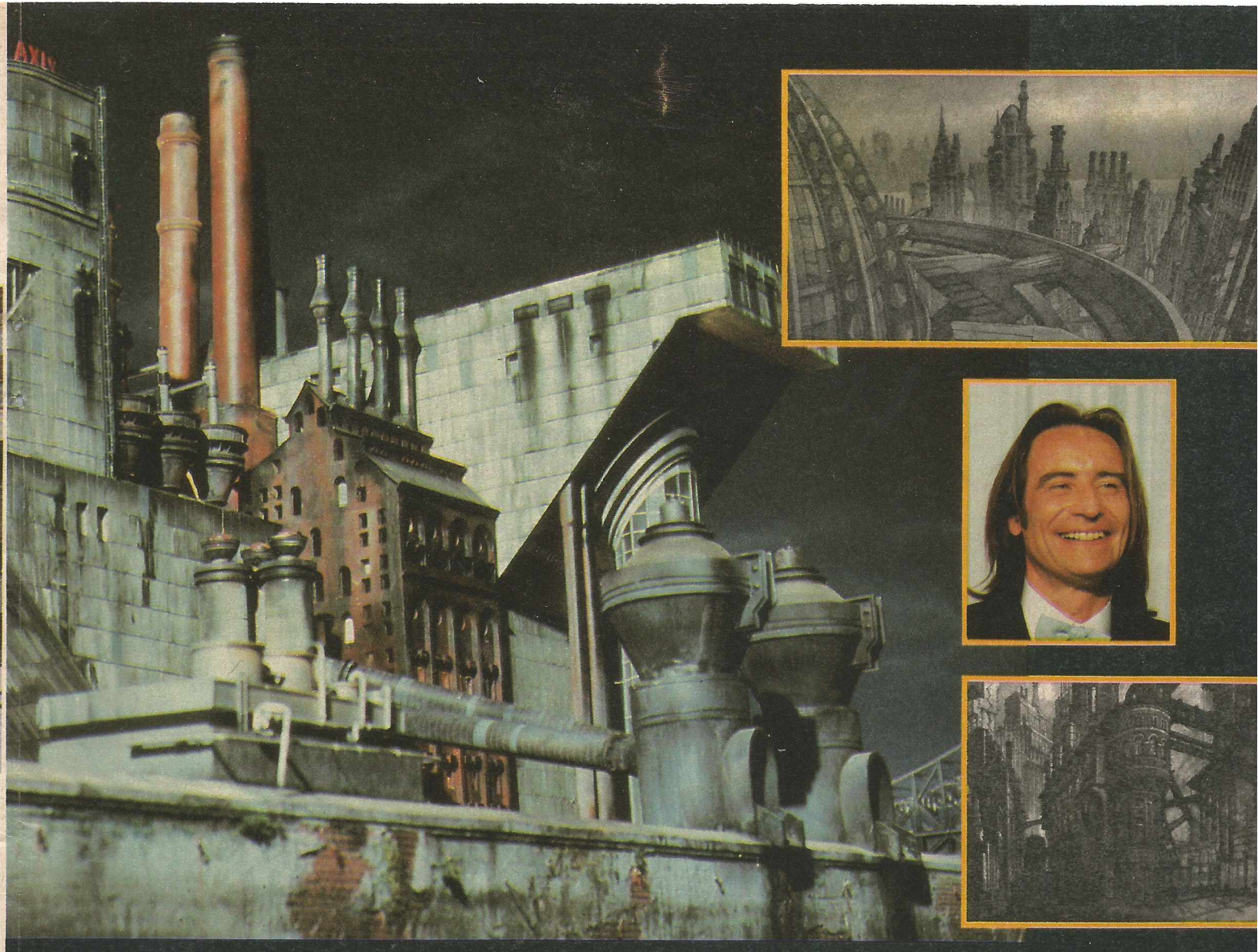
Com tudo isso, será que *Batman, O Retorno* vai dar lucro? Certeza. Toda a máquina promocional da Time-Warner, a maior empresa de entretenimento do mundo, está a serviço do herói. Vem aí um dilúvio de brinquedos, gibis de montão nos EUA e aqui, cartas para colecionar, bugigangas de todos os gêneros. E, finalmente, um novo desenho animado estrelado por Batman.

ROGERIO DE CAMPOS & ANDRÉ FORASTIERI



A GO

O design sombrio de Anton Furst é agora o cenário oficial das aventuras do herói nos quadrinhos



OTHAM GÓTICA

Gotham City, definitivamente, não é mais a mesma. Nem nos quadrinhos. Com a publicação da série *Destroyer*, lançada no início deste ano nos EUA, a DC Comics oficializou os prédios sombrios mostrados nos filmes como cenário permanente das aventuras do cruzado embuçado em HQ.

É uma esperta decisão. Cria-se uma unidade mais forte do "produto" Batman e homenageia-se a obra do designer Anton Furst, um dos nomes que marcaram presença no filme de Tim Burton.

Furst morreu no ano passado, depois de ter sido bem cotado como o novo diretor da continuação de *Batman*. Ganhou o Oscar pelos cenários daquele filme. Sobre ele, pode-se dizer que conseguiu, mesmo na morte, criar uma imagem tão gótica quanto demonstrou em seu trabalho.

À primeira vista, a Gotham de Furst parece ser uma versão um tanto mais dark da Metropolis de Fritz Lang, levada às telas em 1926. A citação fica óbvia quando se compara a cúpula anelada do edifício Wayne com a torre central que dominava a cidade de Lang. Mas Furst carregou nos elementos arquitetônicos que caracterizaram as construções nos grandes centros na virada do século. O resultado parece um pesadelo em que Nova York revelaria toda a maldade latente em seus prédios. Ou que, pelo menos Furst enxergava nela.

A síntese desse estilo foi mostrada no final do primeiro filme, na catedral de Gotham. É a igreja da Sagrada Família, concebida pelo catalão Gaudí em Barcelona, só que convertida em uma matriz para paróquias no inferno.

Em *Destroyer* se explica essa aparência macabra de Gotham de uma maneira bem interessante: tudo começou quando o juiz Solomon Wayne, antepassado de você-sabe-quem, tornou-se figura proeminente na Gotham de meados do século 19. Wayne teria encontrado em Cyrus Pinkney o arquiteto que realizaria duas de suas ambições: criar um marco que tornasse Gotham famosa no mundo, e também fizesse da cidade um santuário-fortaleza que protegesse seus moradores da "selvageria que grassa na natureza indomada". Pode crer, leitor: o asilo Arkham nunca esteve tão integrado à paisagem como agora.

MARCOS SMIRKOFF

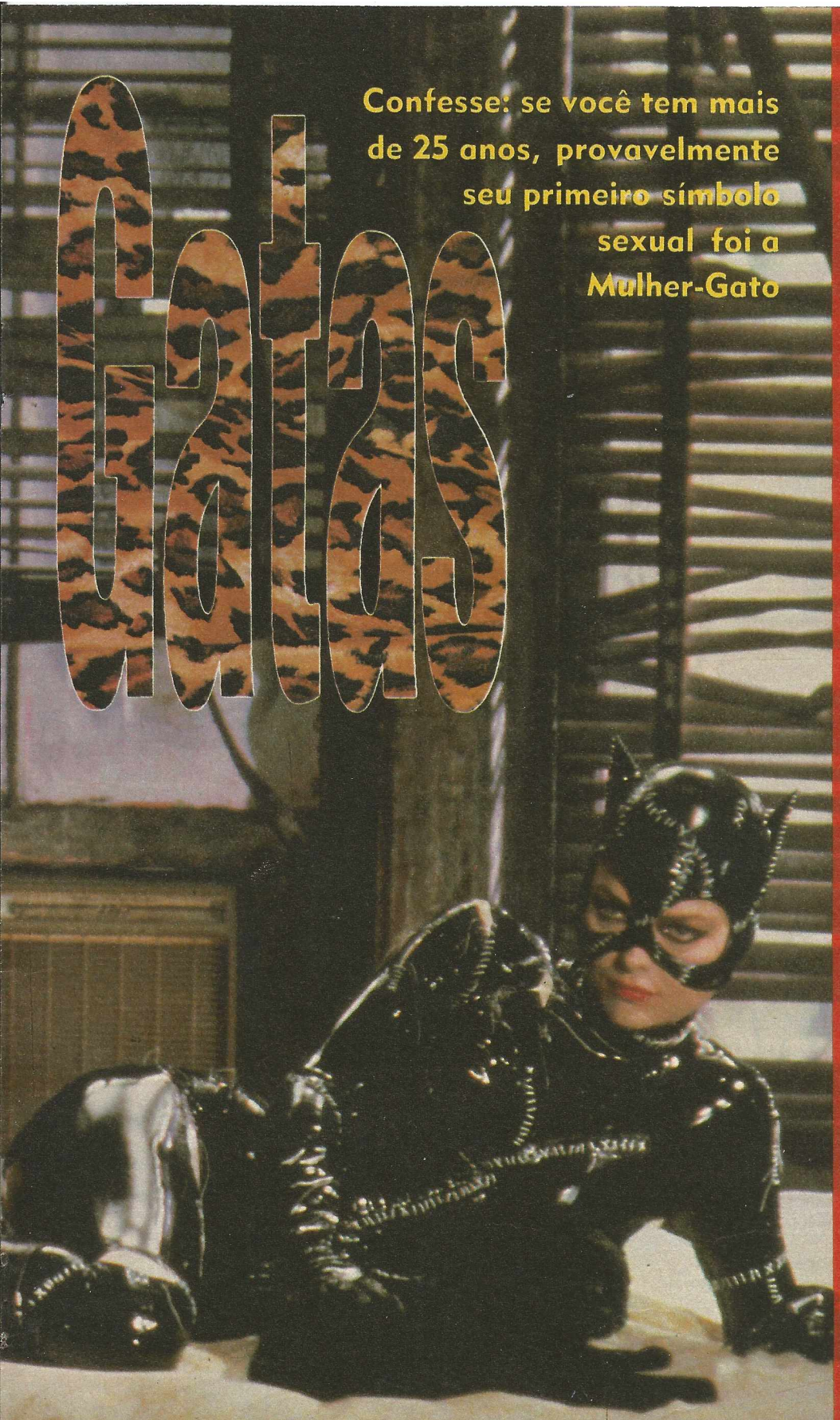
À esquerda, cenário criado para *Batman*.

À direita, Furst entre sketches da nova Gotham feitas de encomenda para a DC

Tesouros da juventude: Lee Meriwether, Eartha Kitt e — uau! — Julie Newmar, como Mulher-Gato e soltando a gata nos filmes *Monsieur Lecoq* e *O Ouro de MacKenna*. Ao lado, Michelle Pfeifer, que também bate uma bola

Gatas

Confesse: se você tem mais de 25 anos, provavelmente seu primeiro símbolo sexual foi a Mulher-Gato



O seriado *Batman* teve três pessoas diferentes como Mulher-Gato. **Lee Meriwether** (Miss America 55) só fez a vilã uma vez: no filme para cinema *Batman*, em que se chamava "Kitka the Catwoman". Mas a roupa era igualzinha a da série. Lee depois foi fazer *O Túnel do Tempo*. E a cantora **Eartha Kitt** foi a única Mulher-Gato negra, em um episódio da série.

Mas — Michelle Pfeifer que me desculpe — nossa predileta é, sempre foi e sempre será **Julie Newmar**. Ela fez o papel da vilã apaixonada pelo homem-morcego na maioria absoluta dos episódios de Batman e era, com licença, uma gata.

Não foi a primeira vez que ela fez um personagem de quadrinhos. Antes, Julie tinha vivido Stupefyn' Jones, o grande tesão de Ferdinando, na adaptação para teatro da tira Lil'Abner, de Al Capp. Chegou a ganhar um Tony de melhor atriz coadjuvante pela peça The Marriage Go-Round. Depois, viveu Mulher-Gato — mas ela se revelou mesmo depois que a série acabou.

Ao lado, fotos raríssimas de Julie nua em dois filmes. Um é *O Ouro De McKenna* (Mackenna's Gold, 68). Ela fazia a índia Heshke e contracenava com Gregory Peck e Omar Shariff.

O outro é *Monsieur Lecoq*, uma sátira a filmes de superespião com Julie e Zero Mostel. Problemas de produção fizeram com que o filme nunca fosse lançado.

Nunca pensei que fosse ver algum dia a Mulher-Gato pelada. Meu mundo caiu!

ANDRÉ FORASTIERI

Todos os gibis especiais com o Homem-Morcego aqui...

Neste ano se comemora os 30 anos do Homem-Aranha, mas não tem jeito: por causa do filme *Batman Returns*, 1992 é o ano do Batman, e todo mundo dos quadrinhos sabe disso. Nos EUA, a editora DC Comics aproveitou a onda para lançar mais um título regular do Batman, *Shadow of the Bat*. No Brasil, a editora Abril Jovem planeja lançar pelo menos 5 gibis especiais do Batman neste ano.

O melhor destes gibis a serem lançados no Brasil é o que reúne o Batman e Judge Dredd, o herói mais popular dos quadrinhos ingleses. Judge Dredd é um superpolicial do futuro. Ele prende, julga e executa a sentença na hora. Chama sua pistola de "lawmaker" (legisladora). Foi o primeiro herói dos quadrinhos ingleses a ter gibi próprio nos EUA, fez a fama de Brian Bolland *(Batman — A Piada Mortal)* e inspirou o Robocop.

O gibi é escrito por Alan Grant e John Wagner, e desenhado por Simon Bisley, um especialista em cenas sangrentas (é autor, entre outras coisas, de alguns dos melhores momentos do Lobo, o super-herói homicida).

... e nos EUA

- **Shadow of the Bat** é um novo título mensal, o quarto. Contém minisséries ao estilo de *Legends of the DarkKnight* (aqui, *Um Conto de Batman*). A primeira história é de Alan Grant e Norm Breyfogle e se chama "The Last Arkham", contando a história do último descendente do fundador do Asilo Arkham. Junho, U$ 2,50.
- **Catwoman Defiant** Mulher-Gato e Batman versus um bandidão. Edição única em formato Prestige. Roteiro de Peter Milligan, arte de Tom Grindberg e Dick Giordano. Junho, U$ 4,95.
- **Penguin Triumphant** O Pinguim se "regenera" e enfrenta Bruce Wayne numa batalha financeira em Wall Street. Roteiro de John Ostrander, arte de Joe Staton. Edição única. Junho, U$ 4,95.
- **Batman Returns Movie Adaptation** Adaptação do filme. Roteiro de Denny O'Neil, arte de Steve Erwin e José Luis Garcia-Lopez. Edição única, duas versões: uma com lombada quadrada e capa em cartão (U$ 5,95), outra convencional (U$ 3,95). Junho.
- **Run Riddler Run** A volta do Charada. Minissérie formato prestige. Texto de Gerard Jones e arte de Mark Badge. Saiu em maio. U$ 4,95.

No gibi *Red Rain*, que a Abril Jovem também pretende lançar neste ano, o Batman enfrenta Drácula e se torna um vampiro (um dia tinha que acontecer, com o herói vivendo cercado de tantos morcegos). O gibi é uma criação de Kelley Jones, que fez a minissérie *Deadman*, lançada há dois anos no Brasil. Outro enfrentamento do Batman será contra o alienígena do filme *Predador*. Em *Batman Versus Predator*, o alienígena vai a Gothan City à procura de uma boa briga. Depois de estraçalhar o campeão de boxe da cidade, e o maior chefe mafioso, o Predador descobre que o ser mais poderoso de Gotham City é o Batman, e vai atrás. O Batman sofre o diabo na mão do monstro feioso.

Holy Terror e *Master of the Future* se passam nos chamados "elseworlds", mundos paralelos ao do universo onde acontecem as histórias habituais do Batman. *Holy Terror*, por exemplo, acontece em um universo em que a Igreja domina o mundo. Nesse mundo infeliz, Jorge Amado é o presidente do Brasil, que logo no início do gibi é invadido pelos EUA. *R.C.*

O ATAQUE DAS CONTINUAÇÕES PARTE 3

ELES VOLTARAM !!!

ELES QUEREM VINGANÇA !!!

NADA MAIS PODE DETÊ-LOS !!!

ALIEN 3

Sigourney se prepara para levar um beijo de língua

NASCE UM

O parto foi dificílimo, mas finalmente chega à conclusã

A história de como foi feito *Alien* 3 é praticamente um manual de como não se deve fazer um filme. Foram seis roteiristas, três diretores, três adiamentos (era para sair em julho de 91, depois do Natal de 91 e finalmente em maio de 92). Os argumentos, em períodos diferentes, iam desde monges do espaço num cenário a Hyeronymus Bosch (idéia do diretor neozelandês Vincent Ward, de *Navigator*) a um filme sem Sigourney Weaver.

Quando a poeira assentou, sobraram basicamente quatro coisas:

a) Um roteiro frankenstein, misturando pedaços de todos os roteiros anteriores: a careca, a prisão espacial, as experiências genéticas com os aliens, a morte dos outros sobreviventes de *Aliens, O Resgate* (a garotinha Carrie Henn, o milico Michael Biehn; só o andróide sobreviveu). Basicamente, Ripley chega a um planeta-prisão de segurança máxima, Fury 161; lá, ela e um monte de bandidos enfrentam os aliens.

b) David Fincher, um diretor estreante.

c) As baratas gigantes carnívoras de que tanto gostamos.

d) Um estica-e-puxa violento entre a produtora Fox, preocupada com os gastos, e as dificuldades da equipe, metida num projeto que exige efeitos especiais dificílimos.

O orçamento começou em US$ 30 milhões, acabou ficando em torno de US$ 50 milhões — e não foi suficiente. Testes com audiências escolhidas fizeram com que a Fox autorizasse refilmagens em dezembro passado, um ano após o final das filmagens. Mesmo assim, não foram as seis semanas pedidas por David Fincher e sim oito dias.

Fincher ficou no centro do furacão. Foi contratado com fama de criança-gênio: aos 19 anos, filmou várias cenas de *O Retorno de Jedi* (era funcionário da Industrial Light & Magic); aos 21, dirigiu seu primeiro clip; logo depois fundou o núcleo de produção de vídeo propaganda, considerado um dos melhores na área de publicidade. Sua reputação disparou com os clips que fez para Madonna — *Vogue, Express Yourself* e *Oh Father*.

E, com tudo isso, ao final das filmagens de *Alien* 3 sua fama era de "moleque arrogante" (ele está com 27 anos). Numa reunião com os chefões da Fox, o produtor David Giller chegou a chamá-lo de "vendedor de sapatos", referindo-se ao seu passado na publicidade.

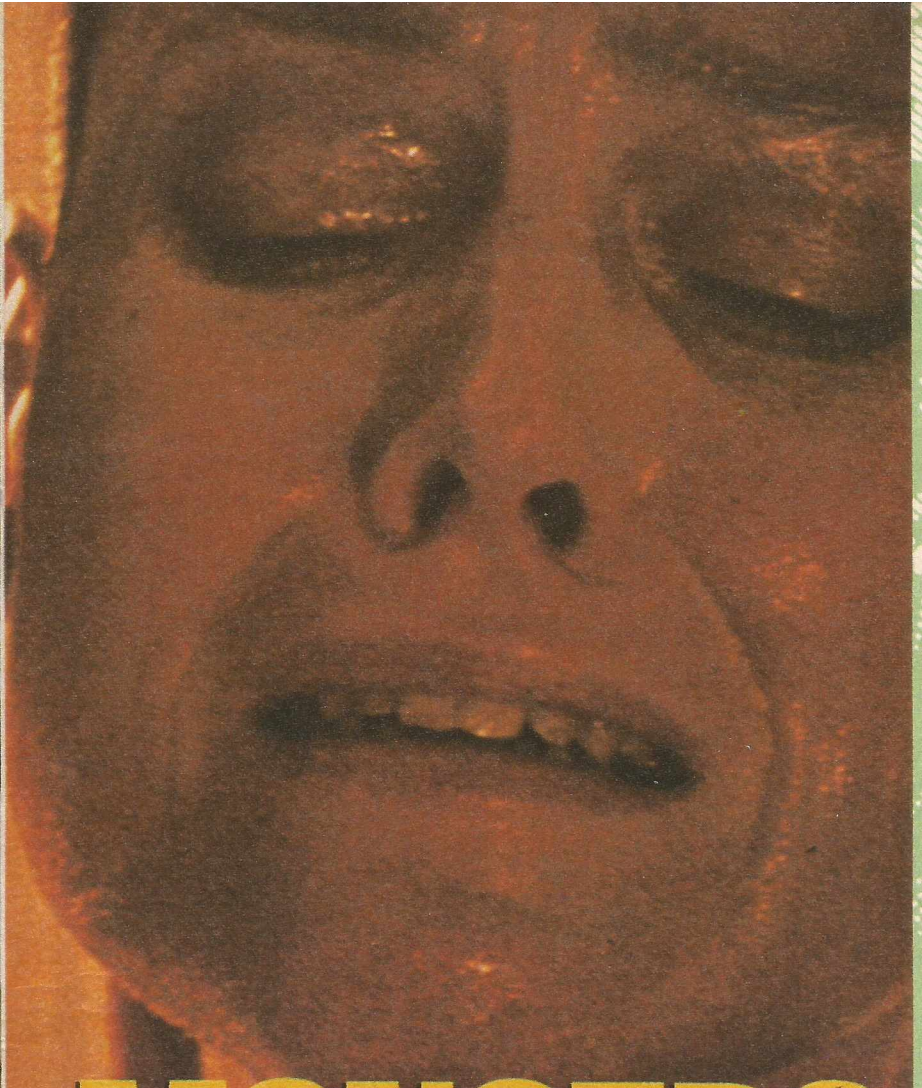
"É uma crítica válida. Sou mesmo um vendedor de sapatos", disse Fincher à revista *Premiere*. "É um absurdo um diretor novato fazer um filme de US$ 50 milhões com a merda da recessão na virada do milênio. Não dá para fazer. Porque chega uma hora em que, se você não pode dizer 'confie em mim, eu sou o cara que dirigiu *Tubarão*', eles simplesmente não confiam em você."

(Esse argumento da Fox faz pouquíssimo sentido. Ridley Scott e James Cameron também estavam começando quando fizeram os outros filmes da série — Scott, que aliás veio da publicidade, só tinha feito *Os Duelistas*; Cameron, *Piranha* 2 e o primeiro, *Terminator*.)

Pior, as filmagens foram simplesmente paralisadas antes do roteiro ter sido todo filmado. A Fox — "traumatizada" com os gastos malucos de *O Segredo do Abismo* e *Duro de Matar* 2, ambos na casa dos US$ 60 milhões — parou tudo aos 93 dias de filmagem. Elas demoraram três semanas menos que o primeiro filme, seis semanas menos que *Aliens, O Resgate*.

De qualquer forma, Fincher con-

Estréia prevista: 24 de julho



MONSTRO

o a saga de Ripley — catorze anos depois do original

seguiu finalizar o filme, sob altíssima pressão. E os vereditos finais até que não impressionam mal. Sigourney Weaver, por exemplo, disse em várias entrevistas que esse é seu filme favorito da série, tanto para filmar como no resultado. "É um filme que tem autonomia na série, muito incomum e muito provocativo", disse à *Premiere*.

Dá para confiar, porque se alguém tinha razão para estar com bronca de David Fincher é a atriz. Afinal, a primeira proposta do diretor foi que ela raspasse o cabelo. E a razão por que ela teve de raspar, no roteiro, é o máximo de grossura.

A explicação do visual skinhead foi a primeira cena a ser filmada. Sigourney ficou nua embaixo de um lençol, com um monte de maquiagem em cima dos olhos, que não a deixava enxergar nada. E aí Fincher jogou um monte de piolhos no cabelo e face de Sigourney! Perto disso, uns meros aliens nem assustam tanto.

Só para você saber: James Cameron reeditou o filme para uma nova versão em vídeo, que saiu nos EUA em fevereiro. *Aliens — The Special Edition* não muda a história em nada, mas foram incluídos mais 20 minutos, divididos entre conversa mole (desperdício) e mais batalhas com os monstros, inclusive na cena final, em que Ripley enfrenta a alien-mãe.

A.F.

TODO MUNDO QUE PASSOU POR *ALIEN* 3

ROTEIRISTAS

William Gibson, autor do livro *Neuromancer*
Eric Red *(A Morte Pede Carona)*
David Twohy *(Warlock)*
John Fasano
Greg Pruss
Larry Ferguson *(Um Tira da Pesada 2)*
Walter Hill (diretor de *Warriors)* e **David Giler**
Rex Pickett

DIRETORES

Vincent Ward *(Navigator)*
Renny Harlin *(Duro de Matar 2)*

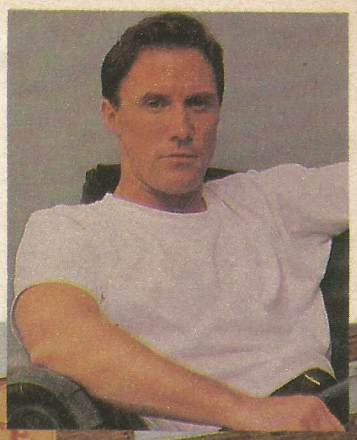
FOTOGRAFIA

Jordan Cronenweth *(Blade Runner)*

CARA NOVA

ROBOCOP 3

O novo episódio tem outro ator como Robo, outro estilo, um diretor jeitoso e um roteiraço de Frank Miller



O novo homem por baixo da armadura, Robert Burke; embaixo, Robo e seus "comandos rebeldes"

A idéia era imodesta: transformar Robocop numa série nos moldes de James Bond.

Seu pai, Fred Dekker, até que tem moral para tentar algo tão ambicioso. Seus filmes, mesmo os de baixíssimo orçamento, sempre se destacaram pela criatividade e pela ambição. Vide *A Noite dos Arrepios* (*Creepers*, 86), uma das melhores homenagens aos filmes de terror thrash; e *O Esquadrão dos Monstros* (87), subestimada reunião dos monstros clássicos da Universal. Dekker também é autor de um legendário roteiro para adaptar o desenho *Johnny Quest* para o cinema.

E, para completar, ele adorou *Robocop*. "O primeiro filme é genial, e estamos trazendo de volta à série várias coisas que gostamos do filme original: vilões realmente malvados, um senso satírico do mundo e muita ação típica de gibi", disse Dekker à revista *Cinefantastique*. "É menos violento que o primeiro, porque Robo tem muitos fãs de 13, 14 anos. Mas tem tanta ação quanto — só jorra menos sangue."

Mas existiram dificuldades para este projeto "Robo 007". Primeiro, a produtora Orion, dona do personagem, não estava lá aquelas coisas de dinheiro. Segundo — e mais importante —, Peter Weller, que fez o supertira nos dois primeiros filmes, não estava disponível para esse: estava filmando *Naked Lunch*, com David Cronenberg.

Solução: substituir Weller. Se até o insubstituível Sean Connery deu lugar a George Lazenby, Roger Moore e Timothy Dalton...

Só que essa era uma daquelas soluções que criam problemas. Era preciso um ator que se mantivesse fiel ao personagem criado por Peter Weller, mas que simultaneamente pudesse iniciar esse novo estilo que Dekker queria. E, importante: era preciso que esse ator fosse barato.

Entra Robert Burke. Ator de teatro formado na New York State University, Burke tinha abandonado os palcos quando seu pai morreu. Voltou quando seu amigo, o diretor Hal Hartley, o escalou para atuar no elogiado *The Unbelievable Truth*. Foi nesse filme que ele foi descoberto por Fred Dekker, que o chamou para um teste.

Quando o ator enfiou a armadura de Robocop, não deu outra: era ele mesmo. "Lembro-me de chegar em casa e dizer para minha mulher: 'Oh não, acho que consegui o papel' ", disse Burke.

Fora ser parecido com Peter Weller, Robert tinha duas outras coisas a seu favor. Primeiro, estudou mímica. Segundo, luta karatê, o que o ajudou a dominar os movimentos mecânicos de Robo, muito parecidos com os *katas* dessa arte marcial. Dekker aprovou e elogiou: "Há uma grande tradição de atores ocuparem personagens que já existiam. Basil Rathbone foi o quarto ou quinto Sherlock Holmes, mas sempre lembramos ele como Sherlock. Robert encaixa-se perfeitamente nesta tradição".

O roteiro é novamente do gibizeiro Frank Miller. Dessa vez não foi mexido nem pelos produtores nem pelo diretor — como aconteceu no segundo filme, em que os caras simplesmente estragaram o argumento.

Pois bem: a idéia de Miller para *Robocop 2* serviu de base para este terceiro. Nele, Robo abandona a polícia e se une a um grupo de rebeldes proletários que tentam recuperar os bairros de Detroit, que foram ocupados pela vilanesca corporação OCP. Todo mundo que leu o script original de Miller babou.

E se você pensar que o primeiro e ótimo filme da série foi mais ou menos baseado em *Cavaleiro das Trevas*, de Miller, a coisa promete. Ainda mais que vários regulares da série estão de volta. No elenco, Nancy Allen como a policial Murphy e Robert DoQui como o sargento Reed; na equipe técnica, Rob Bottin (designer da armadura), Phil Tippett (animador de *stop-motion*) e Craig Davies (designer de efeitos). *A.F.*

Estréia prevista: agosto

E ISSO NÃO É NADA !

CRITTERS 3

Outras vinte continuações que devem ser lançadas até o final do ano nos Estados Unidos

Amityville 1992 Sexto filme da série iniciada em 79.

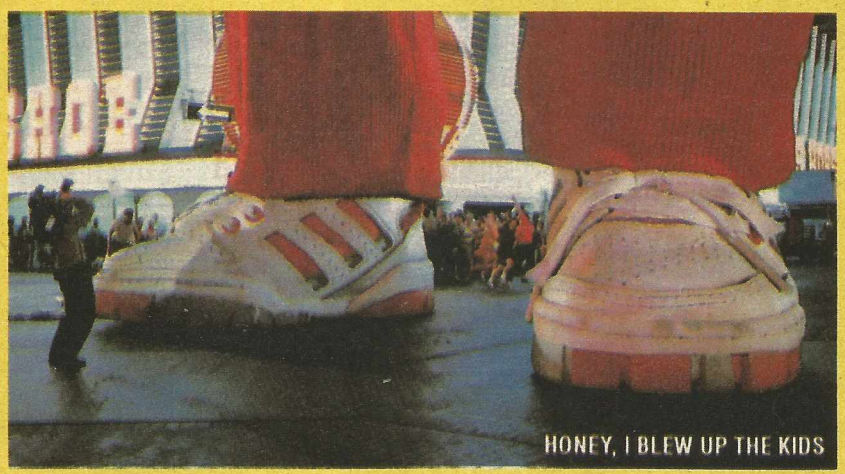
Basket Case 3 De novo de Frank Henenlotter e mais podre ainda.

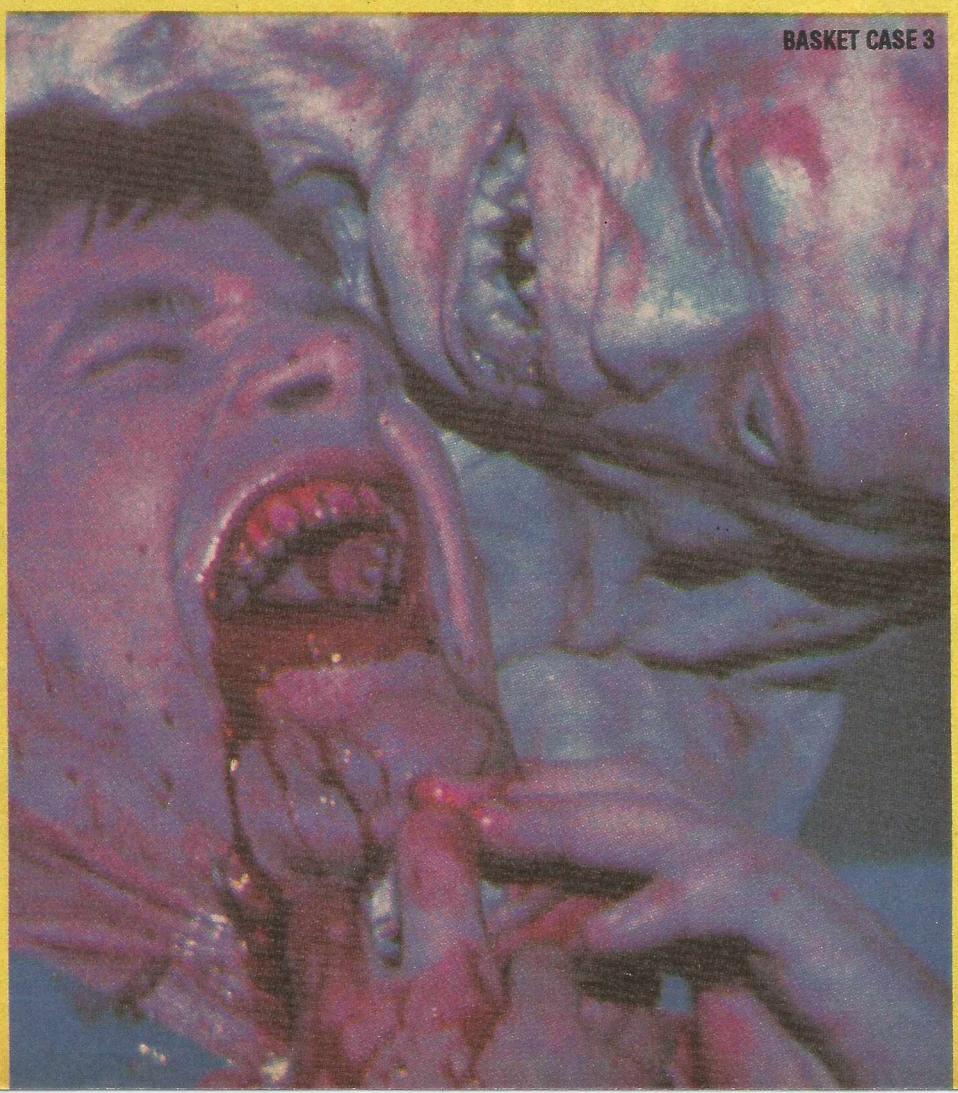
Bloodfist 3 Kickbox.

Children of the Corn 2 Seqüência do filme de 84 baseado em Stephen King.

Class of Nuke'em High 2 Mais lixo da Troma.

Critters 4 Os primeiros dois são bons e foram lançados aqui sob o nome de *Criaturas*.


HONEY, I BLEW UP THE KIDS


BASKET CASE 3

Deathstalker 4 Mais bárbaros musculosos contra magos malvados. As garotas da série costumam ser maravilhosas,

Humanoids from the Deep 2 Seqüência do "clássico" da podreira de Corman de 80.

Iron Eagle 3 Mais um *Águia de Aço*. Sub *Top Gun*.

Kickboxer 3 Sem Van Damme.

Munchies 2 De Jim Wynorski, pau para toda obra de Roger Corman. Imitação de *Critters*.

Cemitério Maldito 2 A diretora Mary Lambert está de volta.

Prom Night 4 O segundo saiu aqui. Chama *A Vingança de Mary Lou* e é bom.

PuppetMaster 4 A série começou em 89; os dois primeiros são O.K.

Stepfather 3 Um cara legal que vive casando (e vive massacrando suas "famílias" quando elas dão a mínima pisada na bola).

Subspécies 2 Mais uma de Ted *Terror Vision* Nicolau.

The Hidden 2 Seqüência do ótimo *O Escondido*.

Warlock 2 Seqüência do bom original de 90 de Steve Miner, criador do Robocop.

Witchcraft 4 Série iniciada em 88. Os primeiros já eram ruins.

HELLRAISER 3

O monstro antes e depois

Pinhead volta a atacar no que promete ser o mais sanguinário filme da série de Clive Barker

RENASCIDO E PIOR QUE NUNCA

Nos áureos tempos da pirataria — não tão dourados assim para as distribuidoras nacionais de vídeo, mas maravilha pura para fãs de filmes obscuros e esquisitos — um belo dia trombei com o título *Hellraiser*. Não sabia nada do filme. Mal tinha ouvido falar de Clive Barker. Mas o título era bacana, então...

Quem viu *Renascido Do Inferno* em 87/88 sabe a porrada que foi. Até hoje é um filmaço. A combinação sexo/sangue pegava pesadíssimo. E Clive, com sua experiência de ator/dramaturgo/ilustrador/escritor, se revelava também um grande diretor. Combinou e modernizou grand-guignol/Lovecraft/Hammer. O sucesso foi acachapante, e o monstro cenobita Pinhead virou personagem mundial.

Aí veio o segundo filme, *Hellbound* — bonito e escabroso, mas com um roteiro a) meio confuso e b) que revelava demais sobre a dimensão cenobita. Em compensação, o universo de Barker foi transferido para os gibis, para ser interpretado por alguns dos melhores artistas da década de 80 em títulos como *Hellraiser* (que chegou a ser publicado aqui), *Tapping The Vein*, *Nightbreed*.

Agora é 92, e logo deve estar chegando aos cinemas *Hellraiser 3: Hell On Earth*. A estréia americana será no final de agosto/começo de setembro, e a brasileira, pouco depois. Como no segundo filme, Barker não está envolvido. Mas essa terceira parte promete. Motivo 1: o roteirista Peter Atkins conhece Barker há vinte anos; eles trabalharam juntos em várias peças e escreveu o texto de *Hellbound*. Motivo 2: o filme gira em torno de Pinhead.

Atkins parece que aprendeu depois da marcada do segundo. *Hell On Earth* traz o renascimento de Pinhead como um vilão perverso. Começa com o monstro preso num "pilar da tortura", na Terra. O pilar é comprado por um dono de boate. Quando a criatura se liberta, não tem mais nenhum lado humano — é cenobita cru, mal puro.

Seu primeiro passo é transformar vários humanos em cenobitas "falsos" (porque não criados pela entidade Leviathan, mas igualmente malévolos e superpoderosos). Um disc-jockey ganha um CD player na cabeça e se transforma em "CD Head", um cameraman de TV ganha uma lente na cara e se transforma em "Lenshead", e por aí vai.

O objetivo de Pinhead é destruir a "Configuração Dos Lamentos", a caixa-enigma que serve como porta entre o mundo humano e a dimensão cenobita. Assim, ele nunca mais voltará. Poderá ficar para sempre na Terra e transformar o planeta numa gigantesca câmara de torturas.

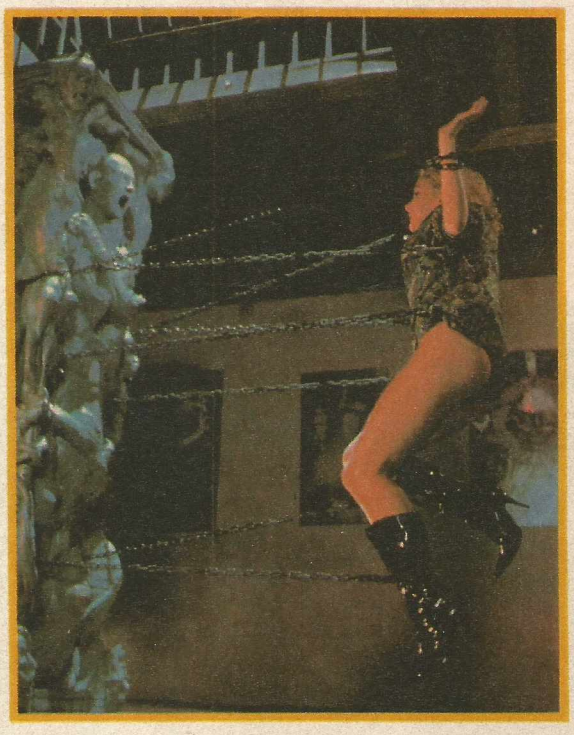
Como sempre, Pinhead tem de enfrentar a oposição de uma garota — no caso, a repórter de televisão Joey Summerskill (Terry Farrell). Ela tenta conseguir a caixa-enigma e mandar o monstrengo e sua gangue de pseudocenobitas de volta para a dimensão de Leviathan.

Atkins é só um dos integrantes da "equipe Hellraiser", que está de volta. Bob Keen, que criou o visual original dos cenobitas, faz de novo os efeitos especiais e a maquiagem. O novo integrante é Anthony Hickox, que fez antes o bom filme de terror *Waxwork*, inédito no Brasil. E, claro, Pinhead — ou melhor, o ator Doug Bradley, que sempre o interpretou — também retorna. Fazendo o papel do monstro e o do coronel do Exército que era antes de se tornar Pinhead (a origem da criatura é contada neste terceiro episódio).

"Esse filme se compara aos melhores Dráculas da Hammer", diz o roteirista

Bradley, como Atkins, é velho amigo de Clive Barker. Os dois freqüentaram o mesmo colegial e trabalharam no mesmo grupo de teatro; Bradley interpretou a maioria das peças de Barker, como *Frankenstein In Love* e *History Of The Devil*.

Ele descreve o "novo" Pinhead como "mais sinistro, mais malévolo e sombrio". Tanto isso é verdade que numa cena o monstro entra numa igreja, derrete um crucifixo, arranca pedaços de carne do próprio estômago e, com a boca cheia de tripas sanguinolentas, diz: "Este é o meu corpo. Eu sou o caminho, a verdade e a vida". Blasfêmia e perversão — logo, logo, num cinema perto de você.



Da esquerda: o roteirista Peter Atkins, o diretor Anthony Hickox, Doug Bradley como Pinhead, o produtor Lawrence Mortoff e o coordenador de efeitos especiais Bob Keen

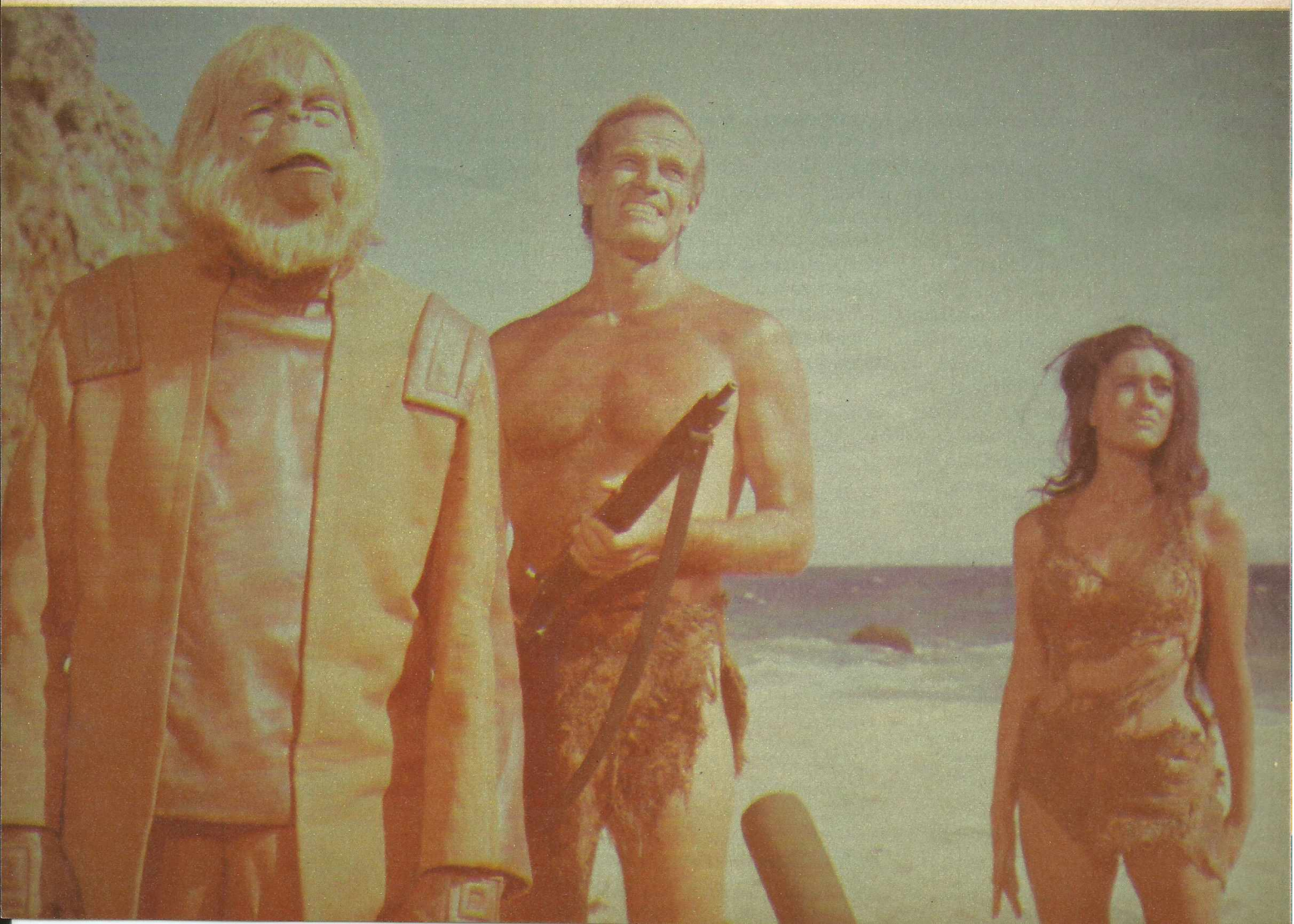
Zira e Cornélius. A história do macaco no cinema ganhou muito com estes dois nomes. A prova pode ser vista agora em vídeo, com o lançamento de *O Planeta dos Macacos (The Planet of the Apes*, 1968) e *Volta ao Planeta dos Macacos (Beneath the Planet of the Apes*, 1970), os dois primeiros episódios de uma série de quatro longa-metragens da saga dos macacos inteligentes.

A série praticamente reintroduziu em Hollywood a mania lucrativa das superproduções em seqüência, coisa antes limitada a personagens como Tarzan.

O sucesso de *O Planeta dos Macacos* que acabou convidando às continuações vai além do polêmico tema da inversão de papéis entre humanos e macacos, testemunhada por um atônito astronauta. O diretor Franklyn J. Schaeffner (de *Papillon*) conduziu bem a ação expressa

Saem no Brasil os dois primeiros filmes da série que detonou a macaco mania dos anos 70

O MACACO DEU CERTO!



no roteiro de Michael Wilson.

Para sorte da Twentieth Century Fox, a inspiração não parou em Schaeffner e Wilson. Charlton Heston, ainda em seu auge, caprichou em sua interpretação de "sofrimento mítico" para compor com força o astronauta perdido, o comandante Taylor. Enérgico, rebelde e, na maior parte do tempo, bastante confundido pelas circunstâncias, Taylor é a antítese do quase gélido Dave Bowman de *2001 — Uma Odisséia no Espaço*, de Stanley Kubrick, lançado no mesmo ano.

Heston, até então um fã de ficção científica frustrado por nunca ter estrelado nada no gênero, foi um dos mais entusiasmados defensores do projeto do filme. Convidado pelo produtor Arthur Jacobs, o ator chegou a gravar previamente um excerto do roteiro, para testar as possibilidades do filme. No papel de macaco, estava seu amigo Edward G. Robinson.

Defendendo o lado símio, Kim Hunter (Zira), Roddy McDowall (Cornélius) e Maurice Evans (dr. Zaius) praticamente deram os primeiros passos de um gênero de interpretação hoje muito comum, com o rosto do ator totalmente oculto sob uma maquiagem flexível. Zira e Cornélius foram programados para ganhar a simpatia do público, mas é Maurice Evans que acaba se destacando com o farisaico orangotango dr. Zaius, defensor dos dogmas. O vigor da segunda metade do filme vem justamente do medo que Zaius tem das mudanças representadas pela chegada de Taylor, tipo de "anjo do apocalipse" para a civilização símia.

Por muito tempo o trabalho do maquiador John Chambers deu o que falar. Para conseguir uma expressividade facial que o simples uso de máscaras não poderia conferir, Chambers movimentou uma equipe de até 150 pessoas para converter parte do elenco em macacos. Gastou também uma parcela expressiva do orçamento de pouco mais de um milhão de dólares reservado para o filme. Deu tão certo que Chambers levou o Oscar da categoria.

Ainda há o destaque para o compositor Jerry Goldsmith. Em uma época em que música para ficção científica tinha de ter algum compromisso com o futuro, Goldsmith fez sua parte sintonizado com a vanguarda do final dos anos 60. A percussão domina durante todo o filme, acentua o impacto das cenas. É seu melhor trabalho antes do seu engajamento à linha de trabalho de John Williams.

Volta ao Planeta dos Macacos não foge à regra das continuações: não segura a bola do primeiro filme. A direção passou para o apagado Ted Post, ex-montador da série 007. O elenco se repetiu, com a adição de James Franciscus como Brent, mais um astronauta perdido no tempo. Foram incluídos mutantes radioativos e ampliada a participação da quase-mudinha Nova (Linda Harrison), a namorada "selvagem" de Taylor. O estilo caça-níqueis não impede que se aproveite o espetáculo, mas o desnível em relação ao primeiro filme é evidente.

O final de *Volta...* tinha tudo para ser o fim mesmo. Mas não foi. Um malabarismo temporal de fazer inveja a James Cameron pôs Zira e Cornélius nos anos 70, para a mais engraçada das seqüências, *Fuga do Planeta dos Macacos*, por enquanto não disponível em vídeo.

De volta ao futuro, o quarto filme, *Conquista do Planeta dos Macacos*, põe Roddy McDowall na pele do filho de Zira e Cornélius, César, líder do levante dos macacos ante a tirania humana. E tudo isso se passava em 1992. Santo Lancelot Limk!

MARCOS SMIRKOFF

O PLANETA DOS MACACOS

(The Planet of the Apes, *EUA, 1968). Direção: Franklyn J. Schaeffner. Com Charlton Heston, Kim Hunter, Roddy McDowall e Maurice Evans.*

VOLTA AO PLANETA DOS MACACOS

(Beneath the Planet of the Apes, *EUA, 1970). Direção: Ted Post. Com James Franciscus, Linda Harrison, Charlton Heston, Maurice Evans.*

OS FILHOTES DE ZIRA

O seriado, o desenho e os quadrinhos

A macacomania foi um dos modismos mais curiosos dos esquisitos anos 70. A partir do momento em que os longa-metragens da série começaram a ser exibidos na TV, as caixas registradoras começaram a tilintar com mais entusiasmo. Os macacos saíram da condição de bichinhos de pelúcia para dar lucros com sua "humanização". Pelo menos enquanto King Kong não voltava.

O espírito satírico do livro de Boulle foi deixado de lado em sua primeira roteirização para o cinema, assinada por Rod Serling, o criador da série *Além da Imaginação*.

A Fox procurou manter o interesse pelo tema fazendo um seriado para a TV (apresentado por mais um longa, *Batalha no Planeta dos Macacos*). Os catorze episódios tiveram direção de Marvin Paige e foram estrelados por Roddy McDowall, o ator que mais lucrou com macaquices. Agora ele era César, o Spártaco da tropa da banana. Os humanos que caíram do espaço ficaram a cargo de Ron Harper e James Naughton. O resultado foi absolutamete insosso.

A Marvel começou a adaptar os longas de cinema para os quadrinhos a partir de 1974. Dough Moench fez os roteiros (alguns originais, dando muita asa ao tema), com George Tuska, Alfredo Alcala e Rico Rival como principais desenhistas.

O impacto da série no Brasil foi muito grande. Até mudou um programa humorístico. O *Satiricon* de Jô Soares e Agildo Ribeiro virou *O Planeta dos Homens*. Sócrates, o chimpanzé inteligente do programa, foi responsável por encaixar nos cérebros dos brasileiros as frases que hoje podem servir de epígrafes para aquela época: "o macaco tá certo", "eu só queria entender" e "perguntar não ofende".

Zira: por baixo do make-up, Kim Hunter

A NOIVA DE REANIMATOR
(The Bride Of Reanimator, EUA, 1991)
Direção: Brian Yuzna. Com Bruce Abbott, Jeffrey Combs e Claude Earl Jones. VTI.

Continuação mais do que digna de *Re-animator.* Feita pela mesma equipe, menos o diretor Stuart Gordon (desta vez o próprio produtor, Brian Yuzna, se encarregou), essa segunda parte se aprofunda ainda mais nas experiências de ressurreição do obcecado Dr. West. Desta vez ele inventa de juntar partes frescas de mortos e aplicar-lhes o soro que reanima os mortos. Já dá para imaginar as confusões que o cara arma.

O ritmo é ainda mais intenso do que o da primeira adaptação da série de histórias de Lovecraft. O humor, ainda mais perverso. Sem contar o número de mortos-vivos perambulando pelo filme e o estado animalesco das experiências malsucedidas. Pode ir na cega que é coisa fina. Ou seria grossa? *C.E.M.*

DARKMAN: VINGANÇA SEM ROSTO
(Darkman, EUA, 1990)
Direção: Sam Raimi. Com Liam Neeson e Frances McDormand. CIC.

Provavelmente o mais história em quadrinhos de todos os filmes fantásticos. Mais até do que qualquer adaptação de gibi para o cinema.

Sam Raimi, o diretor, é um cara que sabe tudo de ação e humor negro. Ele realizou as duas partes de *Evil Dead — A Morte do Demônio* e *Uma Noite Alucinante* — além de uma comédia meio desconhecida, *Crimewave* (no Brasil batizada estupidamente como *Dois Heróis Bem Trapalhões*). Todos disponíveis em vídeo.

Além de diretor batuta, Raimi é bem enturmado. Já parceirou roteiros com os irmãos Coen, Joel e Ethan, e contribuiu em filmes da dupla, como *Arizona Nunca Mais* e *Barton Fink,* experimentando com a *steady cam* (uma câmera capaz dos mais impossíveis movimentos).

Darkman é sua primeira produção classe A. Feito para a Universal, antigo reduto de monstros tradicionais, como Drácula e Frankenstein, o filme resgatou o espírito da casa. Portanto, não espere muita nojeira e exibicionismos de fotografia, como em *Evil Dead.*

Em compensação, a narrativa frenética e os efeitos especiais que tomaram muitos dólares da produção garantem um ritmo vertiginoso. Digno da melhor sessão da tarde. *C.E.M.*

A VOLTA DOS MORTOS-VIVOS II
(Return Of The Living Dead Part II, EUA, 1987)
Direção: Ken Wiederhorn. Com Philip Bruns e Dana Ashbrook. Warner.

Essa continuação é, na real, uma versão mais infantil do *A Volta dos Mortos Vivos,* de Dan O'Bannon. Tem lá suas demências, mas não há nem sinal daquele humor negro alucinado do primeiro.

Os heróis agora são uns molequinhos fuçadores de tumba que, é lógico, acabam liberando aquele gás ressuscitador de morto. Depois é aquela estória de morto andando para lá e para cá, grunhindo com os braços esticados. E salvem-se os vivos.

Não deixa de ser recomendável, já que função de morto-vivo, por pior que seja o filme, sempre é legal. Entretanto, o prazer de vê-lo é comparável apenas à milionésima reprise do original. O que não é pouco. C.E.M.

SEXTA-FEIRA 13 PARTE VIII — JASON ATACA EM NOVA YORK
(Friday The 13th 8: Jason Takes Manhattan, EUA, 1989)
Direção: Rob Hedden. Com Jensen Daggett e Scott Reeves. CIC.

Vendem esse episódio da série como se Jason atacasse Nova York. Pura malandragem. Como os caras não tinham grana para apavorar na cidade, mesmo que fosse um cenário de quinta categoria, restringiram a atuação do monstrolão a um barco de passeios turísticos em torno da Estátua da Liberdade. É mole?

O que se vê é o de sempre. Jason mata uns tantos, assusta as mocinhas... Barbariza geral! Os efeitos também são aqueles meia-bomba de toda a série (com exceção do sexto filme, que é bem melhorzinho).

Como invariavelmente fazem, lançaram esta parte oito como se fosse o melhor episódio de todos. As revistas gringas dão um monte de páginas para o filme, coisa e tal... Não caia nessa conversa! Só arrisque na falta de outra coisa melhor para ver ou se for um fã empedernido das aventuras escabrosas de Jason Voorhees. C.E.M.

ESTRANHOS DESEJOS
(Red Wind, EUA, 1991)
Direção: Alan Metzger. Com Lisa Hartman, Philip Casnoff. CIC.

Uma psicóloga especializada em casos de desvios sexuais envolve-se com paciente cujas tendências sadomasoquistas acabam influenciando a boa doutora.

Paranóias à parte, o filme lembra um pouco o já clássico *Vestido para Matar.* Pena que o talento de Metzger não chegue aos pés do de Brian De Palma.

Schwarza em *T2*: andróide assassino que não assassina ninguém é o fim

O VINGADOR DO FUTURO
(Total Recall, EUA, 1990)
Direção: Paul Verhoeven. LK-Tel/Columbia.
O EXTERMINADOR DO FUTURO 2 — JULGAMENTO FINAL
(Terminator 2: Judgement Day, EUA, 1991)
Direção: James Cameron. LK-Tel/Columbia

Schwarza é o nosso herói — nós, no caso, sendo quem gosta de ficção científica, terror, fantasia, sexo e violência. O cara sempre se deu bem em filmes com roteiro de gibi — talvez porque tenha cara de personagem da Marvel (ou porque suas atuações são bidimensionais?).

Como em time que está ganhando não se mexe, entra ano sai ano Arnie faz dois filmes: um barato, caretinha, "para toda a família"; e outro arrepiando, para "nós" vermos quinze vezes. *Total Recall* é o Schwarzenegger barra-pesada de 90, *T2*, o de 91.

Terminator 2 foi mais caro e é mais burro. Não é substancialmente superior a *Predador*, muito menos celebrado. Sua mensagem antiguerra é puro discurso: dizer que a violência não resolve num filme do Schwarza é palhaçada. Passaria batido como não mais que um filminho B jóia, não fosse seu astro e os efeitos especiais (saiba como se faz o fantástico *morph* na proxima *TF*).

Já *Total Recall* é outro departamento. O próprio argumento inicial já era cheio de possibilidades (tanto que interessou Cronenberg). E Paul Verhoeven, com licença, o cara é *muito* melhor que James Cameron. Tem sangue, não chips, nas veias. Se sente à vontade lidando com o lado escatológico/sexual/*dark side* das coisas. Tem senso de humor.

Cameron é um puritano, um retentivo anal hi-tech. Tanto que só encara uma garota quando ela é *macho* (a produtora Gale Ann Hurd, a diretora Kathryn Bigelow de *Quando Chega a Escuridão* e atual Linda Hamilton, por exemplo). O cara não deve dar uma risada desde que fez *Piranha 2: Assassinas Voadoras* para o Corman.

Por isso é que *Total Recall* dá de dez. E também por causa de Michael Ironside e Sharon Stone; da "luta livre de mulheres"; do Marte totalmente *fake*; de "considere isso um divórcio"; e, claro, do final, em que Arnold, como prometido no começo do filme, salva o planeta e fica com a garota.

Tá, tá, isso é papo de crítico. *T2* é ótimo.

Mas *Total Recall* é melhor.

ANDRÉ FORASTIERI

Luke passa fogo na moçada

O RETORNO DE JEDI
(Return of the Jedi, EUA, 1983). *Direção: Richard Marquand. Com Mark Hammill, Harrison Ford, Carrie Fisher.* Abril Vídeo.

Depois do marco revolucionário que foi *Guerra nas Estrelas* e do sucesso de sua continuação, *O Império Contra-ataca* — que para muita gente é superior ao original —, George Lucas teve de lançar mão de todas as armas de sua *Industrial Magic and Light* para tentar vencer o desafio de superar seus dois êxitos anteriores.

O resultado disso é *O Retorno de Jedi*, um produto típico dessa fábrica de efeitos especiais que leva ao extremo a concepção exata de um espetáculo de imagens e sons. Embora não seja o capítulo mais aplaudido por quem curte a Saga de Lucas por seu lado mítico, místico e épico.

É a hora do confronto final entre as forças do Bem e do Mal. Essa terceira parte da segunda trilogia das aventuras de Luke Skywalker começa quando ele, cada vez mais senhor da Força, liberta seu amigo Han Solo de um antigo inimigo pessoal para, juntos, se prepararem para o novo contra-ataque do Império.

Enquanto a aliança rebelde executa seu plano de destruição da Nova Estrela da Morte, Luke também deve travar com seu pai a luta que vai ser decisiva para os rumos dessa galáxia tão distante...

O Retorno de Jedi, com direção de Richard Marquand, é um filme que prima pelo excesso, desde o predomínio técnico, passando pela abusiva quantidade de seres alienígenas, entre o asqueiroso Jabba the Hutt e os felpudinhos Ewoks até o enredo excessivamente "janeteclairiano" do mocinho-que-é-filho-do-bandido-e-irmão-da-mocinha. Por outro lado, também é um filme que excede em diversão e seu apuro visual mereceu o Oscar 83 de efeitos especiais. Em tempo: o título traduzido corretamente deveria ser *O Retorno "do" Jedi* que é, justamente, a volta do velho e mau Darth Vader para o lado bom da Força.

CRISTINA NASTASI

ALUCINAÇÕES DO PASSADO
(Jacob's Ladder, EUA, 1990)
Direção: Adrian Lyne. Com Tim Robins, Elizabeth Peña, Danny Aiello. LK-Tel / Columbia.

Piração de primeira linha, com o roteiro de Bruce Joel Rubin (*Ghost*) confundindo o espectador com várias realidades ficcionais possíveis. Tim Robbins é Jacob, um ex-combatente do Vietnã que agora se sente perseguido por visões assustadoras. De vez em quando, ele tem a sensação de que sua vida é apenas um pesadelo. A seqüência da festa impressiona: em clima lisérgico, Jacob vê gralhas voando, os destroços de um bicho na geladeira e é avisado por uma quiromante de que já está morto. *C.G.L.*

HOUSE III
(The Horror Show, EUA, 1990)
Direção: James Isaac. Com Lance Henriksen, Brion James. Jovem Pan.

Psicopata regressa da tumba para vingar-se do policial responsável por sua prisão e morte na cadeira elétrica.

O título original é mais fiel. É um show de horror: decapitações, desmembramentos, pesadelos sanguinolentos. Na seqüência em que o monstrengo assa na cadeira elétrica, é quase possível sentir o cheiro de carne queimada. *P.C.*

IT
(It, EUA, 1990)
Direção: Tommy Lee Wallace. Com Richard Thomas, Annette O'Toole, Tim Curry, Dennis Christopher, John Ritter, Richard Masur, Olivia Hussey, Seth Green. Warner.

No passado, um palhaço louco assassina várias crianças de uma cidadezinha americana. Derrotado por um grupo de jovens, some jurando vingança. No presente, trinta anos depois, a maldição se concretiza e ele retorna mais mortal do que nunca. Forçados a cumprir a antiga promessa de destruí-lo, caso o pesadelo recomeçasse, o grupo tem de enfrentar seus temores pessoais mais íntimos, e um mal ainda mais poderoso, mesmo que isso signifique o fim de suas vidas. Suspense e horror bem dosado entre belas cenas reconstituindo a infância dos personagens. No mais, o filme é sempre citado como a melhor adaptação (outra!) de um livro de Stephen King. *M.C.*

CONTOS DA ESCURIDÃO
(Tales from the Darkside, EUA, 1990)
Direção: John Harrison. Com Deborah Harry, David Johansen. Look.

Este é barra pesada, tendo vencido o Festival do Cinema Fantástico de Avoriaz. São três histórias. Na melhor (O Voto do Amor), pintor tem desagradável surpresa ao casar-se com mulher que conheceu na noite em que fez uma promessa ao demônio. Em outra, assinada por Stephen King, um gato devora as entranhas de um sujeito entrando por sua boca. *P.C.*

SEMENTE DO TERROR
(Not of This World, EUA, 1991)
Direção: Jon Daniel Hess. Com Lisa Hartman, Pat Hingle. CIC.

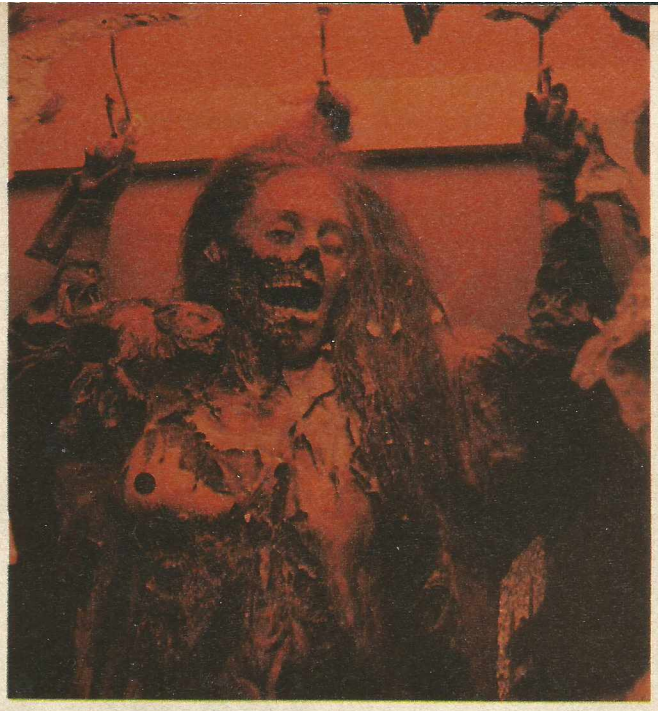
Depois de uma chuva de meteoros, alienígena instala-se numa cidadezinha do interior, provocando pânico.

Os efeitos são fraquinhos e a criatura mais parece uma lesma, que cresce à medida

em que se alimenta de energia. O filme foi feito para a TV, o que explica a ausência de cenas violentas. *P.C.*

DOIS OLHOS SATÂNICOS
(Two Evil Eyes, EUA/Itália, 1990)
Direção: George A. Romero e Dario Argento. Com Adrienne Barbeau, E.G. Marshall, Harvey Keitel, Madeleine Potter. Look.

A parceria dos mestres Romero e Argento resultou num verdadeiro pesadelo (no bom sentido). As histórias, em seu tratamento sombrio, podem oprimir. A primeira, sobre marido traído e morto-vivo se revoltando contra a esposa e o amante, é tensa e tem um final tétrico. A segunda, sobre casal que entra em crise por causa de um gato preto misterioso, é quase histérica, com cenas fortes e delírios góticos. Cada média-metragem parte de um conto de Edgar Allan Poe. *C.P.*



CONSPIRAÇÃO ATÔMICA
(Spontaneous Combustion, EUA, 1990)
Direção: Tobe Hooper. Com Brad Dourif, Cynthia Brain e Jon Cypher. Look.

Sabe lá por que raios inventaram que *Conspiração Atômica* soava melhor ou venderia mais do que Combustão Espontânea (a tradução literal do título desse filme). Do jeito que ficou, mais parece filme do James Bond.

Na verdade trata-se de um filme de um dos diretores mais apegados ao trash de que se tem notícia. Tobe Hooper decolou com o clássico podreira *O Massacre da Serra Elétrica,* se deu bem (com produção de Spielberg) em *Poltergeist,* retornou às serras elétricas do Texas em *O Massacre... II* e acabou voltando às tranqueiras.

Com um orçamento qualquer nota, Hooper arrisca até mesmo reconstituição de época — parte da estória se passa nos anos 40. Isso é que é peito. É por essas caraduras que o diretor ganha pontos.

Agora imagine um sujeito que faz os outros pegarem fogo à distância mandando suas faíscas para a namorada através de um telefone. Pode vir quente que eu estou fervendo! *C.E.M.*

QUADRILHA DE SÁDICOS
(The Hills Have Eyes, EUA, 1977)
Direção: Wes Craven. Com Dee Wallace, James Whitwort e Susan Lamier. Look.

Quem acha Wes Craven um diretor perverso apenas conhecendo *A Hora do Pesadelo* e seus filmes posteriores, como *A Maldição dos Mortos Vivos, Shocker,* e *As Criaturas Atrás da Parede,* ainda não viu nada.

Em seus primeiros filmes ele esbanja maldade. Forçado a trabalhar quase sem recursos, ele se valeu da precariedade de iluminação e cenografia para utilizar uma linguagem muito próxima do documental. Isso confere aos filmes um tom realista mórbido capaz de dar nós no estômago.

O quase pornográfico *The Last House on the Left,* lançado aqui com o título bobo *Aniversário Macabro,* é um exercício de crueldade incomparável. *Quadrilha de Sádicos* não tem o mesmo impacto, mas ainda é anos-luz mais paranóico e assustador que os filmes subseqüentes do diretor Craven.

A produção já é um pouco melhorzinha mas dá na cara que a falta de grana ainda imperava. A solução foi muito parecida com as sacadas de clássicos do filme *B,* tipo *Faster Pussycat, Kill, Kill,* do mestre Russ Meyer.

Simples! Põe todo mundo num deserto, um trailer aqui, uns carros acolá. Bota os vilões para morar em cavernas e depois arranja umas desculpas para fazer todo mundo se matar sem conseguir fugir para um lugar mais civilizado e mais caro para cenografar.

Nesses filmes o que importa são os instintos assassinos e de sobrevivência. Mistura-se mais uns papinhos americanófilos, uma boa dose de radioatividade para justificar mutações e... pronto! Você tem um candidato à obra-prima.

Quadrilha de Sádicos só não o é porque trata-se de uma tranqueira convicta, daquelas que dão gosto de assistir. De barriga vazia.

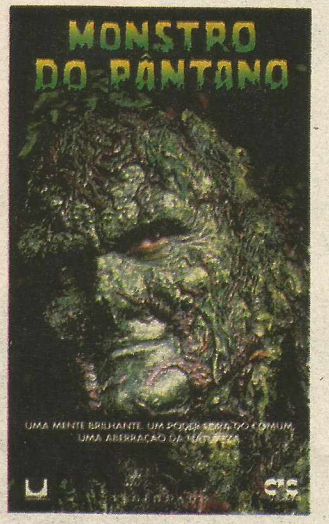
C.E.M.

A cobra dela quer comer a sua aranha

AS PROFECIAS DO DR. TERROR
(Dr. Terror's House Of Horrors, Ingl., 1965)
Direção: Freddie Francis. Com Peter Cushing, Christopher Lee e Donald Sutherland. Herbert Richers.

Nos anos 60, enquanto os americanos detonavam os mais absurdos *trash movies*, com garotas de biquíni atacadas por monstros espaciais, os ingleses mantinham a fleugma realizando filmes de terror bem mais tradicionais. Duas grandes produtoras dividiam o mercado — a Hammer e a Amicus, que bancou este *As Profecias Do Dr. Terror.*

Este clássico do cinema *B* é uma inocente e saborosa mistura de vodu, mãos que caminham, lobisomens e vampiros. O elenco reúne monstros sagrados como Peter Cushing, na pele do próprio Dr. Terror, e Christopher Lee com um então iniciante Donald Sutherland. Não assusta nada mas diverte legal. C.E.M.



MONSTRO DO PÂNTANO
(The New Adventures Of Swamp Thing, EUA, 1990/91)
Direção: Vários. Com Mark Lindsay Chapman, Carrel Myers e Scott Garrisson. CIC.

Essa versão para a TV do Monstro do Pântano é de uma babaquice atroz. Se você se liga nesse monstrão-cabeça por causa dos gibis cheios de referências e drogas alucinógenas e filosofia doidonas, nem encane de assistir a essa fita. É frustração garantida.

Dos quatro episódios compilados nessa edição, o melhor é nenhum deles. O pantanoso está mais bundão do que nunca. Pior do que no primeiro longa do herói, dirigido por Wes "Elm Street" Craven com um orçamento merreca.

Na fissura de ver suas aventuras em carne e osso só resta torcer para que alguém se digne a lançar por aqui *A Volta do Monstro do Pântano*, um segundo longa, que é cheio de aberrações e tem um roteiro bem mais próximo dos quadrinhos. Trashzão legal. C.E.M.

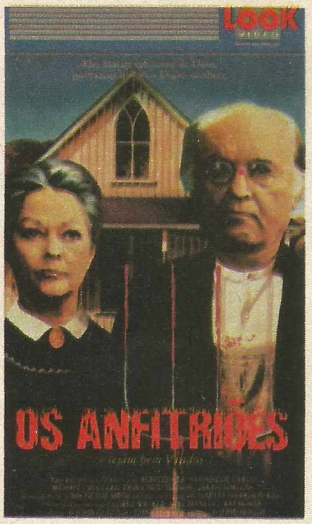
A SOCIEDADE DOS AMIGOS DO DIABO
(Society, EUA, 1990)
Direção: Brian Yuzna. Com Billy Warlock e Ben Meyer. VTI.

O produtor e diretor Brian Yuzna é uma espécie de Cronenberg eternamente *B* e adolescente. O negócio do cara é sexo, escatologia e violência. Tudo tão radical que chega a virar o fio. Seus filmes se esbaldam em humor negríssimo.

Dando um tempo entre uma adaptação e outra dos textos de H.P. Lovecraft — Yuzna produziu *Re-animator* e *Do Além* e, posteriormente, dirigiu *A Noiva de Re-animator* —, ele estreou na direção neste *Sociedade...* O ritmo inicial é bem diferente dos seus outros filmes, mais próximo do suspense.

O clima de mistério é envolvente. Para isso contribui o trabalho de fotografia de Rick Fichter *(Caçadores da Arca Perdida, Ases Indomáveis e O Império Contra-Ataca).*

Mesmo que você não seja do tipo que tem paciência para exercícios de tensão, pode ficar relax. No final a podreira come solta, com monstruosidades absurdas em efeitos especiais de alto nível. Prepare-se para rituais de sexo escabrosos! *C.E.M.*



OS ANFITRIÕES
(American Gothic, EUA, 1988)
Direção: John Hough. Com Rod Steiger, Yvonne De Carlo e Michael J. Pollard. Look.

Esse é um daqueles tradicionais filmes de família psicopata onde no fim não sobra ninguém. A-haaaa! Contei o fim!

Mas também ninguém pega um filme desses esperando um fim-surpresa. O que interessa é quantos cadáveres aparecem, a quantidade de litros de sangue que jorra, o requinte (?) dos assassinatos e as caras de mau que os vilões fazem. E isso, posso garantir, *Os Anfitriões* tem em nível muito melhor do que muitos dos *Sexta-Feira 13.*

Para melhorar o sabor, a tal família maligna é do tipo bem conservador, cheia de regras morais rígidas (até a hora de matar, mutilar, decapitar, degolar, sangrar...). Prato cheio para a moçada sanguinária que assiste a esse tipo de filme e odeia instituições "caretas" na mesma proporção em que venera as cenas de violência e detonação nos filmes.

Os Anfitriões conta ainda com o desempenho de Rod Steiger e Yvonne De Carlo, a Lili da família monstro, sempre profissionais.

Já deu para entender que não dá para esperar nenhuma obra-prima, mas pode ter certeza de que é diversão garantida. *C.E.M.*

LATITUDE ZERO
(Ido Zero Daisakusen, Japão/EUA, 1969)
Direção: Inoshiro Honda. Com Joseph Cotten, Cesar Romero, Richard, Jaeckel. WR Filmes.

Raridade trash da ficção científica japonesa dos anos 60. Tem o pique de *20 000 Léguas Submarinas* misturado com referências ao reino perdido de Atlântida. A história começa com uma exploração científica ao fundo do mar, na qual também está envolvido um repórter. Depois de uma explosão vulcânica, a equipe vai parar numa cidade submarina chamada Latitude Zero e é recebida por um louco com mania de grandeza. Os efeitos especiais de Eiji Tsubaya parecem uma gênese de *Jaspion* e afins, mas bem mais divertido. *C.G.L.*

O SATÂNICO MISTER FROST
(The Deadly Mr. Frost, EUA, 1989)
Direção: Philip Setbon. Com Jeff Goldblum, Alan Bates e Kathy Baker. Vídeo Arte.

Uma estória legal nem sempre rende um filme do mesmo nível. *Mr. Frost* é um desses casos. Tem-se o tempo inteiro a sensação de que tudo podia ser melhor. Fica-se imaginando atores mais simpáticos encarnando os personagens e reinventando mentalmente a narrativa.

O filme se salva pelo desempenho mais do que convincente de Jeff "A Mosca" Goldblum no papel de um assassino serial que se diz o capeta em pessoa.

Entre uma e outra dose de duelos psicológicos, as mortes e atrocidades correm soltas. Dá para encarar. C.E.M.

LOUCO, EU?
(Disturbed, EUA, 1990)
Direção: Charles Winkler. Com Malcom McDowell. Vídeo Arte.

Malcom McDowell (Calígula) num papel que faz jus ao seu currículo: ele é o diretor de uma clínica psiquiátrica às voltas com o misterioso desaparecimento do cadáver de uma paciente.

Humor negro sem muita inspiração no tema, mas atrevido no uso de angulações e perspectiva, reproduzindo o estado mental do personagem. *C.E.M.*

CONVITE PARA A MORTE
(Deadly Game, EUA, 1990)
Direção: Thomas J. Wright. Com Michael Beck, Roddy McDowall. CIC.

Misterioso personagem convida pessoas para uma ilha apenas para caçá-las uma a uma, iniciando perseguição sem tréguas aos sobreviventes.

Fitinha movimentada, ancorada num bom argumento e numa narrativa que prende a atenção. Numa das cenas mais violentas, um japonês perde, literalmente, a cabeça por ir onde não devia. *C.E.M.*

AKIRA
(Akira, Japão, 1988)
Direção: Yoshio Takeuchi e Hiroaki Sato. Europa.

Aclamado como uma das melhores histórias em quadrinhos dos últimos tempos, *Akira* coloca a animação a serviço da ficção científica, surpreendendo pela sua agilidade visual e pelo roteiro. A história se passa na Tóquio do século XXI, mostrando uma cidade devastada. Em meio a destroços de guerra, uma gangue adolescente tenta sobreviver entre loucos religiosos e o Exército. O mais espantoso acontece quando Tetsuo, um dos garotos, é capturado por um grupo que testa uma arma secreta e inusitada. Uma surpresa visual a cada imagem. *C.G.L.*

O SILÊNCIO DOS INOCENTES
(Silence Of The Lambs, EUA, 1991)
Direção: Jonathan Demme. Com Jodie Foster e Anthony Hopkins. LK-Tel/Columbia.

Acho difícil, a essa altura do campeonato, alguém que goste mesmo de filmes de terror (se você comprou essa revista, provavelmente seja um desses) ainda não ter assistido a *O Silêncio dos Inocentes.* Também é chegada a hora de botar os devidos pingos nos *is*.

Você sabe que o Oscar sempre foi um prêmio "politicamente correto", conferido a alguns dos filmes mais babacas que se tem notícia. Jonathan Demme sempre foi um diretor *fake*, distanciado yuppiemente dos temas abordados em seus filmes e, francamente, se tivessem chamado Scharzenegger para caçar o serial killer desse filme, a história não durava nem dez minutos. Era ferro na boneca.

Como isso é pura especulação, vamos aos fatos. Porque *O Silêncio dos Inocentes* não consegue convencer um maníaco por filmes de terror podreira?

Porque os fãs do gore não caem em truques manjados como tirar a pele da cara de outro sujeito e se disfarçar. Leatherface vive disso.

Porque qualquer ser pensante sabe que era impossível, no fim do filme, a polícia estar chegando na casa do assassino. Jodie Foster estaria indo aonde? Levar doce para a vovozinha?

Então para que todo aquele suspense barato, mesmo que muito bem realizado, cheio de cortes bruscos e edição frenética? Para o diretor se exibir em virtuose inútil?

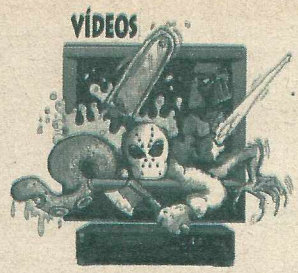
O Silêncio pode ser muito bacana e surpreendente para quem o auge do suspense é ler Agatha Christie sem dar uma espiadinha no final. Para a galera acostumada às artimanhas e truques de vilões, como Freddy Krueguer e Jason, mesmo que seu filmes nem se comparem em acabamento com este campeão do Oscar, inocentes são os que acham que Hannibal Lecter é tão mau assim.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

Croquis da designer Kristi Zea

para os cadáveres destroçados

por Hannibal Lecter



CONFRONTO COM O DIABO
(The Dream Demons, EUA, 1990)
Direção: Harley Cokliss. Com Kathleen Wilhite e Jemma Redgrave. Look.

Mais um filme de terror dentro dos sonhos. Ares góticos tipicamente britânicos e uma trama com um caráter bem feminino.

O roteirista Christopher Wickings foi um dos mentores da Hammer — produtora inglesa que viveu seu auge nos anos 60 com os Drácula de Christopher Lee. Wickings escreveu, entre outros clássicos, *O Fantasma Da Rua Morgue, Uma Filha Para O Diabo, Demônios Da Mente, Grite E Grite Outra Vez* e os recentes *Absolute Beginners* e *O Amante De Lady Chatterley.*

O diretor Harley Cokliss (de *Malone)* conduziu com estilo essa mistura de Alice no País das Maravilhas com *A Hora do Pesadelo.* Mas esse festival de paranóias sonâmbulas só assusta realmente as mocinhas assustadiças.

Em tempo: não tem confronto com diabo nenhum como quer sugerir o título brasileiro. *C.E.M.*

PIN UMA JORNADA ALÉM DA LOUCURA
(Pin, EUA, 1989)
Direção: Sandor Stern. Com David Hewlett, Cyndy Preston e Terry O'Quinn. Look.

Você já deve ter visto muitos filmes sobre bonecos falantes que envolvem seres humanos em tramas maquiavélicas. A novidade deste *Pin* é que o boneco serve apenas como médium para as perversões e psicoses humanas.

As psicologices se esquivam da obviedade, mesmo que a narrativa seja bem tradicionalzona.

O que conta pontos para o filme é o clima obsessivo com que os acontecimentos vão se encaminhando e a utilização de um daqueles bonecos usados em aulas de anatomia. Ou seja, uma réplica perfeita de um homem, em tamanho natural, sem a pele.

Um aviso: se o seu negócio é *splatter,* muita sanguinolência e agitação, pode esquecer este filme. *Pin* é indicado para quem tem paciência com histórias lentas. *C.E.M.*

NOITE DO SILÊNCIO
(Blind Terror, EUA, 1989).
Direção: Monte Hellmann.
Jovem Pan Home Video.

NATAL SANGRENTO 5
(Silent Night, Deadly Night 5: The Toy Maker, EUA, 1991).
Direção: Martin Kitroesser.
Produção: Brian Yuzna.
Europa Home Video.

Não entendi esse título. *Noite do Silêncio* é o terceiro da série *Natal Sangrento,* pô.

Transformar a pieguice natalina em oportunidade anual de picotar inocentes é conceitualmente genial. Mas os filmes da série nunca chegaram a esse patamar de "genialidade". No primeiro, o já bem velhinho Robert Culp (que fazia o agente do FBI amigo do *Super-Herói Americano)* enfrenta o "Santa Slasher". Hellmann aprendeu com Corman nos 60, era chegado de Nicholson (trabalhou num filme clássico de motoqueiro, *Wild Angels;* depois dirigiu o bom *Corrida sem Fim).*

O segundo episódio tem a mão sangrenta de Yuzna *(Re-animator)* e, para você que é cruel, o prazer sádico de ver Mickey Rooney caindo de velhice. *A.F.*

FILHO DO BEM, FILHO DO MAL
(Child of Darkness, Child of Light, EUA, 1991)
Direção: Marina Sargenti. Com Brad Davis. CIC.

Duas virgens, em lugares diferentes, ficam grávidas: uma espera o Cristo reencarnado; a outra, o filho de Satã.

Feita para a TV, esta é uma produção bem comportada, que se apóia muito mais no suspense que no horror explícito. *P.C.*

SONHOS DE HORROR
(Nightwish, EUA, 1990)
Direção: Bruce Cook. Com: Clayton Rohner e Jack Starrett. VTI.

Esse tem de tudo — ectoplasma, canibalismo, alienígenas, cientista louco, assistente careca e debilóide, pentagramas, invocações, grupo de jovens e uma boa dose de erotismo. Quer mais? A fotografia, a trilha e os efeitos são bem legais. Para compensar, a trama de sonhos dentro de sonhos dá uma sensação de vazio de tão pouco palpável. *C.E.M.*

A PRAIA DO PESADELO
(Nightmare Beach, EUA, 1988).
Direção: Harry Kirkpatrick.
LK-Tel Video.

O título e a presença de John Saxon tentam forçar algum parentesco inexistente com *A Hora do Pesadelo.* Nada a ver, é mais um filme de gangue de motoqueiros atazanando o pessoal caretinha da praia. Biquínis de montão, sangue, não. *A.F.*

SUBESPÉCIES — A GERAÇÃO VAMP
(Subspecies, EUA / Romênia, 1991)
Direção: Ted Nicolau. Com: Michael Watson, Laura Tate e Anders Hove. VTI.

História de vampiros rodada na Romênia, com produção de Charles Band, perdida entre cenários e bom-mocismo Disney e narrativa trash. De novidade, apresenta um vampiro bonzinho e uns asseclas monstrinhos para o vilão. Não faltam seios de fora, como na maioria dos filmes *B* de terror. *C.E.M.*

O LADO SOMBRIO DA LUA
(The Dark Side of The Moon, EUA, 1990)
Direção: D.J. Webster. Com: Joe Turkel, Will Bledsee e Camila More. VTI.

Lembra daquelas aventuras de *Viagem ao Fundo do Mar* em que um dos tripulantes do submarino civil ficava possuído por uma força estranha e barbarizava a tripulação? Esse filme é exatamente assim, só que pós-*Alien* de quinta categoria e sem a graça ingênua da série de Irwin Allen. *C.E.M.*

A MORTE VESTE VERMELHO
(I'm Dangerous Tonight, EUA, 1990)
Direção: Tobe Hooper. Com Anthony Perkins, Corey Parker. CIC.

O monstro aqui é um vestido vermelho amaldiçoado, capaz de transformar a mulher que o usa na encarnação do mal. Tanto que uma delas, depois de estrangular o namorado no chuveiro, corta o seu pênis. As mortes violentas ocorrem, no entanto, fora do campo de visão da câmera. Discrição demais para Hooper. *C.E.M.*

A CATEDRAL
(The Church, Itália, 1989)
Direção: Michele Soavi. Com Hugh Quarshie, Tomas Arana e Asia Argento. Look.

Os filmes de terror italianos não tem nada de "spaghetti". Muito menos quando eles têm a mão de Dario Argento. Além de produzir e dirigir, o cara ainda articula roteiros escabrosos. De fazer gelar a espinha!

Um desses roteiros se transformou no macabro *A Catedral.*

Os méritos não são só de Argento. O diretor Michele Soavi capricha na mão e colore esse relato de horror gótico com tintas escuras. É daquele tipo de filme que impressiona e causa mal-estar. Aquele medo cósmico cristão.

A dosagem de podreira e terror moral é perfeita. Fotografia bacana e trilha sonora envolvente. Experimente!

C.E.M.

MANIAC COP.
Direção: William Lustig.
MANIAC COP 2.
Direção: William Lustig.
(EUA, 1990 e 1990)
Ambos escritos e produzidos por Larry Cohen.
Alvorada.

Filmes tipo *Robocop* sempre supõem que um tira superpoderoso só caçaria os bandidos. Larry Cohen foi mais longe: criou um supertira-zumbi, que mata tiras corruptos — talvez o pior tipo de criminoso, porque tem a lei a seu lado.

Cohen é do ramo. Fez *Nasce um Monstro, Q, The Stuff.* Tem sempre um olho na bilheteria e outro na subversão. Esses *Maniac Cop* são muito legais. Mostram a polícia como a organização escrota que é — e fazem nossa alegria massacrando os gambés.

Para completar, os atores são todos bacanas. O primeiro tem Richard Roundtree (o Shaft) e Bruce Campbell (o Ash da série *Evil Dead*). O segundo tem o vilão profissional Robert Davi *(Licença para Matar)* dando uma de herói e a maravilhosa Claudia Christian, a stripper que é possuída pelo alien em *The Hidden.* O segundo é melhor, mas o canal é fazer uma sessão dupla.

A.F.

POPCORN
(EUA, 1991).
Direção: Mark Herrier.
Europa Home Video.

Filme inferior, na linha "homenagem aos grandes do terror", inaugurada no inesquecível *Grito de Horror,* de Joe Dante. Garotada promove festival de filmes de horror e enfrenta demônios, forças sobrenaturais etc. O problema é que a podreira demora muito para começar. Pule os dois terços iniciais com o fast-forward e vá direto onde interessa. *A.F.*

ESTRANHAS MUTAÇÕES
(The Mutations, EUA, 1974).
Direção: Jack Cardiff.
LK-Tel Video.

Cientista louco faz experiências e cria monstrengos. Só para fãs de Donald Pleasance e maquiagens feitas no fundo do fundo do quintal.

A.F.

ROBOJOX, OS GLADIADORES DO FUTURO. (Robojox, EUA, 90). *Direção: Stuart Gordon. Com Gary Graham.* **REBELIÃO NO SÉCULO 21 (Crash'N Burn, EUA, 90).** *Direção: Charles Band. Com Anne-Marie Graham.* Alvorada.

Robojox começa bem, numa batalha digna dos antigos seriados do Robô Gigante ou Vingadores do Espaço (alguém lembra disso?). É quase uma versão filmada dos Transformers. O cara já se empolga e acha que vem em frente um filmão. Ainda mais que o diretor é Stuart *Re-Animator* Gordon.

Aí começa o papo-furado. Uma estorinha qualquer coisa sobre qualquer coisa. Tudo para enrolar entre essa briga do começo e a do fim.

Fica-se esperando uma tremenda pancadaria para compensar a espera. Os robozões finalmente se pegam no pau, saem voando para se enfrentar no espaço... E aí a gente já está ali "ôba!" na cadeira e... Nada. Chega lá em cima e é um tirinho para lá, outro para cá. E dão graças a Deus que eu contei o filme, pois a única coisa que vale mesmo são os robôs. Muito legais!

Tão legais que o malandro do produtor Charles Band usou o refugo para fazer *Rebelião no Século 21.* Pode ver lá na capinha da fita que tem um deles todo posudo, bem grandão, para empurrar essa tranqueira para os otários. A verdade: o robô passa 99% do filme desativado sob um monte de poeira e só acorda no final. E não resolve nada. *C.E.M.*

MANIAC COP 2

RPG MANIA

Saiba o que é, como se joga e como entrar na onda do *roleplaying games*

O pesadelo imaginado por George Orwell em *1984*, de um Big Brother vigiando permanentemente através da televisão, parece sepultado: as televisões ficam ligadas mais tempo, é verdade, mas cada vez mais sintonizadas em video games.

Além da enorme variedade de video games, existe uma quantidade igual de jogos de computador. Em meio a esta imensa jogatina mundial estão os role playing games, que causam estranheza em meio a tantos video games e computer games por não necessitarem nenhum aparato tecnológico.

O texano Steve Jackson, um dos principais criadores de role playing games, não aceita comparações deste jogo com video games e computer games. "Os video games são apenas imagens. Imagens bonitas, mas apenas imagens. O RPG reúne as pessoas, faz com que elas troquem experiências. É um evento social. Vai demorar muito até que os computer games cheguem a isto."

Steve Jackson é o criador do *Gurps* (Generic Role Playing Universal System), considerado a mais ousada experiência na área. O *Gurps*, lançado no Brasil pela Devir (ver endereço abaixo), não é exatamente um role playing game, é um sistema que possibilita a criação de diversos role playing games. É um esqueleto para jogos.

Jackson já lançou diversos suplementos para o *Gurps*. Tais suplementos funcionam mais ou menos como cartuchos de video games: com eles o jogador tem os dados para, a partir do *Gurps*, montar seu jogo. Por exemplo, existem diversos suplementos com dados a respeito do universo do herói Conan, o Bárbaro. Com eles o jogador pode criar uma "aventura" nas terras cimerianas.

Os jogadores podem também montar seu próprio universo, dispensando qualquer suplemento. Um jogo, por exemplo, que se passe na Baixada Fluminense, onde os jogadores assumam as personalidades de assaltantes, padres, prostitutas, operários, rabinos ou integrantes do esquadrão da morte.

UNIVERSOS PARA VENDER

Em um role playing games o jogador pode ser o capitão Kirk, um dos X-Men, um Watchmen, Buck Rogers, Mick Jagger ou Fidel Castro. Existem jogos de quase todo o tipo de universo. Um dos mais populares role playing games descreve o universo do livro *O Senhor dos Anéis* (do escritor inglês J. R. Tolkien), com seus feiticeiros, fadas e guerreiros. Outro jogo bem popular é *Call of Cthulhu*, que descreve o universo criado pelo escritor fantástico H. P. Lovecraft (o "pai" da moderna literatura de terror).

O role playing game *Call of Cthulhu* tem mais de dez suplementos, cada um com uma "aventura" esboçada ou com a descrição de monstros, por exemplo. O RPG de *Jornada nas Estrelas* também tem diversos suplementos, cada um sobre um assunto específico, como os klingons, ou a nave Enterprise etc.

O *Gurps*, que está sendo lançado no Brasil pela Devir, tem mais de cinqüenta suplementos. Alguns tratam especificamente da China, Japão, outros ajudam a criar aventuras com super-heróis, aliens, piratas etc. Estes suplementos são quase enciclopédias dos assuntos que tratam, com o objetivo de dar aos jogadores a informação necessária para que as partidas possam se tornar cada vez mais complexas.

São livros tão "enciclopédicos" que, no caso do *GURPS Cyberpunk*, um suplemento que fala de piratas de dados de computador, Steve Jackson teve problemas com a Justiça norte-americana, que acusou o livro de ser um manual para quem quisesse invadir sistemas de computador alheios.

COMO JOGAR UM RPG

Um dos jogadores, chamado "mestre", cria o universo onde acontecerá a "aventura", baseado ou não em algum suplemento. Ele apresenta este universo aos demais jogadores que por sua vez elabo-

ram cada um deles um personagem para participar da aventura. As características de cada um destes personagens devem ficar como um segredo do jogador que o criou e o "mestre".

O mais divertido nesta elaboração do personagem é não fazer dele um super-homem que tenha apenas características positivas, e sim criar um personagem complexo, que torne as aventuras mais interessantes. Além do que determinadas vantagens podem se transformar em desvantagens conforme o ambiente em que a aventura acontece. Assim, se a aventura acontece em um presídio barra-pesada, é melhor ser um sujeito bem feioso e fedorento que ser um rapaz gentil, delicado e lindinho (quer dizer, depende do gosto de cada um).

Durante o jogo, o "mestre" apresenta as situações e os jogadores definem a ação de seus respectivos personagens. Esta definição das ações do personagem tem que necessariamente levar em conta suas características. Se o personagem é muito forte terá mais chances de vencer uma briga, mas se, por outro lado, é muito grande, não conseguirá escapar de uma prisão tão discretamente quanto um homem-gabiru.

INSTRUMENTOS DO JOGO

Para jogar um role playing game é preciso basicamente um livro-manual (ou não) e dados (ou não).

Quantidade de jogadores:
O RPG pode ser jogado por uma pessoa ou centenas.

Tempo de cada partida:
Uma partida, chamada "aventura", pode durar minutos ou anos. Teoricamente, pode continuar indefinidamente.

Objetivo do jogo:
Inventar uma boa história.

Regras:
Os jogadores podem definir quais regras usarão. Podem também inventar suas próprias regras.

Vencedor:
Não existem vencedores ou perdedores. O jogador pode morrer durante a "aventura" e ressuscitar minutos depois ou voltar assumindo outro personagem. Por essa nem mesmo o Barão de Cobertin, patrono das Olimpíadas, esperava: um jogo em que não é importante competir.

OS GIBIS

Os role playing games têm servido de inspiração para diversos roteiristas de livros, quadrinhos e cinema. Não é por acaso que *E.T. — O Extraterrestre* começa com uma cena em que um grupo de crianças está jogando um RPG, *Dungeons and Dragons*.

O role playing game que se deu melhor nesta relação *inter mídias* é o *Wild Cards* (que também usa o *Gurps* como base). Ele foi criado por um grupo de escritores de ficção científica, tendo com George R. R. Martin como "mestre" (Martin é um escritor bem conhecido e autor de alguns dos episódios das séries de TV *Além da Imaginação* e *A Bela E A Fera*). Inicialmente o *Wild Cards* era apenas um jogo entre estes escritores, mas suas partidas acabaram inspirando uma série de livros, que se tornaram best-sellers do gênero ficção científica. Depois vieram os gibis e no ano passado a Disney comprou os direitos para uma versão cinematográfica.

No universo de *Wild Cards*, alienígenas resolvem testar uma bomba biológica na Terra. Dos atingidos pela tal bomba, 90% morrem na hora, 9% se transformam em seres deformados (são os curingas) e 1% adquire poderes especiais (são os ases). Neste universo Buddy Holly não morreu, Mick Jagger é um lobisomem e Fidel Castro joga basquete em Nova York.

O role playing game *Wild Cards* não chegou ao Brasil, mas recentemente a Editora Globo lançou o gibi *Cartas Selvagens* baseado na série.

ROGERIO DE CAMPOS

Devir Comics: Caixa Postal 605 - CEP 09701 - São Bernardo - Tel: (011) 278-0384

HQs

NOVOS UNIVERSOS

Os maiores artistas da atualidade abandonam Marvel e DC e começam uma revolução nos quadrinhos

Uma nova revolução no mercado de quadrinhos norte-americano está se aproximando. Durante anos, o conceito de "quadrinho de autor" — os direitos de comercialização de um personagem ou história pertencendo ao criador da obra e não à editora — foi considerado uma ideologia exótica.

Na história dos comics, para cada Will Eisner — judeu o suficiente para registrar o copyright de seu Spirit antes que algum sindycate aventureiro lançasse mão — existiram milhares de Shusters & Siegels, que pastaram um bocado enquanto seu Superman levava a DC Comics para o alto e avante.

Agora a coisa começa a mudar. Não na Marvel, é claro. Esta sempre respeitou os direitos do autor, desde que esse autor se chamassse Stan Lee. Mas as duas grandes ficaram chocadas ao descobrir que salários milionários não estão mais segurando seus grandes artistas, capazes de criar gibis que vendem na casa de milhões de exemplares.

O que esses caras estão querendo? Poder decidir sobre o destino de um personagem sem ter de pedir permissão ao *editor in chief*, ao chefe do *editor in chief* e à direção da holding que quer vender os direitos desse personagem para um estúdio em Hollywood? Querem receber porcentagens sobre brinquedos, camisetas e merchandising com seus personagens? Querem poder decidir que editora publicará suas criações?

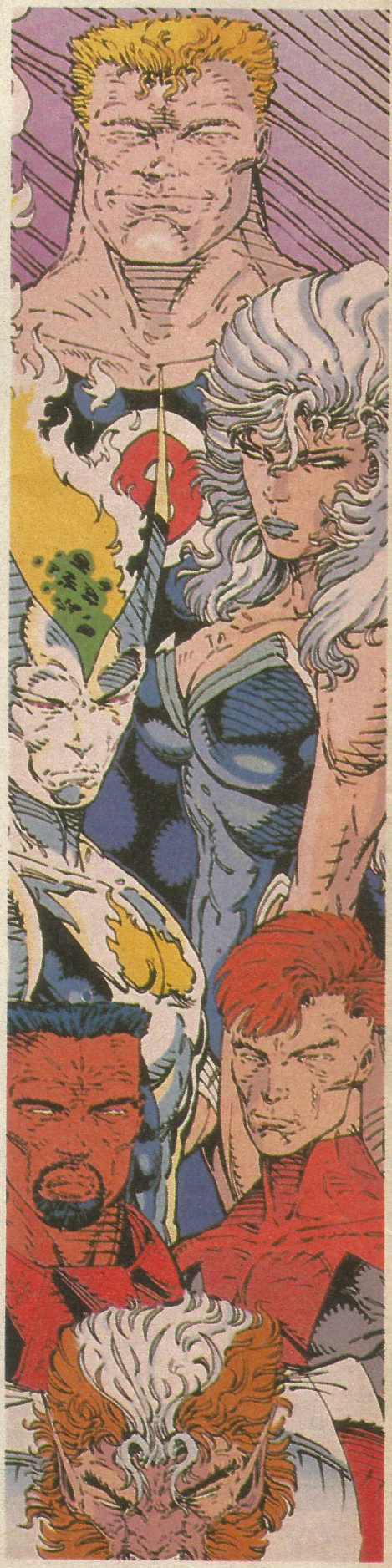
É isso mesmo o que eles querem! A primeira editora a pegar o fluxo dessa nova corrente e se dar bem foi a Dark Horse. Com um pé apoiado em adaptações muito boas de filmes de sucesso *(Exterminador do Futuro, Predador* e *Aliens)* e o outro em uma política de direitos autorais civilizada, ela já é chamada hoje de a Terceira Grande editora do ramo. A Dark Horse conseguiu trazer para dentro de casa os dois maiores autores da década de 80: Frank Miller e John Byrne.

Agora é a vez de duas pequenas editoras pegarem o bastão e seguirem em frente. A Valiant e a Image Comics (divisão da editora Malibu) prometem para esse ano uma política agressiva que irá arrastar a nata criativa das grandes editoras e gerar uma infinidade de novos universos, pessoais, independentes e profissionalmente corretos. A lista dos desertores é grande, passando por George Perez, Jim Lee, Chris Claremont, Whilce Portacio, entre outros. Aqui estão alguns dos projetos para os próximos meses.

H. M.

*SPAWN

Depois de largar bruscamente a revista *Spider-man*, Todd Mc Farlane voltará a assumir um título mensal. Spawn é um ser com um imenso poder, tão imenso que, quando ele o utiliza, sua energia se esvai quase totalmente e ele fica à beira da morte. Deverá ser o carro-chefe da Image Comics. Previsão de lançamento: junho.



Os jovens heróis de *Youngblood...*

*YOUNGBLOOD

Rob Liefield (New Mutants, X-Force) lançou pela Image seu primeiro trabalho em quadrinhos, nunca antes publicado. À primeira vista parece mais uma série de mutantes com hipertiroidismo, mas ele promete que não. *Youngblood* dá uma nova resposta para a velha pergunta: o que aconteceria se os super-heróis existissem na vida real? Eles seriam astros de cinema e celebridades, diz Liefield. A série tem três números e será seguida de outra a ser lançada no meio do ano chamada *Brigade*.

*UNITY

Jim Shooter (o arquiinimigo de John Byrne) é o novo cabeça da Valiant e, ao que parece, finalmente está conseguindo concretizar seu sonho de criar um Novo Universo. Unindo heróis novos (Rai, Harbinger, Archer and Armstrong) com velhos recauchutados (Magnus Robot, Fighter, Turok e Solar, Man of the Atom), ele está levando adiante sua editora, com o auxílio de Bob Layton, David Micheline, Barry Windsor-Smith e outros ex-Marvel Boys.

Unity será um crossover que reunirá todos os títulos da Valiant, girando em torno de uma invasão alienígena em seu universo. Roteiro de Shooter e arte de Smith. Capas de Frank Miller e Walt Simonson.

*ROBOCOP VS TERMINATOR

A Dark Horse conseguiu juntar os dois maiores ciborgues do cinema em um só gibi. Em 2029, um rebelde humano consegue se infiltrar na máquina do tempo e volta ao passado para matar um antepassado tecnológico dos exterminadores: o policial Alex Murphy, vulgo Robocop. Três exterminadores são mandados para proteger Murphy, como se ele precisasse de alguma proteção. Roteiro de Frank Miller e arte de Walt Simonson (Thor, Fantastic Four). Lançamento em junho.

... o gibi independente mais vendido da história

JORNADA ÀS LIVRARIAS

O sucesso literário de *Jornada nas Estrelas*

Como seriado de TV, *Jornada nas Estrelas* foi onde nenhum outro jamais esteve: virou *cult*, foi para o cinema, ganhou uma nova série televisiva e conquistou uma posição privilegiada no mercado editorial americano com mais de 300 livros, alguns dos quais chegam a figurar na lista dos mais vendidos do jornal *The New York Times*.

É justamente para aproveitar um filão tão atraente que a Editora Aleph está trazendo para o Brasil os primeiros livros de uma coleção dedicada apenas à série e que tem, entre outros títulos, a adaptação do filme *Jornada nas Estrelas VI — A Terra Desconhecida*, em lançamento simultâneo com o cinema.

Jornada nas Estrelas chegou à literatura tão logo a série foi cancelada da TV e os primeiros livros começaram a ser escritos pelos fãs, os *trekkers*. Alguns deles mais tarde chegaram a se profissionalizar, como é o caso de A.C. Crispin (autora de *O Portal do Tempo* e de outro seriado de sucesso, *V — A Batalha Final*), e passaram a escrever para *Jornada*, ao lado de autores de peso como Vonda McIntyre. A bibliografia de *Jornada* abrange não apenas os romances, baseados nos personagens, como também livros de análises e diversos manuais técnicos sobre a estrutura da nave Enterprise, que são de impressionante apuro técnico.

Até agora no Brasil foram lançados quatro títulos, contando com a novelização do sexto filme: *O Portal do Tempo*, cuja primeira edição está esgotada, *Encontro em Farpoint* (piloto da nova série) e *Efeito Entropia*, de Vonda McIntyre. O esquema da editora é sempre lançar um livro a cada mês, intercalando uma história da série clássica e outra da *Nova Geração*. Os próximos lançamentos serão *Navio Fantasma* (da nova série) e *Teia dos Romulanos* (da clássica).

Além da preocupação da editora em ter a coleção traduzida por *trekkers* — para garantir a qualidade em relação à terminologia específica de *Jornada* — a Aleph deu uma orientação didática aos livros. Cada um traz glossário que dá informações sobre termos e eventos ligados à série, assim como de conhecimento geral, visando sua utilização em salas de aula. Nada mais adequado e interessante para *Jornada nas Estrelas* e suas histórias que misturam muita aventura e um alto nível de informação.

CRISTINA NASTASI

A coisa está feia para os leitores brasileiros. Não bastasse a falta de grana-recessão-etc. (que já levou a *Animal* e a *Mil Perigos* a darem um tempo), os editores de quadrinhos das grandes editoras — é, essas duas mesmo — cada vez estão mais fora de contato com o mundo real. Nada de Dark Horse, Image, Fantagraphics, HQ inglesa. Nada de novos universos por aqui. Nem ao menos produtos recentes e acessíveis de caras famosos como Frank Miller (tipo "Hard-Boiled" e "Sin City") e John Byrne ("Next Men"). É só velharia, coisa cara e material que não vai vender nada.

Quer exemplos? *Exterminador 17*, chatésima ainda que bonita graphic de Dionnet e Bilal. Os superheróis da Epic *Dr. Zero* e *Powerline*, que têm visual legal mas não deram certo nos EUA nem darão aqui (ainda mais que parece que vai sair em formatinho). Graphics mala, tipo *Enemy Ace* e umas européias cabeçonas diversas. *Mai, A Garota Psiquica*, mangá bem normalzinho — pô, se *Lobo Solitário* não deu aqui, para que insistir! E por aí vai.

Está certo que às vezes rolam coisas surpreendentes. Exemplo: o gibi *Jornada Nas Estrelas*, que só saiu porque o editor da revista é *trekkie*, vendeu mais neste primeiro semestre que o gibi mensal do Batman.

Mas isso não desculpa ou ameniza a burrice desses caras. Resultado: os gibis estão vendendo mal, os leitores que lêem inglês estão correndo atrás dos originais gringos. E os caras que levam mais jeito para quadrinistas, como o Cariello e o Kipper, estão trabalhando para as editoras de lá.

Igualmente irritante é a visão estapafúrdia do mercado de quadrinhos que os jornais têm. Há meros dois anos atrás, *todos* os grandes jornais de Rio e São Paulo davam semanalmente novidades sobre HQ. Agora quase todos cortaram. Alguns cortaram tiras também, ou diminuíram de espaço.

Tentam explicar dizendo que tiveram de diminuir o número de páginas. E, mas tem espaço para entrevistas com escultores noruegueses, bailarinos indonésios, videomakers filhinhos de papai e coisas igualmente interessantes. Sei, sei. Depois ainda reclamam que jovem não lê jornal.

ANDRÉ FORASTIERI

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET ESPECIAL
TERROR & FICÇÃO

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Editor Assistente de Arte: Renato Yada
Colaboradores: Editor Contribuinte - Carlos Eduardo Miranda. **Texto** - Cesar Garcia Lima, Christian Petermann, Cristina Nastasi, Fabiano Liporoni, Marco Moreti, Marcos Smirkoff, Marinella Setti, Rogério de Campos, Paulo Capuzzo, Walter de Silva. **Arte** - Silene Pereira de Miranda. **Fotografia** - Carlos Mancini. **Maquiagem** - Alexandre Micoletti "Buba" Camargo, José Fernando "Cancro" de Faria. **Ilustrações:** Hilton Mercadante (Mulher Gato), Tony (logotipo)

PUBLICIDADE

Diretor: Claudio Martins
Gerente: Rosangela Cassilio
SP-Contatos: Ana Maria S. T. Lobo
RJ-Contato: Mônica Campos
Coordenador: José Soares A. Santos, Wladimir Xavier De Almeida

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fábio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE
Diretor de Escritórios Regionais: Carlos Alberto Araújo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
COMUNICAÇÃO
Diretor: Rogério Rahier
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamim S. Gonçalves
Estúdio Fotográfico-Gerente: Fábio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Baroni
Departamento de Documentação-Gerente: Suzana Camargo

Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emílio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

TERROR E FICÇÃO é uma publicação trimestral da Revista SET da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479900, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, Telex (011) 83178, Fax: (011) 813-9115. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. Marechal Câmara, 160 - 15.º andar, S/ 1533/34, CEP 20020, tel.: (021) 532-0313, Telex: (021) 36890, Fax: (021) 532-1486, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. Circulação desta revista: **junho/92. Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel.: (011) 823-9222.

ANER IVC

Fotolito: Fotoline Ltda.
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

SET CINEMA & VÍDEO EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 226-7007
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FAMA
Música e Ídolos

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

AÇÃO GAMES
O Mundos dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479900. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril/Abrilpress
Rio de Janeiro
Rua Marechal Câmara, 160 - 15.º andar, s/ 1533/34, CEP 20020, tel.: (021) 532-0313. Telex: (021) 36890, Fax: (021) 532-1486.
Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE

São Paulo: Av. Brig. Faria Lima, 1541 - 16.º andar, CEP 01451, Fone: (011) 814-7211, FAX (011) 212.0664
Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones: (061) 223-2134/226-3644 (FAX)
Belo Horizonte: M.A.M. Public. e Repres. Ltda. Toda Mídia, rua Timbiras, 1560, cj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - (0474) 33-6186 - Joinville - SC; (041) 234-0439, Curitiba PR

CARTAS

A VOLTA DE TERROR E FICÇÃO

O que está acontecendo que não se acha mais exemplares da sua revista aqui em Minas Gerais?
Rosa Maria Goes Ferreira, Belo Horizonte

Cadê a TERROR E FICÇÃO?
Manuel Dias Ribeiro, Salvador

Vocês vão parar de publicar a TF? Por favor, não façam isso!!!!
Lúcia Lastri, Ribeirão Preto

Somos fãs do Buba e Cancro e queremos endereço deles... Nós queremos detonar, arrasar, fazer todo mundo se arrepender de estar morando em Jaú.

P.S.: Por que a *Terror e Ficção* demora tanto para sair nas bancas?
Daniel, Andréia, Paulo, José Antonio, Jaú

O endereço está na Oficina do Terror *desta edição. Escrevam direto para os dois monstros, que eles se comunicam com vocês — isso também vale para vários outros leitores que querem aprender a fazer maquiagens, inclusive o Jean Carvalho Da Silva, do Fã-clube* Renascido Do Inferno, *de Altamira, Pará.*

OK, OK, We're back !!!! TF *é trimestral, por enquanto. Pulamos uma edição para reformular o visual, as seções e tudo mais e fazer esta nova revista que você tem em mãos. Mas se TF vender bastante, pode ser que ela vire bimestral! Por isso, façam propaganda da revista!*

CENOBITA

Queria que vocês mandassem uma carta para o Clive Barker pedindo para ele me mandar uma réplica da caixa enigmática do filme Hellraiser para eu começar um fã-clube.
José R. Avilés, Mogi Guaçu

Negócio seguinte: o Barker não dá, "Configurações do Lamento" ele licencia os produtos para outras empresas fabricarem e venderem.

VELHA GUARDA

Estou atrás do material sobre *Earth Vs. Flying Saucers, The Beast from Twenty Thousand Fathoms, O Monstro da Lagoa Negra...* Existem vídeos desses filmes?
Doriano Pulpito, Santo André

Lançados aqui não, mas agora você pode comprar pelo correio direto dos Estados Unidos.

JÁ ERA

Por que vocês não fazem uma matéria sobre o seriado *Flash*?
César dos Santos Lemos, Belo Horizonte

Porque ele acabou! Em compensação, a partir de agora damos em todas as edições os projetos de filmes, séries e desenhos baseados em quadrinhos, OK?

PHOEBE

Gostaria de obter informações sobre a belíssima atriz Phoebe Cates, dos filmes Gremlins.
Hércules Luiz de Souza, Tocantins, Minas Gerais

Phoebe não é lá a melhor atriz do mundo, mas que é uma gracinha, não tem dúvida. Entre os filmes que ela fez estão Picardias Estudantis *(em que aparece seminua!),* Dixie e Bright Lights, Big City, *todos lançados aqui; mais* Date with an Angel, Private School, Shag, The Movie *e* Drop Dead Fred, *inéditos.*

ADIVINHÃO

Eu gostaria de ver matérias com os filmes *Hellraiser 3, A Hora do Pesadelo 6, Prison — Duro de Prender* e *Robojox.*
Juliano Fagundes, Goiânia

Então essa edição está perfeita para você! Ficamos devendo o Prison, *mas logo a gente vai fazer uma matéria especial sobre filmes de cadeia. Aguarde.*

ADIVINHÃO 2

Gostaria que fossem feitas mais reportagens com os novos filmes que nunca foram vistos por aqui, como *Basket Case, PuppetMaster* etc. Acho também que deveriam ser feitas seções de lançamentos em vídeo e não seleções de filmes já lançados.
Eduardo Kobayashi, Suzano, SP

É exatamente o que estamos fazendo daqui para frente.

FOTOFANÁTICA

Publiquem fotos de *Re-Animator, Do Além, O Exorcista...*
Rosane Lemos da Silveira, Alegrete, RS

Pode deixar!

CORRESPONDÊNCIA

Somos duas psicóticas, espantomaníacas, masoquistas e fanáticas pelo sangue e o terror. Gostaríamos de nos corresponder...
Reni e Flávia Ramos de Rosa — Av. Vieira Souto n.º 530, ap. 101, Rio de Janeiro, RJ. CEP 22420

Exatamente o tipo de garotas que nós curtimos!

Quero me corresponder com fãs de Freddy, Jason e Michael Myers.
Thiago Nokata — R. Coronel Neca Lemos, 716, Pratápolis, MG. CEP 37970

Me escrevam trocando idéias, fotos e pôsteres sobre os mais badalados filmes de terror.
Tarcísio Torres Silva — R. José Procópio de Andrade Jr. n.º 120, São João da Boa Vista, SP. CEP 13870

Clube Jason Vorhees — Escreva para Murillo Vasconcellos. R. Piauí, 1105, Terra Rica, Paraná. CEP 87890.

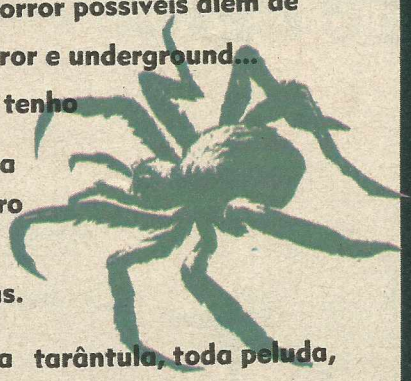
Clube Evil Dead — Os interessados devem enviar dados pessoais e uma frase sobre terror.
Luciano Marques de Souza, QNL 8 Bloco H Casa 4, Taguatinga, DF

FOLGADO

O Guilherme Celebrone de Jaú pede que a gente mande pôsteres para ele. Pô parceiro, ninguém aqui é Papai Noel para ficar dando presente para marmanjo. Idem para outros vários folgados que pediram pôsteres, revistas, fotos etc. — inclusive o Marco Aurélio Ferreira Dias, de São José do Rio Preto, que também perguntou quanto custa a assinatura da TF. Não fazemos assinatura, Marco, o negócio é na banca mesmo! E infelizmente não temos números atrasados da TF para vender — as edições esgotaram!

CARTA PSICOPATA DA TEMPORADA

Após muitas assombrações a me atormentar, decidi escrever-lhes. Acontece que sou vidrado em terror, ocultismo, bruxaria, vampirismo, tortura, psicose, espiritismo, videossangria, assombrações, enigmas, ficção, canibalismo, humor-negro e todas as formas de horror possíveis além de muita HQ de terror e underground...



Só para lhes dizer, tenho em meu quarto numa enorme caixa de vidro uma coleção de aranhas e lagartixas.

Minha favorita é uma tarântula, toda peluda, que consegui no laboratório da faculdade. Eu a chamo de Mary Jane, que é o nome da atual esposa do Homem-Aranha nas suas HQs.

Solicito também uma relação de filmes de terror que tenham em sua trilha-sonora alguma música de psychobilly ou rockabilly.

Só para terminar, digo que quero me corresponder com qualquer pessoa alienada em terror e todo o lixo cerebral classe Z.

Abraços esfoladores e cumprimentos sanguinolentos !!!

Yeahhhh!!

Lincoln Cadillac — R. Tiradentes, 444, Ijuí, RS. CEP 98700

E pensar que um maníaco desse está solto por aí! Sobre psychobilly, boa sugestão. Vamos preparar uma matéria sobre rock em filmes de terror e ficção.

ESCREVA! Sua participação é megaimportante. Diga o que você achou da nova TF, que assuntos você quer ver na revista. Fale mal! Critique! Gostamos mais quando vocês criticam alguma coisa que não gostam do que quando ficam só "essa revista é maravilhosa, divina etc.". Queremos melhorar a revista cada vez mais e precisamos da sua opinião!

Aviso importante 1: infelizmente tivemos de suspender temporariamente o serviço de resposta pelo correio para os leitores. Sorry. Aviso 2: as cartas publicadas nesta seção poderão ser editadas por questão de espaço.

Cartas para: Editor de SET TERROR E FICÇÃO
Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05477, São Paulo, SP

Na próxima *Terror e Ficção*

O novo *Evil Dead*, EXÉRCITO DAS TREVAS!!

Uma prévia do DRÁCULA de Francis Coppola
Uma entrevista exclusiva com o pai do filme B, ROGER CORMAN!

A história de PERDIDOS NO ESPAÇO além de Ultraman, *Guerra Nas Estrelas*, quadrinhos, RPGs, videolançamentos, animação, um guia para você fazer em casa a orelha do Spock e muito mais! Não perca!!

TERROR & FICÇÃO

Love means never having to say you're ugly.

JAMES H. NICHOLSON and SAMUEL Z. ARKOFF present

VINCENT PRICE

JOSEPH COTTEN

the abominable dr. phibes

also starring

HUGH GRIFFITH and **TERRY-THOMAS** presenting VIRGINIA NORTH as Vulnavia

WRITTEN BY JAMES WHITON and WILLIAM GOLDSTEIN · PRODUCED BY LOUIS M. HEYWARD and RONALD S. DUNAS

EXECUTIVE PRODUCERS SAMUEL Z. ARKOFF and JAMES H. NICHOLSON · ORIGINAL MUSIC COMPOSED BY BASIL KIRCHIN · DIRECTED BY ROBERT FUEST

GP ALL AGES ADMITTED Parental Guidance Suggested

COLOR BY MOVIELAB An AMERICAN INTERNATIONAL Picture

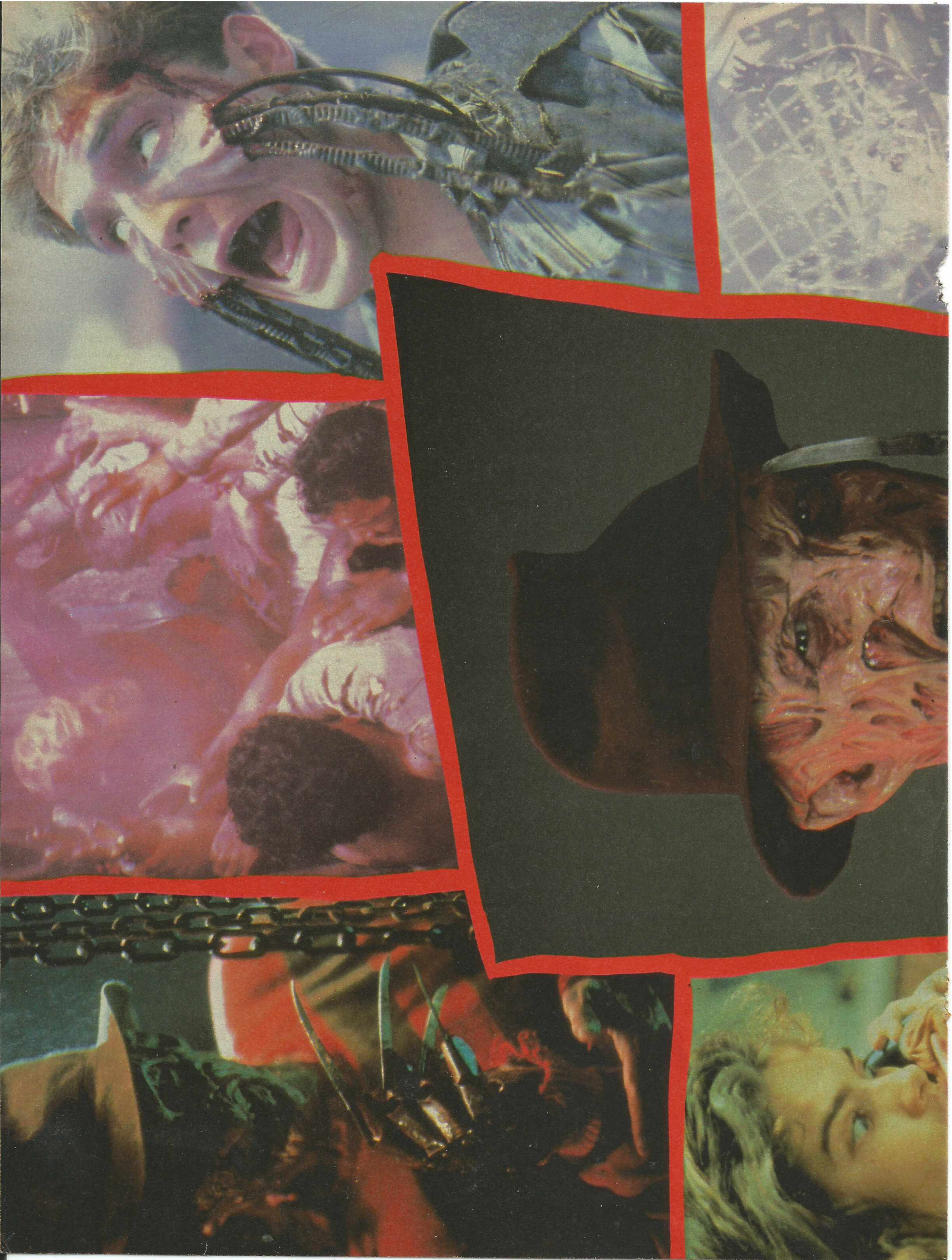
COPYRIGHT ©1971 AMERICAN INTERNATIONAL PICTURES, INC.

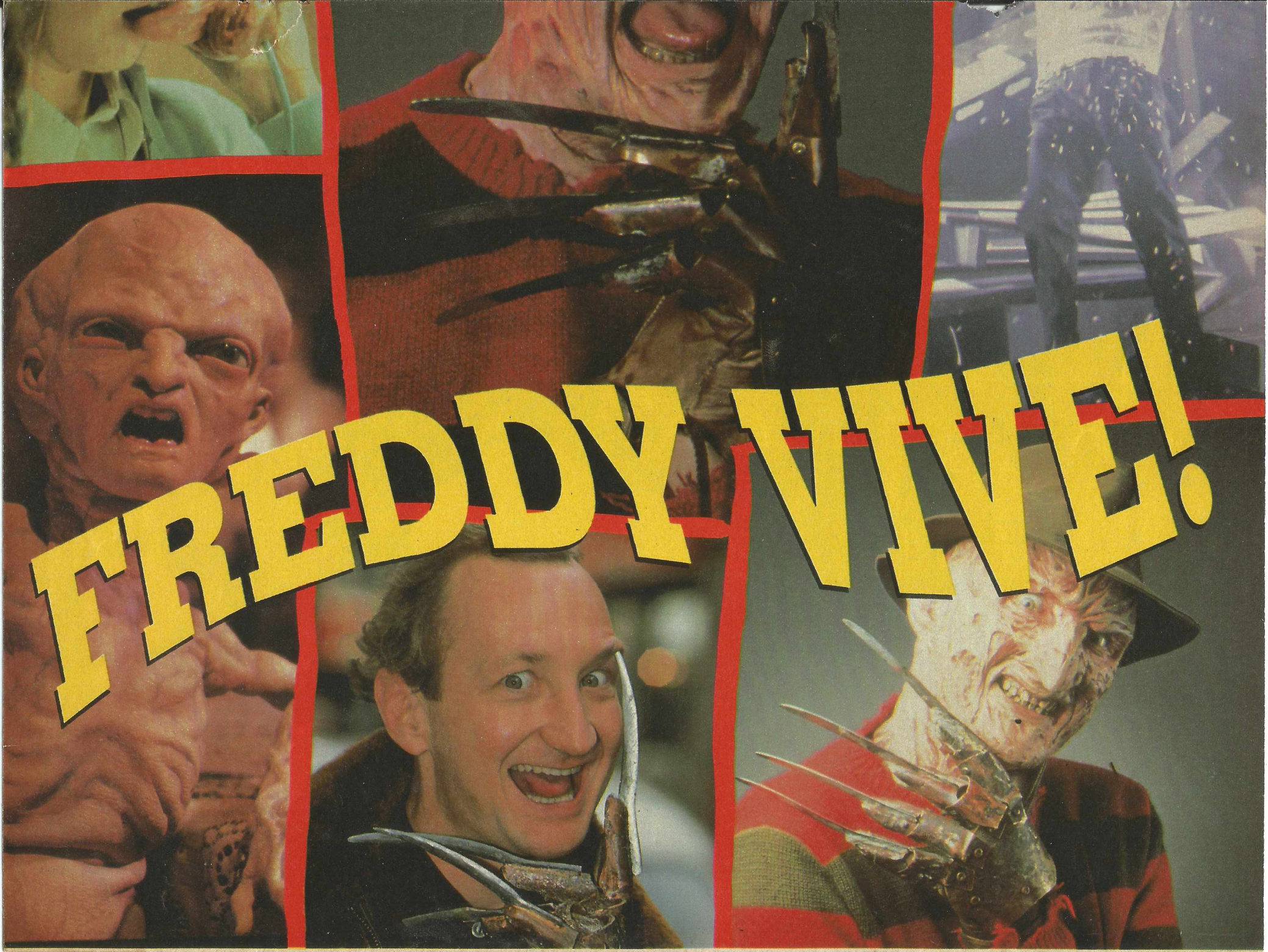
ENTRE EM AÇÃO!

REVISTA AÇÃO GAMES

TODOS OS MESES NAS BANCAS.

EDITORA AZUL

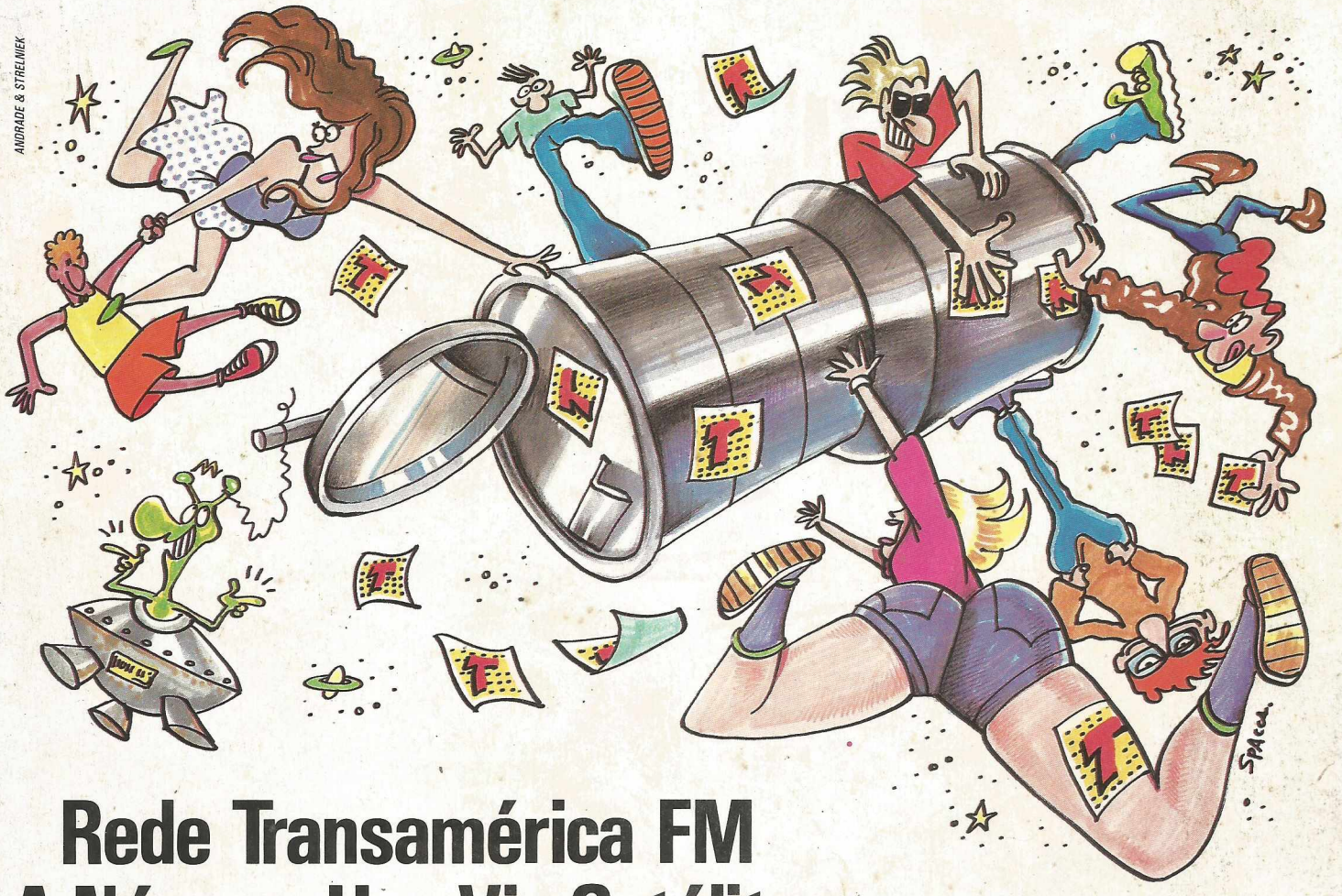



FREDDY VIVE!

TERROR & FICÇÃO

Graças à Transamérica, o FM nunca esteve tão por cima.

ANDRADE & STRELNIEK



Rede Transamérica FM
A Número Um, Via Satélite.

Olha só como a Transamérica está contribuindo para elevar o nível do FM. A partir de agora o sistema TranSat está transmitindo de forma pioneira, via satélite, em estéreo, para todo o país, integrando as principais cidades brasileiras. O futuro do rádio está só começando e milhões de ouvintes, jovens e qualificados, estão ligados na emissora mais irreverente, criativa e copiada do FM, simultaneamente e ao vivo.

Esta é também uma vantagem para agências e anunciantes, que passam a contar com uma alternativa ágil e eficaz para atingir todo este público, em âmbito nacional.

TRANSAT
Rede Transamérica FM
Via Satélite

Desse jeito a Transamérica coloca o rádio em sintonia direta com o século XXI. E ninguém pode mais reclamar do nível do FM: agora ele subiu na vida.

REDE TRANSAMÉRICA FM